

L. FRANK BAUM
DOROTHY
E O MÁGICO DE

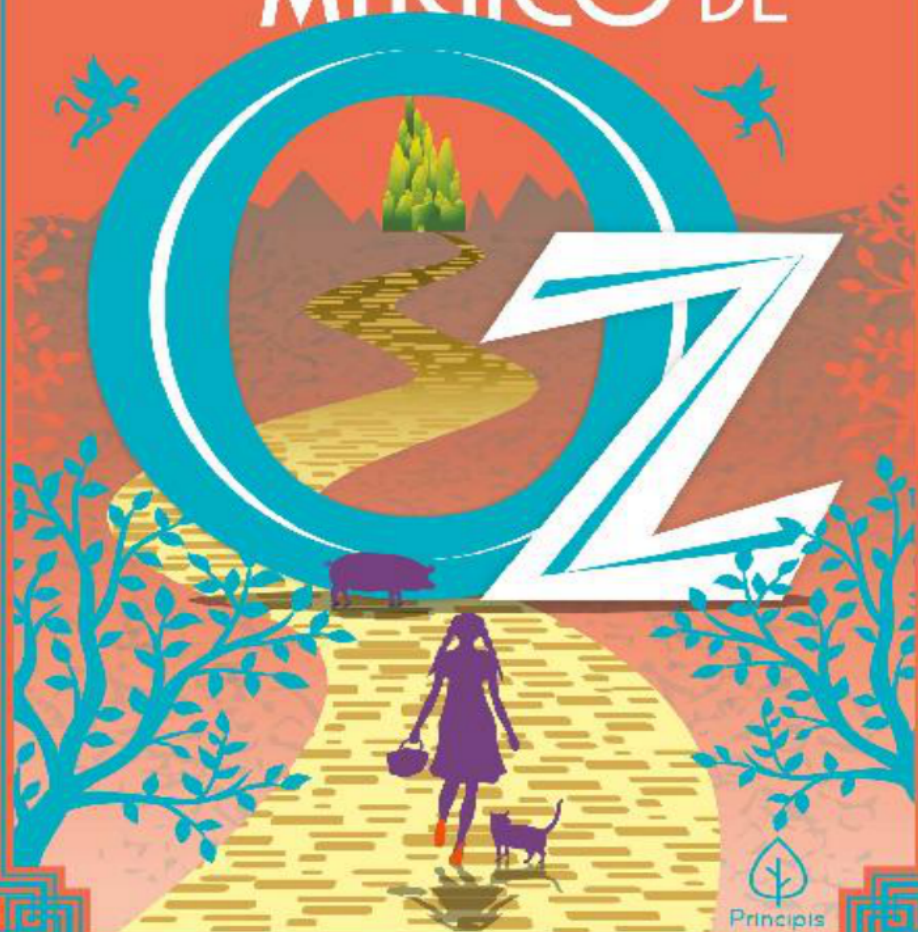


Principis

VISIT...

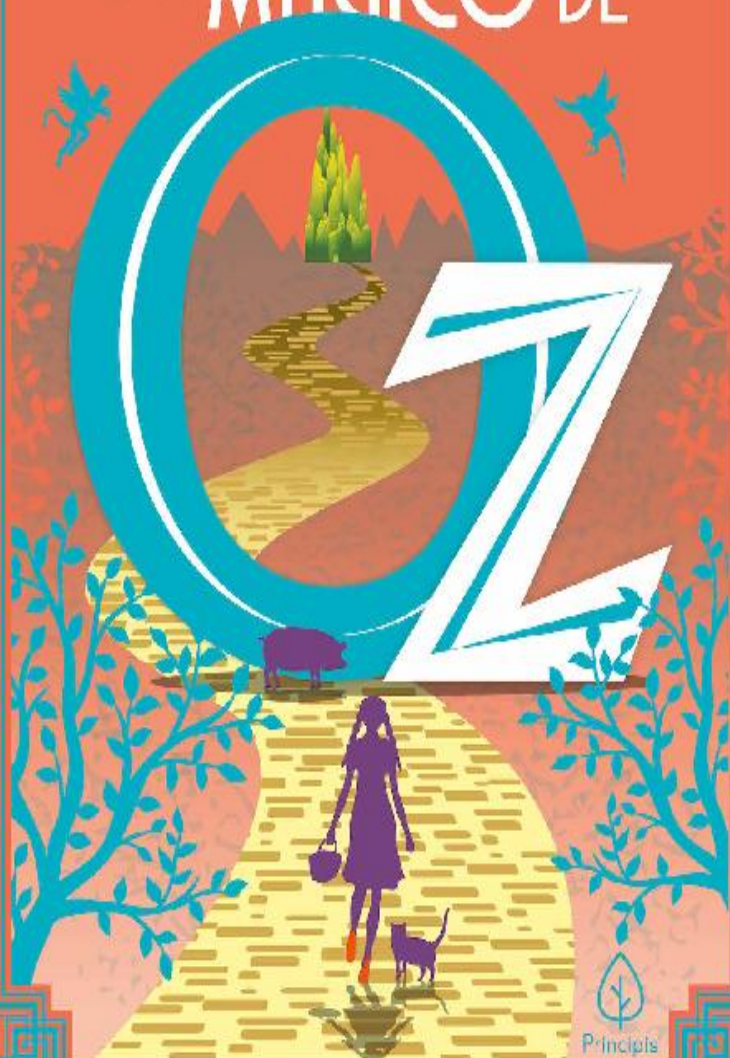
LANZAROTE
Caliente.COM

L. FRANK BAUM
DOROTHY
E O MÁGICO DE



L. FRANK BAUM

DOROTHY E O MÁGICO DE



L.FRANK BAUM

DOROTHY E O MÁGICO DE



Tradução
Karine Simões

Principis

Traduzido do original em inglês

Dorothy and the Wizard in Oz

Texto

L. Frank Baum

Tradução

Karine Simões

Preparação

Otacílio Palareti

Revisão

Fátima Couto

Produção editorial

Ciranda Cultural

Diagramação

Linea Editora

Design de capa

Ciranda Cultural

Ebook

Jarbas C. Cerino

Imagens

welburnstuart/Shutterstock.com;

Juliana Brykova/Shutterstock.com;

shuttersport/Shutterstock.com;

yuriysirkunov/Shutterstock.com;

Reinke Fox/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

B347d Baum, L. Frank

Dorothy e o mágico de Oz [recurso eletrônico] / L. Frank Baum ; traduzido por Karine Simões. - Jandira, SP : Principis, 2021.

144 p. ; ePub ; 1,7 MB. - (Terra de Oz)

Tradução de: Dorothy and the wizard in Oz

Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-518-2 (Ebook)

1. Literatura infantil. 2. Romance. 3. Literatura americana. I. Simões, Karine. II. Título. III. Série.

2021-1975

CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5

2. Literatura infantil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de

maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Um registro fiel das incríveis aventuras em um mundo subterrâneo e de como, com a ajuda de seus amigos Zeb Hugson, Eureka, a gatinha, e Jim, o cavalo de carga, Dorothy finalmente retorna à maravilhosa Terra de Oz.

por L. Frank Baum, “Historiador Real de Oz”.



AOS MEUS LEITORES

Não adianta, as crianças não me deixam parar de contar histórias sobre a Terra de Oz. Eu conheço muitas outras narrativas e espero contá-las algum dia; mas por enquanto meus amáveis tiranos não me possibilitam fazer isso. Eles gritam: “Oz! Oz! Queremos saber mais sobre Oz, sr. Baum!”, e o que eu poderia fazer, senão obedecer a seus comandos? Este livro é nosso – meu e das crianças, pois elas me deram milhares de sugestões para ele, e eu tentei inseri-las o máximo que pude para encaixá-las na história.

Após o maravilhoso sucesso de *Ozma de Oz*, ficou claro que Dorothy se tornaria uma personagem fixa nos livros. Todos amam Dorothy, e, como um dos meus amiguinhos costuma dizer: “Sem ela, não é uma história de Oz de verdade”. Então, novamente, aqui está ela, doce, gentil e inocente como sempre, sendo a heroína de outra aventura estranha.

Houve muitos pedidos de meus pequenos correspondentes para que tivesse “mais coisas sobre o Mágico”. Parece que nosso camarada fez muitos amigos no primeiro livro de Oz, apesar de ele abertamente se assumir um “farsante”. As crianças acompanharam sua viagem em direção ao céu em um balão, e todos estavam esperando que ele descesse novamente. E qual seria minha alternativa a não ser contar o que aconteceu com ele depois disso? Vocês irão encontrá-lo nestas páginas, exatamente o mesmo mágico farsante de antes.

Uma coisa que as crianças me pediram que eu achei impossível de fazer foi pôr o Totó, o cachorrinho preto de Dorothy, que é muito querido entre meus leitores. Mas vocês verão, quando começarem a leitura, que Totó estava no Kansas enquanto Dorothy estava na Califórnia, por isso ela teve que começar

sua aventura sem ele. Neste livro, Dorothy levou sua gatinha com ela em vez de seu cachorro, mas no próximo livro de Oz, se eu tiver permissão para escrever um, pretendo me aprofundar na história de Totó.

A princesa Ozma, a quem amo tanto quanto meus leitores, novamente é introduzida nesta história, assim como vários de nossos velhos amigos de Oz. Vocês também conhecerão Jim, o cavalo de carga, os nove leitõesinhos e Eureka, a gatinha. Lamento que a gatinha não tenha se comportado tão bem quanto deveria, mas talvez ela não tenha sido educada adequadamente. Como sabem, Dorothy a encontrou, e ninguém sabe quem eram seus pais.

Acredito, meus queridos, que sou o contador de histórias mais orgulhoso que já existiu. Muitas vezes, lágrimas de satisfação e alegria enchiam meus olhos enquanto eu lia as mensagens carinhosas, amorosas e curiosas que vinham a mim através das cartas dos meus pequenos leitores. Por ter agradado, cativado e conquistado a amizade de vocês, e talvez até o amor, através de minhas histórias, para mim, esta é uma conquista tão grande quanto me tornar presidente dos Estados Unidos. Na verdade, eu iria preferir ser seu contador de histórias, nestas condições, do que ser o presidente, porque vocês me ajudaram a cumprir a ambição da minha vida, e sou muito grato a vocês, meus queridos, mais do que posso expressar em palavras.

Tento responder às cartas dos meus correspondentes, mas às vezes há tantas que acaba passando muito tempo até vocês obterem uma resposta. Mas sejam pacientes, suas cartas são uma ótima retribuição para a agradável tarefa de preparar esses livros. Além disso, tenho orgulho de reconhecer que eles são parcialmente seus, pois suas sugestões muitas vezes me guiam ao contar as histórias, e tenho certeza de que elas não seriam tão boas sem suas inteligentes e atenciosas contribuições.

L. FRANK BAUM
Coronado, 1908



○ TERREMOTO

O trem de Frisco estava bastante atrasado. Ele deveria ter chegado à ferrovia de Hugson à meia-noite, mas eram cinco horas da manhã, e o alvorecer cinzento já estava surgindo ao leste quando o trenzinho apitou ao passar pelo galpão aberto que dava para a estação. Quando ele finalmente parou, o condutor falou bem alto:

– Estação de Hugson!

Imediatamente, uma menina carregando uma maleta de vime em uma mão, uma gaiola redonda coberta com jornais na outra e uma sombrinha embaixo do braço levantou-se de seu assento e caminhou até a porta do vagão. O condutor a ajudou a sair, e então o maquinista deu partida em seu trem novamente, fazendo-o bufar, apitar e mover-se nos trilhos para longe. A razão de ele estar tão atrasado foi porque durante toda a noite houve momentos em que a terra sólida estremeceu sob ele, e o maquinista teve medo de que a qualquer momento os trilhos pudessem se soltar e acontecer um acidente com seus passageiros. Por isso ele fez o percurso lentamente e com cautela.

A menina ficou observando a locomotiva desaparecer em uma curva e só então se virou para ver onde estava. A estação de Hugson estava vazia, exceto por um velho banco de madeira que não parecia muito convidativo. Ela tentou olhar através da suave luz acinzentada, mas não avistou nenhuma casa perto da ferrovia, e também não havia ninguém à vista. Depois de um tempo, a criança encontrou um cavalo e um cabriolé perto de um grupo de árvores a uma curta distância. Ela foi em direção a ele e percebeu que o cavalo estava amarrado a uma árvore, imóvel, com a cabeça baixa quase alcançando o chão.

Era um cavalo grande, alto e magro, com pernas longas, joelhos e patas grandes. Ela podia facilmente contar as costelas que sobressaíam em sua pele, e sua cabeça era longa, parecendo grande demais para ele, como se não lhe servisse. Seu rabo era curto e desgrenhado, e seu arreio tinha sido quebrado em muitos lugares e preso novamente com cordas e pedaços de arame. A charrete parecia quase nova, pois tinha o toldo brilhante e cortinas laterais. Ao dar a volta pela frente, para poder olhar como era na parte de dentro, ela viu um menino encolhido no assento, dormindo profundamente.

Ela largou a gaiola e o cutucou com a sombrinha. Logo ele acordou, sentou-se e esfregou os olhos rapidamente.

– Olá! – disse ele, ao vê-la. – Você é Dorothy Gale?

– Sim – respondeu ela, olhando fixamente para o cabelo despenteado e para os olhos cinzentos que piscavam. – Você veio para me levar ao Rancho Hugson?

– Claro! – respondeu ele. – Você chegou de trem?

– Eu não poderia chegar aqui de outra forma – disse ela.

Ele riu disso, dando uma gargalhada alegre e franca. Saltando do cabriolé, ele colocou a mala de Dorothy sob o assento e sua gaiola à frente, no chão.

– Canários? – perguntou ele.

– Ah, não. É apenas Eureka, minha gatinha. Achei que essa seria a melhor maneira de transportá-la.

O menino concordou.

– Eureka é um nome engraçado para um gato – comentou.

– Eu a chamei assim porque a encontrei – explicou ela –, e tio Henry sempre diz “Eureka!” quando descobre algo.

– Tudo certo, pode entrar.

Ela subiu na charrete e ele entrou em seguida pegou as rédeas, sacudiu-as e disse:

– Upa!

Mas o cavalo não se moveu. Dorothy pensou tê-lo visto ele mexer uma das orelhas caídas, mas foi só isso.

– Upa! – falou o menino novamente.

O cavalo continuou parado.

– Talvez – disse Dorothy –, se você o desamarrasse, ele começasse a andar.

O menino riu alegremente e pulou para fora.

– Acho que ainda estou meio dormindo, mas Jim sabe das coisas, não é, Jim? – disse ele, soltando o cavalo e dando leves tapinhas no focinho comprido do animal.

Então ele voltou para a charrete e pegou as rédeas. O cavalo se afastou da árvore, virou-se devagar e começou a trotar pela estrada arenosa, que mal se via devido à penumbra.

– Pensei que aquele comboio nunca viria – observou o rapaz. – Fiquei esperando naquela estação por cinco horas.

– Tivemos muitos terremotos – disse Dorothy. – Você não sentiu o chão tremer?

– Sim, mas estamos acostumados com essas coisas na Califórnia – respondeu ele. – Eles não nos assustam.

– O condutor disse que foi o pior terremoto que ele já presenciou.

– Foi mesmo? Então deve ter acontecido enquanto eu estava dormindo – disse ele, pensativo.

– Como está o tio Henry? – ela perguntou após uma pausa durante a qual o cavalo continuou a trotar com passos longos e regulares.

– Está muito bem. Ele e o tio Hugson estão adorando a visita.

– O sr. Hugson é seu tio? – ela perguntou.

– Sim. Tio Bill Hugson casou-se com a irmã da esposa de seu tio Henry, então devemos ser primos de segundo grau – disse o rapaz, em um tom divertido. – Eu trabalho para o tio Bill em seu rancho, e ele me paga seis dólares por mês mais minha pensão.

– Não é um bom negócio? – ela perguntou em tom de incerteza.

– Ora, é muito bom para o tio Hugson, mas não para mim. Sou um excelente trabalhador. Eu trabalho tanto quanto durmo – ele acrescentou, rindo.

– Qual é o seu nome? – disse Dorothy, reparando que gostava do jeito do menino e do tom alegre de sua voz.

– Não é muito bonito – respondeu ele, como se estivesse um pouco envergonhado. – Meu nome é Zebediah, mas as pessoas me chamam de Zeb. Você estava na Austrália, certo?

– Sim, com o tio Henry – respondeu ela. – Chegamos a San Francisco há uma semana, e o tio Henry foi visitar o Rancho Hugson, enquanto eu fiquei alguns dias na cidade com alguns amigos que conhecemos.

– Quanto tempo você vai ficar conosco? – ele perguntou.

– Apenas um dia. Amanhã, tio Henry e eu devemos voltar para o Kansas. Ficamos fora por muito tempo e estamos ansiosos para voltar para casa.

O menino chicoteou o cavalo ossudo e ficou pensativo. Depois, ele começou a dizer algo para o seu companheiro, mas antes que pudesse falar, a charrete começou a balançar perigosamente de um lado para outro, e a terra

pareceu erguer-se diante deles. No minuto seguinte, houve um estrondo agudo, e, a seu lado, Dorothy viu o chão abrir-se em uma ampla rachadura e depois se fechar novamente.

– Meu Deus! – ela gritou, agarrando a barra de ferro do assento. – O que foi isso?

– Foi um terremoto horrível – respondeu Zeb, com o rosto pálido. – Quase nos pegou, Dorothy.

O cavalo parou bruscamente e ficou firme como uma rocha. Zeb balançou as rédeas e pediu que ele continuasse, mas Jim era teimoso. Então, o menino estalou o chicote no lombo do animal, e, depois de um gemido baixo de protesto, Jim caminhou lentamente ao longo da estrada.

Os dois ficaram sem o que dizer por alguns minutos. Ainda havia a sensação de perigo no ar, e, de tempos e tempos, a terra voltava a tremer. As orelhas de Jim estavam em pé, e todos os músculos de seu corpo ficavam tensos conforme ele trotava em direção ao rancho. Ele não estava indo muito rápido, mas em seus flancos começaram a aparecer gotículas de transpiração, e, de vez em quando, ele tremia como vara verde.

O céu tinha escurecido novamente, e o vento fazia sons estranhos de soluços cobrindo todo o vale. De repente, houve um som de rasgo, e a terra se dividiu em outra grande fenda logo abaixo do local onde o cavalo estava parado. Com um relincho selvagem de terror, o animal caiu no precipício, puxando junto consigo o cabriolé e seus ocupantes.

Dorothy agarrou com força a parte superior do cabriolé, e o menino fez o mesmo. Tudo aconteceu tão rápido, que não deu tempo de pensar. A escuridão os encurralou por todos os lados, e, em um silêncio esbaforido, eles esperaram pela queda, imaginando que seriam esmagados pelas rochas irregulares ou soterrados nas profundezas debaixo da fenda que logo voltaria a se fechar.

A horrível sensação de queda, a escuridão e os ruídos aterrorizantes eram mais do que Dorothy podia suportar, e, por alguns momentos, a menina perdeu a consciência. Zeb, sendo menino, não desmaiou, mas ficou muito assustado e agarrou-se firme à charrete, esperando que cada momento fosse o último.



A CIDADE DE VIDRO

Quando Dorothy recuperou os sentidos, eles ainda estavam caindo, mas não tão rápido. A parte superior do cabriolé reteve o ar como um paraquedas ou um guarda-chuva aberto ao vento e os segurou de modo que flutuassem, descendo com um movimento suave, amenizando assim aquela experiência desagradável. A pior parte era o terror de esperar chegar ao fundo da grande fenda na terra e o medo natural de uma morte súbita e iminente os alcançar a qualquer momento.

Vários sons de colisões ecoaram bem acima da cabeça deles quando a terra se juntou onde tinha se dividido, e pedras e pedaços de argila começaram a chocar-se ao redor deles por todos os lados. Eles não podiam vê-los, mas podiam senti-los caindo e batendo no toldo da charrete, e Jim gritou quase como um ser humano quando uma pedra lhe atingiu o corpo ossudo. O pobre cavalo não chegou a se machucar porque tudo estava caindo ao mesmo tempo, o cabriolé e as pedras; a diferença é que as pedras caíam mais rápido, já que eles estavam sendo refreados pela pressão do ar. O animal estava de fato mais assustado do que ferido.

Há quanto tempo eles estavam nessa situação, Dorothy não podia nem imaginar. Estava tudo muito confuso. Mas, em algum momento, enquanto olhava para o abismo negro com um aperto no coração, pouco a pouco, ela começou a enxergar a forma do cavalo Jim, com a cabeça erguida, as orelhas eretas e as longas pernas espalhando-se em todas as direções enquanto ele cambaleava pelo espaço. Além disso, ao virar a cabeça, ela descobriu que podia ver Zeb ao seu lado, imóvel e em silêncio assim como ela.

Depois de suspirar, Dorothy começou a respirar com mais facilidade, pois percebeu que não estava mais perto da morte, afinal, e que provavelmente aquela seria uma nova aventura, tão estranha e incomum quanto as que tinha vivido antes. Com esse pensamento em mente, a menina animou-se e inclinou a cabeça para o lado para ver de onde vinha uma luz estranha. Bem abaixo dela, viam-se seis bolas grandes e brilhantes suspensas no ar. A maior era branca e lembrava-lhe o Sol. Em torno dela, estavam dispostas, como as cinco pontas de uma estrela, as outras cinco bolas brilhantes, sendo uma rosa, uma violeta, uma amarela, uma azul e uma cor de laranja. Este esplêndido grupo de sóis coloridos enviava raios em todas as direções, e, à medida que o cavalo e a charrete com Dorothy e Zeb desciam e chegavam mais perto das luzes, os raios começavam a assumir os matizes delicados de um arco-íris, tornando-se mais distintos conforme se aproximavam, até todo o espaço ficar brilhantemente iluminado.

Dorothy estava muito atordoada com aquilo tudo, mas quando viu uma das grandes orelhas de Jim ficar violeta e a outra rosa, imaginou que sua cauda deveria estar amarela e seu corpo listrado de azul e laranja, como as listras de uma zebra. Então, ela olhou para Zeb, cujo rosto estava azul e o cabelo, rosa, e deu uma risadinha nervosa.

– Não é divertido? – disse ela.

Apavorado, o menino a fitou, arregalando os olhos. Dorothy tinha uma faixa verde no centro do rosto, onde as luzes azuis e amarelas se juntavam, e sua aparência parecia aumentar o medo de Zeb.

– E-eu não v-vejo n-nada de engraçado nisso! – ele gaguejou.

Nesse momento, a charrete tombou lentamente para o lado, e o corpo do cavalo também. Eles continuaram caindo, todos juntos, mas o menino e a menina não tiveram dificuldade em permanecer no assento, exatamente como estavam antes. Quando foi possível, eles viraram a parte inferior para cima e continuaram a rolar, até ficarem com o lado certo para cima novamente. Enquanto isso, Jim lutava freneticamente, chutando o ar com as patas, mas, ao conseguir voltar para sua posição inicial, o cavalo disse, em tom de voz aliviado:

– Bem, assim está melhor!

Dorothy e Zeb se entreolharam, maravilhados.

– Seu cavalo pode falar? – ela perguntou.

– Eu não sabia que podia – respondeu o rapaz.

– Essas foram as primeiras palavras que eu disse – gritou o cavalo, respondendo a eles –, e não sei explicar o motivo por que falei. Vocês me

meteram em uma bela enrascada, não é?

– Quanto a isso, também estamos no mesmo barco – respondeu Dorothy, animada –, mas deixe isso para lá. Tenho certeza de que algo irá acontecer em breve.

– Claro! – resmungou o cavalo. – E em seguida iremos lamentar o que aconteceu.

Zeb estremeceu. Tudo era tão terrível e irreal que ele não conseguia entender o que estava havendo, e isso era motivo suficiente para ter medo.

Eles se aproximaram rapidamente dos sóis de cores flamejantes. A luz era tão intensa que lhes ofuscou os olhos, e eles tiveram que cobrir o rosto com as mãos para não ficarem cegos. Não havia calor nos sóis coloridos, no entanto, eles só puderam abrir os olhos novamente depois que passaram por eles e o toldo do cabriolé pôde bloquear grande parte dos raios penetrantes.

– Temos de chegar ao fundo alguma hora – comentou Zeb, com um suspiro profundo. – Não podemos continuar caindo para sempre.

– Claro que não – disse Dorothy. – Estamos em algum lugar no centro da Terra, e provavelmente não iremos demorar muito até chegar ao outro lado. Mas é um grande buraco, sabe?

– Terrivelmente grande! – respondeu o menino.

– Estamos chegando a algum lugar agora – anunciou o cavalo.

Com isso, os dois colocaram a cabeça para fora da charrete e olharam para baixo. Sim, havia terra logo abaixo, mas eles estavam flutuando muito, muito devagar, tão devagar que não poderiam mais chamar aquilo de queda. Tinham tempo de sobra para se animar e dar uma boa olhada.

Eles avistaram uma paisagem com montanhas e planícies, lagos e rios, muito parecidos com os da superfície da Terra, mas todo o cenário era esplendidamente colorido pelas luzes variadas dos seis sóis. Por todos os lados havia grupos de casas que pareciam feitas de vidro transparente, pois brilhavam intensamente.

– Tenho certeza de que não corremos perigo – disse Dorothy, séria. – Estamos caindo tão lentamente que não há mais risco de ficarmos em pedaços quando pousarmos, e esta terra à qual estamos chegando parece muito bonita.

– Mas nunca mais voltaremos para casa! – lamuriou-se Zeb.

– Não tenho tanta certeza disso – respondeu ela. – Mas não vamos nos preocupar com essas coisas, Zeb. Não há nada que possamos fazer por enquanto, e sempre me disseram que pensar no problema não faz com que ele desapareça.

O menino ficou em silêncio, sem resposta para um discurso tão sensato, e

logo ambos ficaram totalmente perplexos ao olharem para o estranho cenário abaixo deles. Pareciam estar caindo bem no meio de uma grande cidade com enormes construções com domos de vidro e pináculos afiados como pontas de lanças. Caso caíssem em cima de algum deles, provavelmente sofreriam ferimentos graves.

Jim, o cavalo, que também tinha visto essas torres, ergueu as orelhas de medo, enquanto Dorothy e Zeb prendiam a respiração em suspense. Mas eles conseguiram flutuar suavemente sobre um telhado amplo e plano até finalmente parar.

Quando Jim sentiu algo firme sob os pés, as pernas da pobre criatura tremeram tanto que ele mal conseguia ficar de pé. Na mesma hora, Zeb saltou da charrete para o telhado de forma tão desajeitada e apressada que acabou chutando a gaiola de Dorothy, que rolou pelo telhado, fazendo com que o fundo saísse. Imediatamente, uma gatinha rosa saiu perturbada da gaiola, sentando-se no telhado de vidro. Ela bocejou e piscou os olhos redondos.

– Oh! – disse Dorothy. – Aqui está Eureka.

– É a primeira vez que vejo um gato rosa – disse Zeb.

– Eureka não é rosa, ela é branca. É essa luz estranha que está colorindo o pelo dela.

– Onde está o meu leite? – perguntou a gatinha, olhando para o rosto de Dorothy. – Estou morrendo de fome.

– Oh, Eureka! Você pode falar?

– Falar? Eu estou falando? Meu Deus, nem acredito! Não é engraçado?! – perguntou a gatinha.

– Está tudo errado – contestou Zeb. – Os animais não deveriam falar, mas até o velho Jim tem dito coisas desde que sofremos esse acidente.

– Não vejo nada de errado nisso – comentou Jim, com um tom áspero. – Pelo menos não é mais errado do que as outras coisas que estamos vendo. O que será de nós agora?

– Não sei – respondeu o rapaz, olhando à sua volta com curiosidade.

As casas da cidade eram todas de vidro, tão claras e transparentes que se podia ver através das paredes como se fossem janelas. Dorothy viu, sob o telhado no qual pisava, vários cômodos usados como salas de descanso, e também uma série de formas estranhas amontoadas nos cantos dessas salas.

O telhado ao lado deles estava quebrado. Havia um grande buraco nele, e pedaços de vidro espalhados em todas as direções. Um campanário próximo também estava quebrado, e os fragmentos se aglomeravam ao lado dele. Outras construções estavam trincadas em alguns lugares ou tinham cantos

lascados; mas elas deviam ser muito bonitas antes de esses acidentes acontecerem e estragarem sua perfeição, pois os matizes dos sóis coloridos caíam suavemente sobre a cidade de vidro, dando aos edifícios vários tons delicados e inconstantes, muito bonitos de ver.

Estranhamente, nenhum som havia quebrado a quietude do lugar desde que os estranhos tinham chegado, exceto o das próprias vozes. Eles começaram a se perguntar se não haveria pessoas que habitassem aquela magnífica cidade do mundo subterrâneo.

De repente, um homem apareceu em um buraco no telhado ao lado daquele em que estavam. Ele não era muito grande, mas era bem-apessoado e tinha um belo rosto, com feições calmas e serenas como as de uma pintura. Suas roupas se ajustavam confortavelmente a seu corpo e eram maravilhosamente coloridas em tons brilhantes de verde, que variavam conforme os raios de sol as tocavam, mas ainda assim mantendo sua cor original.

O homem deu um ou dois passos no telhado de vidro antes de notar a presença dos estranhos, e então parou abruptamente. Seu rosto plácido não demonstrava medo ou surpresa, mas ele devia ter ficado bem assustado e com medo, pois, enquanto caminhava rapidamente para a extremidade mais distante do telhado, seus olhos permaneciam fixos na forma desengonçada do cavalo, e mesmo já estando longe, tamanha era sua surpresa, que ele manteve a cabeça voltada para trás por cima do ombro para olhar o estranho animal.

– Cuidado! – gritou Dorothy, ao perceber que o belo homem não estava olhando onde pisava. – Tenha cuidado ou vai cair!

Mas ele não prestou atenção ao aviso dela. Chegou à beira do telhado alto, deu um passo à frente no ar e caminhou tão calmamente como se estivesse em solo firme. A garota, muito surpresa, correu para se inclinar na beirada do telhado e viu o homem caminhando rapidamente pelo ar em direção ao solo. Logo ele chegou à rua e desapareceu, passando por uma porta de vidro de um dos edifícios.

– Que estranho! – ela exclamou, respirando fundo.

– Sim. É estranho, mas é muito divertido – comentou a gatinha.

Dorothy virou-se para olhar seu animal de estimação e a viu andando no ar a cerca de meio metro da beirada do telhado.

– Volte, Eureka! – ela chamou, angustiada. – Você com certeza vai cair e morrer.

– Eu tenho nove vidas – disse a gatinha, ronronando baixinho enquanto andava em círculos para depois voltar para o telhado –, mas não posso perder

nenhuma delas caindo nesta terra, porque eu realmente não conseguiria cair nem se eu quisesse.

– O ar aguenta o seu peso? – perguntou a garota.

– Claro! Você não está vendo? – e novamente a gatinha perambulou no ar e voltou à beirada do telhado.

– É maravilhoso! – disse Dorothy.

– Que tal deixarmos a Eureka descer à rua para encontrar alguém que possa nos ajudar? – sugeriu Zeb, ainda mais surpreso do que Dorothy com esses estranhos acontecimentos.

– Talvez possamos nós mesmos andar no ar – respondeu a menina.

Zeb sentiu um frio na espinha.

– Eu não me atreveria a tentar – disse ele.

– Quem sabe o Jim tenta primeiro – continuou Dorothy, olhando para o cavalo.

– Quem sabe não – respondeu Jim. – Já passei tempo suficiente sendo deslocado no ar para fazer isso de novo. Eu me contento em ficar neste telhado.

– Mas não caímos no telhado – disse ela. – Quando chegamos aqui, estávamos flutuando muito devagar, e tenho quase certeza de que poderíamos flutuar até a rua sem nos machucarmos. Eureka está caminhando no ar sem problemas.

– Eureka não pesa nem um quilo – respondeu o cavalo, em tom desdenhoso –, já eu peso cerca de meia tonelada.

– Você não pesa tanto quanto pensa, Jim – comentou a menina, balançando a cabeça enquanto olhava para o animal. – Você é extremamente magro.

– Bem... é porque sou velho – disse o cavalo, baixando a cabeça com desânimo – e passo por muita coisa no meu dia a dia, pequenina. Por muitos anos eu puxei charretes turísticas em Chicago, e isso é suficiente para deixar qualquer um magro.

– Ele come o suficiente para engordar, disso tenho certeza – afirmou o rapaz.

– Será? Você se lembra de eu ter tomado café da manhã hoje? – reclamou Jim, ressentindo-se do discurso de Zeb.

– Nenhum de nós fez o desjejum – disse Zeb. – E em tempos como estes é tolice falar de comida.

– Nada é pior do que ficar sem comida – declarou o cavalo, melancólico com a repreensão de seu jovem mestre. – No momento, ninguém sabe dizer se há alguma aveia nesta terra estranha, e se houver, pode ser que seja aveia de

vidro!

– Ah, não! – exclamou Dorothy. – Posso ver vários jardins e campos agradáveis lá embaixo, na fronteira desta cidade, mas para ir até lá, precisaríamos encontrar uma maneira de chegar ao chão.

– Por que não descem? – perguntou Eureka. – Estou com tanta fome quanto o cavalo, e quero meu leite.

– Você pode ir à frente, Zeb? – perguntou a menina, voltando-se para o seu companheiro.

Zeb hesitou. Ele ainda estava pálido e assustado, pois aquela terrível aventura o havia perturbado, mas não queria que Dorothy pensasse que era covarde, então avançou lentamente até a beirada do telhado.

Dorothy estendeu a mão para ele, e Zeb colocou um pé para fora do telhado a uma distância curta da beirada, deixando o pé descansar no ar. Parecia firme o suficiente para caminhar, então tomou coragem e pôs o outro pé. Segurando-lhe a mão, Dorothy o seguiu, e logo ambos estavam andando no ar com a gatinha até passando entre suas pernas.

– Vamos, Jim! – chamou o menino. – Está tudo bem.

Jim se esgueirou até a beirada do telhado para olhar e, sendo um cavalo sensato e bastante experiente, decidiu que poderia fazer o mesmo que eles. Então, com um bufo, um relincho e um movimento da cauda curta, ele trotou do telhado para o ar e imediatamente começou a flutuar em direção à rua. Seu peso o fez cair mais rápido do que os outros, ultrapassando-os, mas quando chegou ao pavimento de vidro, Jim pousou sobre ele tão suavemente que a estrutura não estremeceu.

– Uau! – disse Dorothy, respirando fundo. – Que lugar mais estranho!

As pessoas começaram a sair pelas portas de vidro para ver os recém-chegados, e logo uma grande multidão se reuniu. Havia homens e mulheres, mas nenhuma criança, e todos estavam bem-vestidos e tinham rostos belíssimos. Não havia uma pessoa feia, mas Dorothy não ficou impressionada com a aparência dessas pessoas apenas porque seus traços, tanto a expressão quanto o rosto, pareciam os de bonecas. Eles também não sorriam nem franziam a testa, não demonstravam medo, surpresa, curiosidade ou simpatia. Simplesmente encaravam os estranhos, e prestavam mais atenção em Jim e em Eureka, pois nunca tinham visto um cavalo ou um gato; já as crianças, Dorothy e Zeb, assemelhavam-se a eles.

Logo um homem que usava uma estrela cintilante nos cabelos escuros, juntou-se ao grupo. Ele parecia ser uma autoridade, pois todos se espremeram para deixá-lo passar. Depois de voltar os olhos primeiro para os animais e

depois para as crianças, ele se dirigiu a Zeb, que era um pouco mais alto que Dorothy:

– Diga-me, intruso, foi você quem causou a chuva de pedras?

Por um momento, o menino não entendeu o que ele queria dizer com aquela pergunta. Então, lembrando-se das pedras que haviam caído e passado por eles muito antes de terem chegado ao solo, ele respondeu:

– Não, senhor. Nós não causamos nada. Foi o terremoto.

O homem da estrela ficou um tempo pensando em silêncio sobre o que ouvira e então perguntou:

– O que é um terremoto?

– Não sei – disse Zeb, ainda confuso.

Mas Dorothy, vendo sua perplexidade, respondeu:

– É um tremor de terra. Nesse terremoto, uma grande fenda se abriu e nós caímos, com o cavalo e a charrete, e as pedras que se soltaram das paredes desceram conosco.

O homem da estrela olhou para ela com seus olhos calmos e totalmente inexpressivos.

– A chuva de pedras causou muitos danos à nossa cidade – disse ele. – E estamos certos de que vocês foram os responsáveis por isso, a menos que possam provar sua inocência.

– E como faremos isso? – perguntou a garota.

– Não cabe a mim a resposta. Isso é problema seu, não meu. Vocês devem ir até a Casa do Feiticeiro para descobrirmos a verdade.

– Onde fica a Casa do Feiticeiro? – Dorothy perguntou.

– Vou levá-los até lá. Vamos!

Ele se virou e desceu a rua, e, após um breve momento de hesitação, Dorothy pegou Eureka nos braços e subiu na charrete. O menino sentou-se ao lado dela e disse:

– Upa, Jim!

À medida que o cavalo avançava, puxando a charrete, o povo da cidade de vidro abria caminho para eles, formando uma procissão à sua retaguarda. Lentamente, eles desceram uma rua, subiram outra, viraram para um lado, depois para outro, até que chegaram a uma praça aberta, onde havia um grande palácio de vidro com um domo central e quatro torres elevadas nos cantos.



A CHEGADA DO MÁGICO

A entrada do palácio era grande o suficiente para o cavalo e a charrete entrarem, então eles passaram direto pelo portão e depararam-se com um belo salão elevado. Observando sua chegada, os habitantes do reino imediatamente formaram um círculo pelas laterais da sala espaçosa, deixando o cavalo, a charrete e o homem com a estrela ocuparem o centro.

– Venha até nós, Gwig! – chamou o homem em voz alta.

Na mesma hora, uma nuvem de fumaça surgiu rente ao chão e, em seguida, alastrou-se lentamente em direção à cúpula, revelando um personagem estranho sentado em um trono de vidro bem diante do focinho de Jim. Ele tinha a mesma aparência dos outros habitantes daquela terra, e suas vestes só diferiam das deles por serem amarelas. Mas ele não tinha cabelo algum, e sobre a careca, o rosto e as costas das mãos cresciam espinhos afiados como os dos galhos das roseiras. Havia até um espinho na ponta de seu nariz. Sua aparência era tão engraçada que Dorothy deu uma gargalhada ao vê-lo.

O Feiticeiro, ouvindo a risada, olhou para a menina com olhos frios e cruéis, e seu olhar a fez ficar sóbria em um instante.

– Como você se atreve a invadir a isolada Terra dos Mangaboos junto com essas outras criaturas indesejáveis? – ele questionou severamente.

– Não pudemos evitar – disse Dorothy.

– E por que razão você perversamente enviou a chuva de pedras para quebrar nossas casas? – ele continuou.

– Não fomos nós – declarou a menina.

– Prove! – gritou o Feiticeiro.

– Não temos como provar – respondeu Dorothy, indignada. – Se você tivesse algum senso crítico, saberia que foi o terremoto.

– Só o que sabemos é que ontem veio uma chuva de pedras sobre nós, que nos causou muitos estragos e feriu alguns de nossos cidadãos. Hoje, veio outra chuva de pedras, e logo depois vocês apareceram.

– A propósito – disse o homem da estrela, olhando fixamente para o Feiticeiro –, ontem foi dito que não haveria uma segunda chuva de pedras. No entanto, acabou de ocorrer uma muito pior do que a primeira. Para que serve essa feitiçaria se não consegue acertar as previsões?

– Minha feitiçaria é precisa! – declarou o homem coberto de espinhos. – Eu disse que haveria apenas uma chuva de pedras. Esta segunda foi uma chuva de pessoas, cavalos e charretes. E algumas pedras vieram com eles.

– Haverá mais chuvas? – perguntou o homem da estrela.

– Não, meu príncipe.

– Nem de pedras, nem de gente?

– Não, meu príncipe.

– Você tem certeza?

– Absoluta, meu príncipe. Minha feitiçaria me diz isso.

De repente um homem se aproximou correndo e dirigiu-se ao príncipe depois de fazer uma reverência.

– Há mais maravilhas no ar, meu senhor – disse ele.

Imediatamente, o príncipe e todo o seu povo saíram do palácio para ver o que estava acontecendo. Dorothy e Zeb pularam do cabriolé e correram para descobrir o que era, enquanto o feiticeiro se mantinha calmo em seu trono.

Lá no alto havia objeto que parecia um balão. Ele não estava tão alto quanto os seis sóis coloridos e vinha descendo lentamente pelo ar, tão lentamente que a princípio mal parecia estar se movendo.

A multidão parou e esperou. Era tudo o que lhes restava fazer, pois não podiam sair dali e interromper aquela estranha visão. Apesar de curiosos, não havia como apressar sua queda. As crianças da Terra não foram notadas, já que tinham a estatura média dos mangaboos, e o cavalo havia ficado na Casa do Feiticeiro, com Eureka encolhida, adormecida no assento do cabriolé.

Gradualmente, o balão foi ficando maior, acomodando-se pouco a pouco à Terra dos Mangaboos. Tendo como parâmetro seu próprio coração, acelerado de tanta excitação, Dorothy ficou surpresa ao reparar como os moradores eram pacientes. Para ela, um balão significava outra vinda da superfície da Terra, e a garota torcia para que ele trouxesse alguém capaz de ajudá-los em suas dificuldades.

Em uma hora, o balão aproximou-se o suficiente para ela ver o cesto suspenso embaixo dele; em duas horas, ela podia ver uma cabeça olhando pela lateral do cesto; em três horas, o grande balão acomodou-se lentamente na grande praça em que estavam e pousou no pavimento de vidro.

Então um homenzinho pulou do cesto, tirou a cartola e graciosamente fez uma reverência para a população de mangaboos ao seu redor. Era bem velho, de cabeça longa e totalmente careca.

– Ora! – exclamou Dorothy, espantada. – É Oz!

O homenzinho olhou para a menina, tão surpreso quanto ela, mas sorriu e curvou-se ao responder:

– Sim, minha querida. Eu sou Oz, o Grande e Terrível. E você é a pequena Dorothy, de Kansas. Lembro-me muito bem de você.

– Quem você disse que era? – sussurrou Zeb para a garota.

– É o maravilhoso Mágico de Oz. Você nunca ouviu falar dele?

Só então o homem da estrela se aproximou e parou diante do Mágico.

– Senhor – disse ele –, por que veio à Terra dos Mangaboos?

– Não sabia que terra era, meu filho – respondeu ele, com um sorriso simpático. – E, para ser sincero, este não era meu destino final quando comecei minha jornada. Eu vivo no topo da Terra, o que é muito melhor do que viver dentro dela, Alteza, mas ontem eu subi com o balão e quando desci caí em uma grande fenda causada por um terremoto. Eu tinha deixado tanto gás sair de meu balão que não pude subir novamente, e em poucos minutos a Terra se fechou sobre minha cabeça. Continuei a descer até chegar a este lugar, e se me mostrar uma forma de sair daqui, serei muito grato. Desculpe-me tê-lo incomodado, mas não havia nada que eu pudesse fazer.

O príncipe ouviu com atenção e disse:

– Esta criança, que é da crosta terrestre, assim como você, chamou-o de Mágico. Um mágico seria algum tipo de feiticeiro?

– É melhor – respondeu Oz, prontamente. – Um mágico vale por três feiticeiros.

– Ah, isso você vai ter que provar! – disse o príncipe. – Nós, mangaboos, temos atualmente um dos feiticeiros mais maravilhosos já colhidos de um arbusto, mas ele às vezes comete erros. Você costuma cometer erros?

– Nunca! – declarou o Mágico, ousadamente.

– Oh, Oz! – disse Dorothy. – Você cometeu muitos erros quando estava na maravilhosa Terra de Oz.

– Que absurdo! – disse o homenzinho, ficando vermelho, embora naquele momento um raio de sol violeta estivesse em seu rosto redondo.

– Venha comigo – disse-lhe o príncipe. – Quero que conheça nosso feiticeiro.

O Mágico não gostou do convite, mas não podia se recusar a aceitá-lo. Então ele seguiu o príncipe até o grande salão abobadado, e Dorothy e Zeb entraram também, com a multidão de pessoas vindo logo atrás.

Lá estava o espinhoso Feiticeiro em seu trono, e quando o Mágico o viu, começou a rir, soltando risadinhas cômicas.

– Que criatura absurda! – ele exclamou.

– Ele pode parecer absurdo – disse o príncipe, mantendo o tom –, mas é um excelente feiticeiro. A única falha que encontro nele é que com frequência se engana.

– Nunca me engano – respondeu o Feiticeiro.

– Há pouco tempo você me disse que não haveria mais chuva de pedras ou de gente – disse o príncipe.

– Bem, e então?

– Aqui está outra pessoa que desceu do céu para provar que você estava errado.

– Uma única pessoa não pode ser chamada de “gente” – disse o Feiticeiro. – Se dois caíssem do céu você poderia dizer que eu estava errado, mas a menos que apareça alguém além dele, continuarei afirmando que estou certo.

– Muito inteligente – disse o Mágico, balançando a cabeça como se estivesse satisfeito. – Estou muito contente por encontrar farsantes dentro da Terra, exatamente como os que residem acima dela. Você já esteve em um circo, meu caro?

– Não – disse o Feiticeiro.

– Devia juntar-se a um – declarou o homenzinho, sério. – Eu pertenço ao circo Bailum Barney's. Temos três apresentações simultâneas no mesmo picadeiro e uma coleção de animais exóticos em cativeiro do lado de fora. Será uma boa parceria, eu garanto.

– O que você faz? – perguntou o Feiticeiro.

– Normalmente, eu subo de balão para atrair o público, mas acabei de ter a má sorte de cair do céu, atravessar a terra sólida e pousar bem mais abaixo do que pretendia. Mas deixe isso para lá. Não é todo mundo que tem a chance de ver sua Terra dos Gabazoos.

– Mangaboos – disse o Feiticeiro, corrigindo-o. – Se você é um mágico, deveria ser capaz de chamar as pessoas pelo nome correto.

– Eu sou mágico, pode ter certeza disso. Sou tão bom como mágico quanto você é como feiticeiro.

– É o que vamos ver – disse Gwig.

– Se puder provar que é melhor – disse o príncipe ao homenzinho –, eu o tornarei o mágico-chefe deste domínio. Mas se não...

– O que vai acontecer se eu não conseguir? – perguntou o Mágico.

– Vou impedi-lo de viver e proibi-lo de ser plantado – respondeu o príncipe.

– Isso não parece nada agradável – disse o homenzinho, olhando inquieto para o homem da estrela. – Mas não importa, porque certamente vencerei esse velho espinhoso.

– Meu nome é Gwig – disse o Feiticeiro, voltando os olhos cruéis e desalmados para seu rival. – Deixe-me ver se você consegue igualar sua feitiçaria à que estou prestes a realizar.

Ele acenou com a mão espinhosa e imediatamente pôde-se ouvir o tilintar de sinos. Enquanto a doce melodia tocava, Dorothy procurava por todos os cantos de onde poderia estar vindo o som, mas não encontrou nada naquele imenso salão.

O povo mangaboo ouviu, mas não demonstrou grande interesse. Essa era uma das coisas que Gwig geralmente fazia para provar que era um feiticeiro.

Agora era a vez do Mágico. Então ele sorriu para a assembleia e perguntou:

– Será que alguém me emprestaria um chapéu?

Ninguém se manifestou, porque os mangaboos não usavam chapéus, e Zeb acabara perdendo o seu enquanto flutuava pelo ar.

– Ahã! – disse o Mágico. – Alguém poderia me emprestar um lenço?

Mas eles também não tinham lenços.

– Muito bem – comentou o Mágico. – Se me derem licença, usarei o meu próprio chapéu. Agora, nobres cidadãos, observem-me com atenção. Como podem ver, não há nada em minha manga nem nada escondido em meu corpo. Além disso, meu chapéu está vazio – disse ele, tirando a cartola e segurando-a de cabeça para baixo, sacudindo-a rapidamente.

– Deixe-me ver – disse o Feiticeiro.

Ele pegou o chapéu e o examinou cuidadosamente, devolvendo-o depois ao Mágico.

– Agora – disse o homenzinho –, criarei algo do nada.

Ele colocou a cartola no chão de vidro, fez um gesto com a mão e em seguida removeu o chapéu, exibindo um pequeno leitão branco do tamanho de um rato, que começou a correr de um lado para outro e a grunhir com uma vozinha estridente.

O povo o observava com atenção, pois eles nunca tinham visto um porco,

grande ou pequeno. O Mágico estendeu a mão, pegou a criaturinha e, segurando a cabeça e o rabo com os polegares e dedos indicadores, ele separou o corpo do animal em duas partes, transformando-as em dois leitões.

Colocou um deles no chão para que pudesse correr e separou o corpo do outro, totalizando três leitões; e então separou mais um, totalizando quatro. O Mágico continuou separando os porquinhos, até que nove deles corriam ao seu redor, todos grunhindo de uma forma muito cômica.

– Agora – disse o Mágico de Oz –, tendo criado algo do nada, farei com que esse algo volte a ser nada de novo.

Com isso, ele pegou dois dos leitões e os empurrou um contra o outro para que os dois se tornassem um só. Em seguida, pegou outro leitão e o empurrou para o primeiro, fazendo-o desaparecer. E então, os nove leitõezinhos foram empurrados, um por um, até que restasse apenas um deles. Nessa hora, o Mágico o colocou debaixo de sua cartola e fez um sinal místico acima dela. Quando ele tirou o chapéu, o último leitão havia desaparecido completamente.

O homenzinho fez uma reverência à multidão silenciosa que o observava, e então o príncipe disse, com sua voz fria e calma:

– Você de fato é um mágico maravilhoso, e seus poderes são maiores do que os do meu feiticeiro.

– Ele não será maravilhoso por muito tempo – comentou Gwig.

– Por que não? – perguntou o Mágico.

– Porque vou parar sua respiração – respondeu. – Percebi que seu corpo funciona de uma forma curiosa, e se você não conseguir respirar, não terá como se manter vivo.

O homenzinho pareceu preocupado.

– Quanto tempo você vai levar para parar minha respiração? – ele perguntou.

– Cerca de cinco minutos. Vou começar agora. Observe-me com atenção.

Gwig começou a fazer gestos esquisitos na direção do Mágico, que não o observou por muito tempo. Em vez disso, ele tirou um estojo de couro do bolso e pegou várias facas afiadas, que juntou, uma após outra, até formarem uma longa espada. Assim que prendeu o cabo à extremidade, percebeu que estava tendo muita dificuldade para respirar.

Com o feitiço de Gwig já fazendo efeito, o Mágico não perdeu mais tempo e saltou para a frente, erguendo a espada afiada e girando-a uma ou duas vezes ao redor de sua cabeça, para então dar um golpe certo no Feiticeiro, partindo seu corpo em dois.

Dorothy gritou, esperando ter uma visão terrível, mas quando as duas

metades do Feiticeiro se desmantelaram no chão, ela viu que ele não tinha ossos ou sangue dentro de si, e que o local onde ele fora golpeado parecia mais um nabo ou uma batata fatiada.

– Ora, ele é um vegetal! – gritou o Mágico, espantado.

– Claro! – disse o príncipe. – Somos todos vegetais neste país. Vocês não são vegetais também?

– Não – respondeu o Mágico. – As pessoas que vivem no topo da Terra são todas feitas de carne. Seu feiticeiro está morto?

– Certamente. Ele está morto e começará a murchar bem rápido. Portanto, devemos plantá-lo imediatamente para que outros feiticeiros possam crescer em seu arbusto – continuou o príncipe.

– O que você quer dizer com isso? – perguntou o pequeno Mágico, muito intrigado.

– Se puderem me acompanhar até nossos jardins públicos – respondeu o príncipe –, explicarei melhor os mistérios de nosso reino vegetal.



O REINO VEGETAL

Depois que o Mágico limpou a umidade de sua espada e a desmontou, colocando as peças novamente em seu estojo de couro, o homem da estrela ordenou a alguns cidadãos que levassem as duas metades do Feiticeiro para os jardins públicos. Jim, ao ouvir para onde todos estavam indo, ergueu as orelhas e logo quis juntar-se ao grupo, pensando que poderia encontrar algo adequado para comer, e Zeb prontamente abaixou o toldo da charrete para que o Mágico pudesse ir com eles. O assento era amplo o suficiente para o homenzinho e as duas crianças, e quando Jim começou a andar em direção à saída do grande salão, a gatinha pulou em suas costas e sentou-se, jubilosa.

A procissão se moveu pelas ruas, com os portadores do Feiticeiro na frente, o príncipe em seguida, Jim puxando a charrete com os forasteiros logo atrás, e por último a multidão de vegetais que não tinham coração e nem conseguiam sorrir ou franzir a testa.

A cidade de vidro tinha várias ruas bem estruturadas, pois muitas pessoas viviam lá, mas quando o cortejo fúnebre saiu do centro da cidade e chegou aos jardins públicos, o grupo de estranhos pôde avistar um belíssimo terreno coberto de plantas. Nele, havia gigantescos jardins regados por magníficos riachos com pontes de vidro ornamentais que levavam de um lado a outro dos canteiros.

Dorothy e Zeb desceram da charrete e caminharam ao lado do príncipe para admirar as flores e as plantas.

– Quem construiu estas lindas pontes? – perguntou a menina.

– Ninguém as construiu – respondeu o homem da estrela –, elas simplesmente cresceram.

– Que esquisito! – disse ela. – As casas de vidro da sua cidade também cresceram sozinhas?

– Claro! – respondeu ele. – Mas demorou muitos anos para que ficassem tão grandes e bonitas como estão agora. É por isso que ficamos com tanta raiva quando a chuva de pedras chegou para quebrar nossas torres e trincar nossos telhados.

– Você não pode consertá-los? – ela perguntou.

– Não, mas eles vão se regenerar novamente com o tempo, e devemos esperar até que cresçam.

Eles primeiro passaram por belos jardins de flores que cresciam próximo à cidade, mas Dorothy mal conseguia ver de que tipo eram, pois as cores iam mudando constantemente sob as luzes dos seis sóis. Uma flor começava rosa, depois ficava branca, depois azul ou amarela, e a mesma coisa aconteceu quando eles chegaram às plantações de hortaliças e vegetais de folhas largas.

Assim que chegaram a um campo repleto de grama, Jim imediatamente esticou a cabeça e começou a mordiscar o capim.

– Este é um belo país – resmungou –, onde um cavalo respeitável deve comer grama cor-de-rosa!

– É violeta – disse o Mágico, que permanecia na charrete.

– Agora está azul – queixou-se o cavalo. – Na verdade, estou comendo grama de arco-íris.

– Que sabor isso tem? – perguntou o Mágico.

– Não é ruim – disse Jim. – Se me alimentarem somente com isso, não vou reclamar.

A essa altura, o grupo havia chegado a um campo recém-arado, e o príncipe disse para Dorothy:

– Este é o nosso terreno para cultivo.

Então vários mangaboos avançaram com pás de vidro e cavaram um buraco no solo, colocando o Feiticeiro dentro dele para depois cobri-lo. Em seguida, outros habitantes trouxeram água de um riacho e borrifaram a terra.

– Ele vai brotar muito em breve – disse o príncipe –, e crescerá até se tornar um grande arbusto, de onde, com o tempo, seremos capazes de colher ótimos feiticeiros.

– Todo o seu povo cresce em arbustos? – perguntou o menino.

– Exatamente – foi a resposta. – Nem todos crescem em arbustos de onde você vem, do lado de fora da Terra?

– Não que eu já tenha ouvido falar.

– Que estranho! Mas se você vier comigo a um de nossos jardins

folclóricos, eu posso lhe mostrar a forma como crescemos na Terra dos Mangaboos.

Aparentemente, essas pessoas esdrúxulas, embora fossem capazes de andar pelo ar com facilidade, movimentavam-se no solo da maneira normal. Não havia escadas em suas casas, porque eles não precisavam delas, porém, em uma superfície plana, geralmente andavam da mesma maneira que nós.

O pequeno grupo de forasteiros seguiu o príncipe por mais algumas pontes de vidro e por vários caminhos até chegarem a um jardim cercado por uma cerca viva alta. Como Jim se recusara a deixar o gramado onde estava comendo, o Mágico saiu da charrete e se juntou a Zeb e Dorothy, com a gatinha seguindo-os recatadamente.

Passando pela cerca, eles se depararam com fileiras e mais fileiras de plantas enormes e belas, cujas folhas se curvavam graciosamente, de modo que suas pontas quase alcançavam o solo. No centro de cada uma crescia um mangaboo delicadamente vestido, pois as roupas dessas criaturas se desenvolviam junto com elas e ficavam presas ao seu corpo.

Havia mangaboos de todos os tamanhos, desde a flor que acabara de transformar-se em um bebê pequenino até um homem ou mulher crescidos, quase maduros. Em alguns arbustos, era possível ver um botão, uma flor, um bebê, uma pessoa meio adulta e outra madura, e mesmo aqueles prontos para serem colhidos permaneciam imóveis e em silêncio, como se estivessem sem vida. Dorothy então entendeu por que não tinha visto nenhuma criança entre os mangaboos, algo que até agora não tinha sido explicado.

– Nosso povo não adquire vida real até que cada um saia de seu arbusto – disse o príncipe. – Observe que eles estão todos presos às plantas pelas solas dos pés, para, quando estiverem maduros o suficiente, serem facilmente separados dos caules e poderem se movimentar e falar. Portanto, enquanto estejam na fase de crescimento, não se pode dizer que eles estão de fato vivos, e todos devem ser colhidos no momento certo para se tornarem bons cidadãos.

– Quanto tempo se vive, depois de ser colhido? – perguntou Dorothy.

– Isso depende do cuidado que temos – respondeu. – Se nos mantivermos na temperatura certa, umedecidos e conseguirmos evitar acidentes, viveremos em média cinco anos. Eu fui colhido depois de seis anos, mas nossa família é conhecida por ter uma vida particularmente longa.

– Você come? – perguntou o menino.

– Se eu como? Não mesmo. Somos bastante sólidos por dentro de nosso corpo e não temos necessidade de comer. Comemos tanto quanto uma batata.

– Mas às vezes as batatas brotam – disse Zeb.

– Às vezes isso acontece – respondeu o príncipe –, e quando isso ocorre é considerado um grande infortúnio, pois temos de ser plantados imediatamente.

– Onde você cresceu? – perguntou o Mágico.

– Vou mostrar a vocês – ele respondeu. – Por aqui, por favor.

Ele os conduziu para dentro de outra área delimitada por cerca viva, porém menor, onde crescia um grande e belo arbusto.

– Este – disse ele – é o Arbusto Real dos Mangaboos. Todos os nossos príncipes e governantes crescem neste arbusto desde tempos imemoriais.

O grupo permaneceu em silêncio, admirado por tamanha grandiosidade. No talo central via-se a figura inerte de uma garota, tão primorosamente formada e colorida, e tão adorável na expressão de suas delicadas feições, que Dorothy percebeu nunca ter visto uma criatura tão doce e encantadora em toda a sua vida. O vestido da jovem era macio como cetim e caía em amplas dobras e delicados rendilhados enfeitando o corpete e as mangas. Sua pele era fina e macia como um marfim polido, e sua postura expressava dignidade e graça.

– Quem é? – perguntou o Mágico, curioso.

Olhando fixamente para a garota no arbusto, o príncipe respondeu em tom frio, com certa inquietação:

– Ela é a governante destinada a ser minha sucessora, pois é uma princesa real. Quando ela estiver totalmente madura, terei que abandonar a soberania dos mangaboos.

– Ela não está madura agora? – perguntou Dorothy.

Ele hesitou.

– Não exatamente – respondeu ele afinal. – Vai demorar vários dias até que ela precise ser colhida, pelo menos esse é o meu julgamento. Não tenho pressa em renunciar a meu cargo e ser plantado, pode ter certeza disso.

– Acredito que não – declarou o Mágico, assentindo.

– Esta é uma das coisas mais desagradáveis da nossa vida vegetal – continuou o príncipe, com um suspiro. – Quando estamos no auge, devemos dar lugar a outro e ser cobertos pelo solo para brotar, crescer e dar à luz outras pessoas.

– Tenho certeza de que a princesa está pronta para ser colhida – afirmou Dorothy, olhando fixamente para a linda garota no arbusto. – Ela é perfeita.

– Não importa – respondeu o príncipe apressadamente. – Ela ficará bem se continuar aí por mais alguns dias, e é melhor que eu esteja no comando para me livrar de vocês, estranhos, que vieram para nossa terra sem serem

convidados. E este é um assunto do qual quero tratar pessoalmente.

– O que vai fazer conosco? – perguntou Zeb.

– Isso eu ainda não decidi – respondeu. – Acho que vou ficar com esse Mágico até que um novo Feiticeiro esteja pronto para ser colhido, pois ele parece bastante habilidoso e pode ser útil para nosso povo, mas o resto de vocês deve ser destruído de alguma forma, e eu proíbo que sejam plantados, porque não desejo ter cavalos, gatos e pessoas feitas de carne crescendo em todo o nosso país.

– Não precisa se preocupar – disse Dorothy. – Tenho certeza de que não cresceríamos debaixo da Terra.

– Mas por que destruir meus amigos? – perguntou o pequeno Mágico. – Por que não os deixa viver?

– Eles não pertencem a este lugar – respondeu o príncipe. – Por isso não têm o direito de estar dentro da Terra.

– Não nos convidamos para vir aqui, nós caímos – disse Dorothy.

– Isso não é desculpa – declarou o príncipe friamente.

As crianças se entreolharam, perplexas, e o Mágico suspirou. Eureka esfregou a pata em seu rosto e disse com sua voz suave e ronronante:

– Ele não vai precisar se preocupar em me destruir, pois se eu não conseguir algo para comer logo, morrerei de fome, e assim lhe pouparei um problema.

– Se ele plantasse você, certamente nasceriam rabos-de-gato – sugeriu o Mágico.

– Oh, Eureka! Talvez possamos encontrar ervas daninhas para você comer – disse o menino.

– Uff! – rosnou a gatinha – Eu não tocaria nessas coisas desagradáveis!

– Você não precisa de leite, Eureka – comentou Dorothy –, você é grande o suficiente agora para comer qualquer tipo de comida.

– Se eu conseguir – acrescentou Eureka.

– Também estou com fome – disse Zeb –, mas vi alguns morangos crescendo em um dos jardins e alguns melões em outro lugar. Essas pessoas não comem essas coisas, então talvez no caminho de volta eles nos deixem pegá-los.

– Esqueça sua fome – interrompeu o príncipe. – Eu ordenarei que destruam vocês todos em poucos minutos, então você não terá a chance de estragar nossas belas ramas de melão e arbustos de morangos. Sigam-me, por favor, para descobrirem seu destino.



DOROTHY COLHE A PRINCESA

As palavras do príncipe vegetal, gélido e úmido, não foram muito reconfortantes, já que ao dar a ordem ele rapidamente saiu do recinto. As crianças, tristes e desanimadas, estavam prestes a segui-lo quando o Mágico tocou Dorothy suavemente no ombro.

– Espere! – ele sussurrou.

– Por quê? – perguntou a garota.

– E se tentássemos colher a princesa real? – sugeriu o Mágico. – Tenho certeza de que ela está madura e, assim que ganhar vida, será a governante. Quem sabe ela nos trate melhor do que aquele príncipe cruel.

– Certo! – exclamou Dorothy, ansiosa. – Vamos colhê-la enquanto temos chance, antes que o homem da estrela volte.

Então, juntos, eles se inclinaram sobre o grande arbusto e cada um deles agarrou uma mão da adorável princesa.

– Puxe! – gritou Dorothy, e, ao fazê-lo, a princesa inclinou-se na direção deles, fazendo com que o caule em seus pés se partisse. Ela não era nem um pouco pesada, então o Mágico e Dorothy conseguiram erguê-la suavemente até o chão.

A bela criatura passou as mãos sobre os olhos por um instante, tirando do rosto uma mecha de cabelo perdida, e, após dar uma olhada ao redor do jardim, curvou-se graciosamente para aqueles que estavam presentes, dizendo com uma voz doce e calma:

– Sou-lhes imensamente grata!

– Saudamos Vossa Alteza Real! – gritou o Mágico, ajoelhando-se e

beijando-lhe a mão.

Só então a voz do príncipe foi ouvida pedindo-lhes que se apressassem. Pouco tempo depois, ele voltou ao recinto, seguido por vários cidadãos.

Na mesma hora, a princesa virou-se e o encarou, e quando ele viu que ela tinha sido colhida, paralisou-se de medo e começou a tremer.

– O senhor – disse a dama, com muita dignidade – cometeu uma injustiça contra mim, e eu teria sido ainda mais prejudicada se esses estranhos não tivessem vindo em meu socorro. Eu já estava pronta para ser colhida desde a semana passada, mas como o senhor só tem olhos para si e desejava continuar no comando ilegalmente, silenciou-me, deixando-me em meu arbusto.

– Eu não tinha conhecimento de que já estava na hora de colhê-la – respondeu o príncipe em voz baixa.

– Dê-me a Estrela da Realeza! – ela comandou.

Lentamente, ele tirou a estrela brilhante de sua própria testa e colocou-a sobre a da princesa. Então todas as pessoas se curvaram diante dela, e o príncipe virou-se e partiu sozinho. O que aconteceu com ele depois disso, nossos amigos nunca souberam.

O povo de Mangaboo formou uma procissão e marchou em direção à Cidade de Vidro para escoltar sua nova governante até o palácio e realizar as cerimônias adequadas para a ocasião. Enquanto as pessoas na procissão caminhavam sobre o solo, a princesa flutuava no ar logo acima da cabeça deles, demonstrando sua nobreza e superioridade aos seus súditos.

Ninguém parecia estar prestando atenção nos estranhos, então Dorothy, Zeb e o Mágico esperaram a multidão passar e vagaram sozinhos para a horta.

Não seria muito trabalho caminhar até as pontes para fazer a travessia sobre a água, mas quando chegaram a um riacho, o trio levantou os pés bem alto e caminhou no ar, passando para o outro lado. Essa foi uma experiência muito curiosa, e Dorothy disse:

– Por que será que conseguimos andar tão facilmente no ar?

– Talvez – respondeu o Mágico – seja porque estamos perto do centro da Terra, onde a gravidade é menor, mas eu já havia constatado que muitas coisas estranhas acontecem em países de fadas.

– Este é um país de fadas? – perguntou o menino.

– Claro que é – respondeu Dorothy prontamente. – Só um país de fadas poderia ter pessoas que são vegetais; e apenas em um país de fadas Eureka e Jim poderiam falar como nós.

– Isso é verdade – disse Zeb, pensativo.

Nas hortas, eles encontraram morangos e melões, e vários outros frutos

desconhecidos, porém deliciosos, que comeram com gosto. Mas a gatinha os incomodou incessantemente exigindo leite ou carne, e xingou o Mágico de vários nomes porque ele não tinha a habilidade de fazer surgir um pires de leite através de suas artes mágicas.

Em seguida, eles sentaram na grama e ficaram observando Jim, que ainda estava comendo, e Eureka disse:

– Eu não acredito de jeito nenhum que você seja um Mágico!

– Não? – respondeu o homenzinho. – Você tem toda a razão. No sentido literal da palavra, não faço magia, sou apenas um farsante.

– O Mágico de Oz sempre foi uma farsa – concordou Dorothy. – Eu o conheço há muito tempo.

– Se é assim – disse o rapaz –, como é que ele pôde fazer aquela mágica maravilhosa com os nove leitõezinhos?

– Não sei – disse Dorothy –, mas deve ter sido algum truque.

– É verdade – declarou o Mágico, acenando com a cabeça para ela. – Era preciso enganar aquele feiticeiro horroroso e o príncipe, assim como aquele povo estúpido, mas eu não me importo de contar a vocês, que considero meus amigos, que aquilo era apenas um truque.

– Mas vi os porquinhos com os meus próprios olhos! – exclamou Zeb.

– Eu também – ronronou a gatinha.

– Com certeza – respondeu o Mágico. – Vocês os viram porque eles estavam lá de fato. Eles estão no meu bolso interno agora, mas separá-los e juntá-los novamente foi apenas um truque de ilusionismo.

– Vamos ver os porcos – disse Eureka, ansiosa.

O homenzinho apalpou cuidadosamente o bolso e tirou os pequenos leitões, colocando-os na grama, um por um, onde correram e mordiscaram algumas folhas tenras.

– Eles também estão com fome – disse ele.

– Oh, quanta candura! – falou Dorothy, pegando um e acariciando-o.

– Seja cuidadosa! – disse o leitão, com um grunhido –, você está me apertando!

– Santo Deus! – murmurou o Mágico olhando para seus animais de estimação com espanto. – Eles podem falar!

– Posso comer um deles? – perguntou a gatinha, com uma voz suplicante. – Estou com muita fome.

– Ora, Eureka – disse Dorothy em tom de censura –, que pergunta cruel! Seria horrível comer essas coisinhas queridas.

– Devo concordar! – resmungou outro dos leitões, olhando inquieto para a

gatinha. – Gatos são criaturas cruéis.

– Não sou cruel – respondeu a gatinha, bocejando –, só estou com fome.

– Você não pode comer os meus leitões. É preferível que passe fome – declarou o homenzinho, num tom de voz severo. – Eles são a única coisa que tenho para provar que sou um mágico.

– Como é que eles são tão pequenos? – perguntou Dorothy. – Nunca vi porquinhos tão miúdos.

– Eles são da ilha de Teenty-Weent – disse o Mágico –, onde tudo tem tamanho reduzido, porque a ilha é pequena. Um marinheiro os trouxe para Los Angeles, e em troca eu lhe dei nove ingressos para o circo.

– Mas o que é que eu vou comer? – lamentou a gatinha, sentada na frente de Dorothy com olhar de súplica. – Não há vacas aqui para dar leite, nem ratos, ou mesmo gafanhotos. Mas já que eu não posso comer os leitões, você poderia muito bem me plantar para ter um pé de *petit gâteau*.

– Tive uma ideia – disse o Mágico. – Talvez existam peixes nesses riachos. Você gosta de peixe?

– Peixe? – gritou a gatinha. – Se eu gosto de peixe? Eles são muito melhores do que leitões, ou mesmo leite!

– Então vou tentar pegar alguns para você – disse ele.

– Mas não serão vegetais, como tudo aqui? – perguntou o felino.

– Acredito que não. Os peixes não são animais, e são tão frios e úmidos quanto os vegetais. Não há razão, a meu ver, para que eles não possam existir nas águas deste país estranho.

Então o Mágico dobrou um alfinete, deixando-o com o formato de um gancho, e tirou um longo pedaço de barbante de seu bolso para usar como linha de pesca. A única isca que conseguiu encontrar foi uma flor vermelha brilhante, e a usou, sabendo que os peixes eram fáceis de enganar. Tendo jogado a ponta de sua linha nas águas de um riacho próximo, ele logo sentiu um puxão forte, sinal de que um peixe havia mordido o anzol improvisado. Então o homenzinho puxou o barbante, e o peixe veio com ele, pousando em segurança na orla e girando em grande excitação.

O peixe era gordo e volumoso, e suas escamas brilhavam como joias lindamente lapidadas e colocadas em sequência, mas não houve tempo para examiná-lo de perto, pois Eureka deu um salto e o tomou entre as garras. Em poucos segundos, ele havia desaparecido completamente.

– Oh, Eureka! – gritou Dorothy. – Você comeu os ossos?

– Se tinha ossos, eu comi – respondeu a gatinha, serena, enquanto limpava o rosto depois da refeição. – Mas acho que aquele peixe não tinha espinha,

porque não senti arranhar minha garganta.

– Você é muito gulosa – disse a garota.

– Eu estava com muita fome – respondeu Eureka.

Os porquinhos permaneceram juntos e amontoados, assistindo horrorizados àquela cena.

– Os gatos são criaturas terríveis! – disse um deles.

– Que bom que não somos peixes! – disse outro.

– Não se preocupem – murmurou Dorothy suavemente. – Não vou deixar a gatinha machucá-los.

Então Dorothy lembrou que em um canto de sua mala havia um ou dois biscoitos que haviam sobrado de seu almoço no trem e foi para o cabriolé buscá-los. Eureka torceu o nariz para aquela comida, mas os pequenos leitões grunhiram fascinados com o aperitivo e comeram tudo em um instante.

– Agora voltemos à cidade – sugeriu o Mágico. – Isto é, se Jim já estiver satisfeito de comer a grama rosa.

O cavalo de carga, que estava passando por ali, ergueu a cabeça com um suspiro.

– Comi o máximo que pude – disse ele –, pois é provável que demore muito até eu conseguir uma próxima refeição neste país estranho, mas estou pronto para ir quando quiserem.

Então, depois que o Mágico colocou os leitões de volta em seu bolso interno, onde eles se aninharam e foram dormir, os três subiram na charrete, e Jim começou a voltar para a cidade.

– Onde vamos ficar? – perguntou a garota.

– Acho que tomarei posse da Casa do Feiticeiro – respondeu o Mágico –, já que o príncipe disse na presença de seu povo que me manteria lá até que colhessem outro feiticeiro, e a nova princesa ainda não sabe, mas podemos tomar conta daquele lugar.

Eles concordaram com esse plano, e, quando chegaram à grande praça, Jim puxou o carrinho até os portões do salão abobadado.

– Não me parece um lugar muito hospitaleiro – disse Dorothy, olhando em volta para o salão vazio. – Mas é onde vamos ficar, de qualquer maneira.

– O que são esses buracos aí em cima? – perguntou o menino, apontando para algumas aberturas próximas ao teto da cúpula.

– Parecem portas – disse Dorothy –, mas não há escadas para chegarmos até lá.

– Você se esquece de que as escadas são desnecessárias – observou o Mágico. – Vamos subir e ver aonde as portas levam.

Com isso, ele começou a andar no ar em direção às aberturas do teto, e Dorothy e Zeb o seguiram. Era o mesmo tipo de escalada que se faz ao subir uma colina, e eles já estavam quase sem fôlego quando chegaram à abertura. Então, perceberam que as portas conduziam aos corredores da parte superior da casa. Seguindo por eles, o trio descobriu vários quartos pequenos. Alguns eram decorados com bancos, mesas e cadeiras de vidro, mas não havia camas.

– Será que essas pessoas nunca dormem? – disse a menina.

– Ora, parece que não há noite neste país – respondeu Zeb. – Aqueles sóis coloridos estão exatamente no mesmo lugar em que estavam quando chegamos, e, se não houver pôr do sol, também não haverá noite.

– É verdade – concordou o Mágico. – Faz muito tempo que não durmo, e estou cansado. Portanto, acho que vou deitar em um desses bancos duros e tirar uma soneca.

– Eu também vou – disse Dorothy, escolhendo um quartinho no final do corredor.

Zeb desceu novamente para desamarrar Jim, que, quando se viu livre, rolou algumas vezes e depois se acomodou para dormir, com Eureka aninhada confortavelmente ao lado de seu grande corpo ósseo. Em seguida, o menino voltou para um dos quartos superiores e, apesar da rigidez do banco de vidro, logo mergulhou na terra dos sonhos.



OS MANGABOOS MOSTRAM-SE PERIGOSOS

Quando o Mágico acordou, os seis sóis coloridos brilhavam sobre a Terra dos Mangaboos exatamente como faziam desde sua chegada. O homenzinho, tendo tido bons sonhos, sentia-se descansado e revigorado. Olhando através da divisória de vidro da sala, viu Zeb sentado em seu banco, bocejando. Então o Mágico foi até ele.

– Zeb – disse ele –, o meu balão não tem mais utilidade neste país estranho, por isso pretendo deixá-lo no local onde caiu. Contudo, dentro do cesto há algumas coisas que eu gostaria que ficassem comigo. Você poderia buscar minha bolsa, duas lamparinas e uma lata de querosene que está sob o assento? Não há mais nada que eu queira de lá.

Então o menino foi de bom grado para sua missão e, quando voltou, Dorothy já estava acordada. Em seguida, os três reuniram-se para decidir o próximo passo, mas não conseguiam pensar em nada que pudesse melhorar a situação atual.

– Não gosto dessa população de vegetais – disse a menina. – Eles são frios e inexpressivos, como repolhos, apesar de sua beleza.

– Concordo com você. Eles são assim porque não há sangue quente neles – observou o Mágico.

– E eles não têm coração, então não podem amar ninguém, nem a si mesmos – declarou o menino.

– A princesa é encantadora – continuou Dorothy, pensativa –, mas não estou muito preocupada com ela. Meu maior desejo é sair desta terra. Se houvesse qualquer outro lugar aonde ir, eu iria.

– E será que há algum outro lugar? – perguntou o Mágico.

– Não sei – respondeu ela.

Eles ouviram a voz imponente de Jim chamando-os. Dirigiram-se então à porta que dava para o salão abobadado, quando avistaram a princesa e uma multidão de mangaboos.

Ao descerem para cumprimentar a bela governante, ela lhes disse:

– Conversei com os meus conselheiros sobre vocês, pessoas de carne, e decidimos que não pertencem à Terra dos Mangaboos e não podem continuar aqui.

– Como podemos ir embora? – perguntou Dorothy.

– Oh, vocês não podem, é claro. Vocês devem ser destruídos – foi a resposta.

– De que forma? – perguntou o Mágico.

– Vamos jogar vocês três no Jardim das Videiras Enroscadas – disse a princesa –, que logo vão esmagar e devorar-lhes o corpo para poderem crescer. Levaremos os animais que estão com vocês para as montanhas e os jogaremos no Abismo Negro. Então nosso país se livrará de todos os visitantes indesejáveis.

– Mas Vossa Alteza precisa de um feiticeiro – disse o Mágico. – E nenhum dos que estão crescendo está maduro o suficiente para ser colhido. Eu sou maior do que qualquer feiticeiro coberto de espinhos que já cresceu em seu jardim. Por que quer me destruir?

– É verdade que precisamos de um feiticeiro – reconheceu a princesa –, mas já fui informada de que um de nossos próprios feiticeiros estará pronto para ser colhido em alguns dias, para tomar o lugar de Gwig, a quem você partiu em dois antes da hora de ele ser plantado. Deixe-nos ver as artes e feitiçarias que é capaz de realizar, e então eu decidirei se vou destruí-lo com os outros ou não.

Com isso, o Mágico fez uma reverência ao povo e repetiu seu truque de multiplicar os nove pequenos leitões, fazendo-os desaparecer novamente. Ele fez isso de forma muito astuta, e a princesa olhou para os estranhos leitões como se estivesse tão verdadeiramente espantada quanto qualquer outro vegetal de sua terra, mas depois disse:

– Já ouvi falar dessa magia maravilhosa, mas ela não cria nada de valor. O que mais você pode fazer?

O Mágico tentou pensar em algo e então juntou as lâminas de sua espada e a equilibrou habilmente na ponta do nariz, mas isso também não satisfez a princesa.

Só então seus olhos focaram as lamparinas e as latas de querosene que Zeb

tinha trazido de seu balão, e ele teve uma ideia do que poderia fazer com aqueles objetos mundanos.

– Alteza – disse ele –, agora vou provar a minha magia criando dois sóis que seu povo nunca viu antes; também exibirei algo muito mais destruidor e terrível do que suas videiras.

Então ele colocou Dorothy do seu lado esquerdo e Zeb do direito, e colocou as lamparinas sobre a cabeça das crianças.

– Não riam – ele sussurrou para os dois –, ou vocês vão estragar o truque da minha mágica.

Com muita dignidade e um olhar solene no rosto enrugado, o Mágico pegou sua caixa de fósforos e acendeu as duas lamparinas. O brilho que elas fizeram foi muito pequeno quando comparado com a luz dos seis grandes sóis coloridos, mas ainda assim elas reluziam de forma constante e clara. Os mangaboos ficaram muito impressionados, porque nunca haviam visto qualquer luz que não viesse diretamente de seus sóis.

Em seguida, o Mágico fez uma poça de querosene no piso de vidro, cobrindo uma superfície bastante ampla. Quando ele acendeu o óleo, centenas de línguas de fogo se ergueram, com um efeito realmente impressionante.

– Agora, princesa – exclamou o Mágico –, os conselheiros que desejarem nos levar ao Jardim das Videiras Enroscadas devem entrar neste círculo de luz. Aqueles que a aconselharam bem ficarão a salvo, contudo, os que a influenciaram a tomar a decisão errada murcharão sob essa luz.

Os conselheiros da princesa não gostaram desse teste, mas ela ordenou que eles entrassem na chama um a um, e eles o fizeram, mas ficaram tão chamuscados que o ar logo se encheu com um odor parecido ao de batata assada. Alguns dos mangaboos caíram e tiveram que ser arrastados para longe do fogo, e todos estavam tão murchos que seria necessário plantá-los imediatamente.

– O senhor – disse a princesa ao Mágico – é maior do que qualquer feiticeiro que já conheci no mundo. Ficou claro que meu povo me aconselhou erroneamente, por isso não mandarei escoltá-los ao Jardim das Videiras Enroscadas, mas seus animais devem ser levados para o abismo próximo à montanha, pois meus súditos não suportam tê-los por perto.

O Mágico ficou tão satisfeito por ter salvado as duas crianças e a si mesmo que nada disse contra esse decreto, mas quando a princesa se foi, Jim e Eureka protestaram contra a decisão, e Dorothy prometeu que faria tudo o que estivesse a seu alcance para salvá-los de tal destino.

Durante dois ou três dias depois desse acontecimento, se é que se pode

mensurar em dias esses períodos de sono em que não há noite para ajudar a calcular o tempo decorrido, nossos amigos não foram perturbados. A governante permitiu que eles ocupassem a Casa do Feiticeiro como se fossem proprietários do local e vagassem pelos jardins em busca de alimento, se assim desejassem.

Uma vez que se aproximaram do Jardim das Videiras Enroscadas, eles caminharam no ar para olhar o local de cima e viram um emaranhado de grossas vinhas verdes contorcidas entre si como um ninho de grandes cobras. Tudo o que as vinhas tocavam era esmagado, e nossos aventureiros sentiram-se muito gratos por terem escapado desse trágico destino.

Sempre que o Mágico ia dormir, ele tirava os nove leitõezinhos do bolso e os deixava correr pelo chão de seu quarto para se divertirem e fazerem algum exercício. Dessa vez a porta de vidro ficou entreaberta, e eles vagaram pelo corredor em direção ao salão abobadado, descendo com tanta facilidade quanto Eureka. Agora, eles já estavam familiarizados com a gatinha, e assim que a viram enroscada no lombo de Jim, vieram correndo brincar com ela.

O cavalo, que nunca dormia por muitas horas seguidas, sentou-se sobre as patas traseiras e observou os porquinhos e a gatinha com afeição.

– Não seja bruta! – ele falou alto, advertindo Eureka para que ela não derrubasse um dos leitõezinhos com a pata, mas eles nem deram ouvidos ao cavalo, pois estavam adorando a diversão.

De repente, eles olharam para cima e viram um quarto cheio de mangaboos silenciosos e sérios que vinham descendo. Cada um dos vegetais tinha um galho coberto de espinhos afiados, que foram usados contra o cavalo, a gatinha e os leitões.

– Parem com essa tolice! – Jim relinchou com raiva, mas depois de ser ferido uma ou duas vezes pelos espinhos, ele se levantou e foi para longe da mira dos vegetais.

Então, os mangaboos os cercaram em fileiras sólidas, deixando uma abertura para o portão do salão. Os animais recuaram lentamente até serem expulsos do local. Lá fora havia mais vegetais segurando galhos, que continuaram a aterrorizar em silêncio os pobres bichos pela rua. Jim teve que tomar cuidado para não pisar nos minúsculos leitões, que corriam sob seus pés, grunhindo e gritando, enquanto Eureka rosnava e mordia os galhos empurrados em sua direção, também na tentativa de proteger as criaturinhas fofinhas de se machucarem. Lentamente, mas sem cessar, os impiedosos mangaboos continuaram a conduzi-los pelas ruas, fazendo-os atravessar a cidade e os jardins para chegar às amplas planícies que davam acesso à

montanha.

– O que significa tudo isto, afinal? – perguntou o cavalo, saltando para escapar dos espinhos.

– Ora, eles estão nos levando em direção ao Abismo Negro, no qual ameaçaram nos lançar – respondeu a gatinha. – Se eu fosse tão grande quanto você, Jim, lutaria contra essas miseráveis raízes de nabo!

– O que você faria se estivesse em meu lugar? – perguntou Jim.

– Eu daria coices neles usando minhas pernas compridas e meus cascos com ferraduras.

– Está bem – disse o cavalo. – Vou fazer isso.

De repente, Jim foi em direção à multidão de mangaboos e os escoiceou com as patas traseiras o mais forte que pôde. Uma dúzia deles espatifou-se e caiu ao chão, e, vendo seu sucesso, Jim continuou a nocauteá-los, indo para cima dos vegetais, arremessando-os em todas as direções e afugentando os que tentavam escapar de suas ferraduras.

Eureka o ajudou voando sobre os inimigos, arranhando-os e mordendo-lhes furiosamente o corpo, fazendo os vegetais temerem sua ira tanto quanto a do cavalo.

Mas os adversários eram muito numerosos, e logo Jim e Eureka se cansaram. Embora o campo de batalha estivesse densamente coberto de mangaboos esmagados e incapacitados, nossos amigos tiveram que desistir e se deixaram levar para a montanha.



ENTRANDO NO ABISMO NEGRO E SAINDO DELE

Quando eles chegaram à montanha, perceberam tratar-se de um robusto e imponente vidro verde extremamente sombrio e ameaçador. No meio do caminho em direção ao topo, havia uma caverna amplamente aberta, negra como a noite, situada além do ponto que os raios do arco-íris dos sóis podiam tocar.

Os mangaboos conduziram o cavalo, a gatinha e os leitões para esse buraco escuro e empurraram a charrete junto, pois aparentemente alguns deles tinham arrastado o veículo por todo o percurso desde o salão abobadado. Em seguida, começaram a empilhar grandes pedras de vidro na entrada, para que os prisioneiros não pudessem sair novamente.

– Isso é terrível! – Jim protestou. – Acho que nossas aventuras terminam aqui.

– Se o Mágico estivesse aqui – disse um dos leitões, soluçando amargamente –, não estaríamos sofrendo assim.

– Devíamos ter chamado por ele e por Dorothy no momento em que fomos atacados – acrescentou Eureka. – Mas tudo bem. Fiquem calmos, meus amigos, porque vou até nossos mestres dizer onde vocês estão e farei com que venham resgatá-los.

A boca do buraco estava quase cheia nesse momento, mas a gatinha deu um salto sobre o espaço que havia e imediatamente saiu em disparada pelo ar. Os mangaboos, vendo-a escapar, pegaram seus galhos espinhosos e começaram a persegui-la, subindo pelo ar atrás dela. Eureka, no entanto, era mais leve do que os mangaboos, e, embora eles pudessem ficar a trinta metros do solo, a gatinha descobriu que podia andar a quase sessenta metros. Então

ela correu por cima deles, até que os deixou bem para trás. Chegando de volta à cidade, ela entrou na Casa do Feiticeiro pela janela de Dorothy, bem no alto do domo, despertando-a de seu sono.

Assim que a menina soube o que tinha acontecido, ela acordou Zeb e o Mágico, e na mesma hora eles começaram a se preparar para resgatar Jim e os leitões. O Mágico estava levando consigo sua bolsa, que era bem pesada, e Zeb carregava as duas lamparinas e a lata de querosene.

A mala de vime de Dorothy ainda estava sob o assento da charrete, e, por sorte, o menino também havia colocado o arreio lá quando o tirara de Jim para deixar o cavalo deitar e descansar. Portanto, não havia nada para a menina carregar, exceto a gatinha, que ela segurou perto do peito, tentando confortá-la, pois seu coraçãozinho ainda batia rápido.

Alguns dos mangaboos os descobriram assim que eles deixaram a Casa do Feiticeiro, mas quando eles começaram a andar em direção à montanha, os vegetais permitiram sua passagem sem interferência, seguindo-os em bando para que eles não pudessem voltar novamente.

Em pouco tempo, eles se aproximaram do Abismo Negro, onde um enxame movimentado de mangaboos, liderado por sua princesa, estava empenhado em empilhar pedras de vidro na entrada da caverna.

– Parem imediatamente! – gritou o Mágico, em um tom irritado, imediatamente tirando as rochas para libertar Jim e os leitões.

Em vez de se oporem a ele, os mangaboos ficaram em volta, em silêncio, até que o homenzinho tivesse feito um buraco de bom tamanho na barreira. De repente, por ordem da princesa, todos eles se lançaram para a frente, arremessando seus espinhos afiados.

Dorothy pulou para dentro da abertura para escapar dos galhos, e Zeb e o Mágico, depois de aguentarem alguns arranhões, ficaram contentes em segui-la. Rapidamente, os mangaboos começaram a empilhar as pedras de vidro novamente, e quando o pequeno farsante percebeu que eles estavam prestes a serem sepultados na montanha, disse às crianças:

– Meus queridos, o que devemos fazer? Sair para lutar de novo?

– De que adiantaria? – respondeu Dorothy. – Prefiro morrer aqui a ficar mais um minuto entre essas pessoas cruéis e sem coração.

– É assim que me sinto – comentou Zeb, esfregando as feridas. – Já estou farto de mangaboos.

– Tudo bem – disse o Mágico. – Eu estou com vocês. O que decidirem, eu apoiarei. Mas não sobreviveremos por muito tempo nesta caverna, isso é certo.

Percebendo que a luz estava ficando fraca, ele pegou seus nove leitões, deu

um tapinha com amor na cabeça gordinha de cada um e os colocou cuidadosamente em seu bolso interno.

Zeb riscou um fósforo e acendeu uma das lamparinas. Os raios dos sóis coloridos se extinguíram então para sempre, pois as últimas fendas haviam sido preenchidas na parede que separava aquela prisão da Terra dos Mangaboos.

– Qual o tamanho deste buraco? – perguntou Dorothy.

– Vou explorar o lugar para descobrir – respondeu o rapaz.

Ele carregou a lamparina por uma boa distância, com Dorothy e o Mágico a seu lado. Mas, para sua surpresa, a caverna não chegou ao fim. Ao final, havia uma inclinação para cima que expunha uma direção oposta ao país dos mangaboos.

– Não é uma estrada ruim – observou o Mágico. – Se a seguirmos, pode ser que cheguemos a algum lugar mais confortável do que este breu em que estamos agora. Suponho que o povo vegetal nunca tenha entrado nesta caverna por medo do escuro, mas nós, por outro lado, temos nossas lamparinas para iluminar o caminho, então proponho que comecemos a explorar aonde este túnel na montanha nos levará.

Os outros concordaram prontamente com essa sugestão sensata, e o menino logo começou a amarrar Jim à charrete. Quando tudo estava pronto, os três tomaram assento no veículo, e Jim andou cautelosamente ao longo do caminho, com Zeb conduzindo, enquanto o Mágico e Dorothy seguravam cada um uma lamparina acesa para que o cavalo pudesse ver aonde ir.

Às vezes, o túnel ficava tão estreito que as rodas da charrete faziam atrito nas laterais, e então mais à frente se alargava como uma rua; mas a estrada era suave na maior parte do caminho, o que evitou qualquer acidente em sua longa viagem. Jim parava às vezes para descansar, pois a escalada era bastante íngreme e cansativa.

– Devemos estar quase tão alto quanto os seis sóis coloridos, agora – disse Dorothy. – Eu não imaginava que esta montanha era tão alta.

– Certamente, estamos a uma boa distância da Terra dos Mangaboos – acrescentou Zeb –, pois nos afastamos deles desde que começamos a subir.

Eles continuaram a mover-se constantemente, e quando Jim estava prestes a descansar de sua longa jornada, o caminho ficou mais claro, e Zeb pôde apagar as lamparinas para economizar óleo. Para a alegria de todos, dessa vez era uma luz branca que agora os saudava, pois todos estavam cansados das luzes coloridas que, depois de um tempo, faziam seus olhos doerem com os raios em constante mudança.

Os lados do túnel estreitaram-se como o interior de uma longa luneta, e o chão ficou mais nivelado. Jim logo apressou o passo para se livrar daquela passagem escura, e em pouco tempo eles emergiram da montanha, deparando-se com um país novo e encantador.



O VALE DE VOE

Depois de atravessarem a montanha de vidro, o grupo chegou a um vale encantador no formato do interior de uma xícara, com outra montanha robusta do outro lado e colinas verdes, suaves e bonitas nas extremidades. Era um lindo cenário, com gramados e jardins atravessados por caminhos de cascalho e bosques de árvores belas e imponentes que decoravam a paisagem aqui e ali. Também havia pomares com frutas deliciosas até então desconhecidas em nosso mundo. Sedutores riachos de água cristalina corriam cintilantes entre as margens repletas de flores, e espalhados pelo vale viam-se dezenas de chalés pitorescos, num estilo que nossos viajantes não conheciam. Eles não ficavam próximos uns dos outros, tais como vilas ou cidades, e cada um era cercado de um amplo terreno com pomares e jardins.

À medida que os recém-chegados contemplavam esse cenário requintado, ficavam extasiados com tamanha beleza, e a fragrância que permeava suavemente o ar os fazia inspirar e exalar gratidão por terem conseguido sair do túnel. Vários minutos se passaram enquanto eles admiravam silenciosamente o vale, até perceberem dois fatos muito singulares e incomuns sobre o local. O primeiro era que ele era iluminado por alguma fonte invisível, pois nenhum sol ou lua podiam ser vistos no céu, embora cada objeto fosse banhado por uma luz clara e perfeita. O segundo fato, ainda mais estranho, era a ausência de qualquer habitante nesse lugar esplêndido.

Da altura em que estavam era possível visualizar todo o vale, e mesmo assim não conseguiram avistar um simples movimento. Tudo parecia misteriosamente deserto. A montanha do outro lado não era de vidro, mas de

uma pedra semelhante ao granito. Com certa dificuldade e correndo o risco de provocar um acidente, Jim puxou a charrete sobre as rochas soltas até chegar aos gramados abaixo, onde começavam os caminhos de cascalho, pomares e jardins. A casa mais próxima ainda estava a alguma distância.

– Não é maravilhoso? – gritou Dorothy com uma voz alegre, saltando do veículo e deixando Eureka brincar pela grama aveludada.

– Sim, de fato! – respondeu Zeb. – Tivemos a sorte de fugir daquele povo vegetal.

– Não seria um castigo tão ruim – comentou o Mágico, olhando à sua volta –, se fôssemos obrigados a viver aqui para sempre. Não há lugar mais bonito, tenho certeza.

Ele tirou os leitões do bolso e os deixou correr pelo campo, e Jim encheu a boca com a grama verde, sentindo-se radiante com seu novo ambiente.

– Não podemos andar no ar aqui – disse Eureka, que tinha tentado e falhado.

Mas os outros pareciam estar satisfeitos em ficarem no chão, e o Mágico disse que provavelmente eles estavam mais perto da superfície da Terra do que o país dos mangaboos, por isso tudo ali era mais familiar e natural.

– Mas onde estão as pessoas? – perguntou Dorothy.

O homenzinho balançou a cabeça careca.

– Nem consigo imaginar, minha querida – respondeu ele.

Eles ouviram o súbito piar de um pássaro, mas não conseguiram encontrar a criatura em lugar algum.

Vagarosamente, eles foram em direção à cabana mais próxima, com os porquinhos correndo e saltitando ao seu lado, enquanto Jim parava a cada passo para abocanhar mais grama. Depois de algum tempo caminhando, eles se aproximaram de uma planta não muito alta, com folhas largas e espalhadas, em cujo centro havia uma única fruta, quase do tamanho de um pêssego. Ela era delicadamente colorida e perfumada, e parecia tão apetitosa e deliciosa, que Dorothy parou e exclamou:

– O que vocês acham que é?

Os leitões cheiraram a fruta rapidamente, e antes que a menina pudesse estender a mão para arrancá-la, cada um dos nove pequeninos se precipitou e começou a devorá-la avidamente.

– Deve ser gostosa – disse Zeb –, ou aqueles malandrinhos não teriam engolido tão desesperadamente.

– Onde eles estão? – perguntou Dorothy, espantada.

Todos olharam em volta, mas os leitões haviam desaparecido.

– Santo Deus! – gritou o Mágico – Devem ter fugido. Mas eu não os vi partir. Vocês viram?

– Não! – responderam ao mesmo tempo.

– Aqui, porquinho, porquinho, porquinho! – chamou o mestre, ansioso.

Na mesma hora, ouviram vários grunhidos a seus pés, mas o Mágico não conseguiu descobrir onde estavam os leitões.

– Onde vocês estão? – ele perguntou.

– Ora, bem a seu lado – falou uma voz baixinha. – Não consegue nos ver?

– Não – respondeu o homenzinho, em tom intrigado.

– Mas nós podemos vê-lo – disse outro dos leitões.

O Mágico se abaixou, estendendo a mão, e imediatamente sentiu o pequeno corpo gordo de um de seus animais de estimação. Ele o pegou, mas não conseguiu ver o que segurava.

– Isso é muito estranho – disse ele, sobriamente. – Os leitões ficaram invisíveis. Não consigo entender.

– Aposto que é porque comeram aquele pêssego! – gritou a gatinha.

– Não era um pêssego, Eureka – disse Dorothy. – Só espero que não seja venenoso.

– Estava delicioso, Dorothy – disse um dos leitões.

– Comemos tudo o que encontramos – disse outro.

– Mas nós não devemos comê-los – advertiu o Mágico às crianças –, ou correremos o risco de ficar invisíveis e nos perder. Se encontrarmos outra fruta estranha, devemos evitá-la.

Chamando os leitões, ele pegou todos, um por um, e os colocou no bolso, pois embora não os pudesse ver, podia senti-los e, ao abotoar o casaco, sabia que eles estariam em um local seguro por enquanto.

Os viajantes retomaram sua caminhada em direção ao chalé, finalmente chegando ao seu destino. Era um lugar bonito, com vinhas crescendo densamente na espaçosa varanda da frente. A porta estava aberta, e uma mesa com quatro lugares estava posta na sala da frente. Havia facas, garfos e pratos com pão, carne e frutas. A carne parecia recém-tirada do forno, e as facas e os garfos estavam fazendo estranhas travessuras e pulando de cá para lá de uma forma bastante intrigante, mas nem uma única pessoa parecia estar na sala.

– Que engraçado! – exclamou Dorothy, com Zeb e o Mago agora perto da porta.

Uma gargalhada alegre respondeu a ela, e as facas e os garfos caíram nos pratos, fazendo barulho. Uma das cadeiras foi empurrada para trás, de um modo surpreendente e misterioso que Dorothy quase tentou fugir de medo.

– Tem estranhos aqui, mamãe! – gritou uma voz aguda e infantil de alguma pessoa invisível.

– Estou vendo, querida – respondeu outra voz, suave e feminina.

– O que querem aqui? – exigiu uma terceira voz, com um sotaque severo e áspero.

– Ora, ora... – disse o Mágico – Há mesmo pessoas nesta sala?

– Claro! – respondeu a voz do homem.

– Perdoem-me pela pergunta tola, mas... vocês são todos invisíveis?

– Certamente – respondeu a mulher, repetindo sua risada. – Você está surpreso por não conseguir ver o povo de Voe?

– Ora, s-sim – gaguejou o Mágico. – Todas as pessoas que conheci antes eram muito fáceis de ver.

– De onde vocês são? – perguntou a mulher, em tom de curiosidade.

– Pertencemos à face da Terra – explicou o Mágico –, mas recentemente, durante um terremoto, caímos por uma fenda e pousamos na Terra dos Mangaboos.

– Criaturas terríveis! – exclamou a voz da mulher. – Já ouvi falar deles.

– Eles nos prenderam em uma montanha – continuou o Mágico –, mas descobrimos que havia um túnel para este lado, então chegamos aqui. É um lugar lindo. Como você o chamou?

– É o Vale de Voe.

– Não vimos ninguém desde que chegamos, então nos dirigimos a esta casa para nos situar.

– Estão com fome? – perguntou a voz da mulher.

– Seria bom comermos algo – disse Dorothy.

– Concordo – acrescentou Zeb.

– Mas não queremos atrapalhar, garanto-lhe – o Mágico apressou-se a dizer.

– Tudo bem – respondeu a voz do homem, dessa vez de modo mais agradável. – Serão bem recebidos aqui.

Enquanto ele falava, a voz chegou tão perto de Zeb que ele deu um pulo para trás. Duas vozes infantis riram alegremente dessa reação, e Dorothy teve certeza de que não corriam perigo entre um povo tão despreocupado, mesmo que essas pessoas não pudessem ser vistas.

– Que bicho curioso é esse que come a erva do meu gramado? – perguntou a voz do homem.

– Este é o Jim – disse a menina. – Ele é um cavalo.

– Para que ele serve? – foi a próxima pergunta.

– Ele puxa aquele veículo que você está vendo preso a ele, e nós nos deslocamos dentro dele, em vez de caminhar – ela explicou.

– Ele sabe lutar? – perguntou a voz do homem.

– Não. Jim consegue chutar bem forte com os calcanhares e morder um pouco, mas não consegue lutar – ela respondeu.

– Então os ursos vão apanhá-lo – disse uma das vozes das crianças.

– Ursos?! – exclamou Dorothy. – Esses ursos estão aqui?

– Esse é o único mal do nosso país – respondeu o homem invisível. – Ursos grandes e ferozes vagam livremente pelo Vale de Voe, e quando conseguem pegar um de nós, nos devoram, mas como eles não podem nos ver, raramente somos apanhados.

– Os ursos também são invisíveis? – perguntou a garota.

– Sim, pois comem da fruta dama, como todos nós, e isso os impede de serem vistos por qualquer olho, seja humano ou animal.

– Essa fruta dama cresce em um arbusto baixo e parece um pêssego? – perguntou o Mágico.

– Sim – foi a resposta.

– Se ela faz ficar invisível, por que vocês a comem? – Dorothy perguntou.

– Por duas razões, minha querida – respondeu a voz da mulher. – Porque a fruta dama é a comida mais deliciosa que há e porque quando estamos invisíveis, os ursos não podem nos encontrar. Mas agora, meus bons andarilhos, a comida está na mesa, então, por favor, sentem-se e comam à vontade.



A LUTA CONTRA OS URSOS INVISÍVEIS

Os forasteiros ocuparam os lugares à mesa, entusiasmados, pois todos estavam com fome, e as travessas agora estavam cheias de coisas boas para comer. Na frente de cada lugar, havia um prato com uma das deliciosas frutas das damas, e o perfume que subia delas era tão atraente e doce que eles foram fortemente tentados a comê-las e se tornarem invisíveis, mas Dorothy saciou a fome com outras coisas, e seus companheiros fizeram o mesmo, resistindo à tentação.

– Por que não comem as damas? – perguntou a voz da mulher.

– Não queremos ficar invisíveis – respondeu a garota.

– Mas se vocês permanecerem visíveis, os ursos poderão vê-los e devorá-los – disse a voz jovem de uma das crianças. – Nós, que vivemos aqui, preferimos ser invisíveis, pois ainda podemos nos abraçar e beijar, e estamos a salvo dos ursos.

– E não precisamos ser tão exigentes quanto ao nosso guarda-roupa – comentou o homem.

– E mamãe nunca sabe dizer se meu rosto está sujo ou não! – acrescentou a outra voz infantil, alegremente.

– Mas sempre que me lembro disso, faço você se lavar – disse a mãe –, porque você sempre dá um jeito de ficar com o rosto sujo, Ianu, mesmo que eu não veja.

Dorothy riu e estendeu as mãos.

– Venham aqui, por favor, Ianu e sua irmã, deixem-me sentir vocês – ela pediu.

Eles vieram até ela de boa vontade, e Dorothy passou as mãos pelo rosto deles e constatou pelo formato de cada um que eram uma menina, mais ou menos da sua idade, e um menino um pouco menor. O cabelo da menina era macio e fofo, e sua pele lisa como cetim. Quando Dorothy tocou suavemente seu nariz, as orelhas e os lábios, eles pareciam delicados e bonitos.

– Se eu pudesse ver você, tenho certeza de que a acharia linda – declarou ela.

A menina riu, e sua mãe disse:

– Não somos vaidosos no Vale do Voe, porque não podemos exibir a nossa beleza. Boas maneiras e atitudes agradáveis são o que nos torna estimáveis para nossos companheiros. Ainda assim, podemos ver e apreciar as belezas da natureza, as árvores e as flores delicadas, os campos verdes e as águas claras, e o azul do céu.

– E os pássaros, as feras e os peixes? – perguntou Zeb.

– Os pássaros nós não conseguimos ver, porque eles adoram comer damas tanto quanto nós, mas ainda podemos ouvir suas doces canções e nos deleitar com elas. Os ursos não conseguimos ver porque eles também comem as frutas, mas os peixes que nadam em nossos riachos podemos ver, e muitas vezes os pegamos para comer.

– Parece que vocês são muito felizes nesta terra, mesmo estando invisíveis – comentou o Mágico. – No entanto, preferimos permanecer visíveis enquanto estivermos no seu vale.

Nesse momento, Eureka entrou, pois até agora ela estava vagando pelo vale com Jim; e quando a gatinha viu a mesa posta com a comida, gritou:

– Você precisa me alimentar agora, Dorothy. Estou faminta.

As crianças se assustaram com a visão do pequeno animal, pois a associaram com a imagem dos ursos, mas Dorothy as tranquilizou, explicando que Eureka era um animal de estimação e que não poderia fazer mal a eles, mesmo que quisesse. Então, como os outros já haviam ido para longe da mesa, a gatinha saltou da cadeira e colocou as patas sobre a toalha de mesa para ver o que havia para comer. Para sua surpresa, uma mão invisível a agarrou e a manteve suspensa no ar. Eureka ficou frenética de terror e tentou arranhar e morder. No momento seguinte, ela foi jogada ao chão.

– Você viu isso, Dorothy? – disse a gata, engasgando.

– Sim – respondeu sua dona. – Há pessoas que vivem nesta casa, embora nós não possamos vê-las. E você tem que aprender a se comportar, ou algo pior vai acontecer com você.

Dorothy colocou um prato de comida no chão, e a gatinha comeu

avidamente.

– Também quero aquela fruta com cheiro bom que vi na mesa – implorou ela, depois de ter limpado o prato.

– São damas – disse Dorothy. – Você nunca deve prová-las, Eureka, ou você ficará invisível e não poderemos mais ver você.

A gatinha olhou melancolicamente para o fruto proibido.

– Dói ser invisível? – ela perguntou.

– Não sei – respondeu Dorothy. – Mas eu ficaria imensamente triste se a perdesse.

– Muito bem, não vou tocar nisso então – decidiu a gatinha. – Mas você deve mantê-las longe de mim, pois o aroma é muito tentador.

– O senhor ou a senhora poderiam nos dizer – disse o Mágico, dirigindo-se ao ar, porque ele não sabia bem onde estavam as pessoas invisíveis – se há alguma maneira de sairmos de seu belo vale e voltarmos superfície da Terra novamente?

– Oh, é possível sair do vale com bastante facilidade – respondeu a voz do homem. – Mas para fazê-lo você deve entrar em um país muito menos agradável. Quanto a chegar à superfície da Terra, nunca ouvi dizer que seja possível fazer isso, e se você conseguir chegar lá, provavelmente vai despencar.

– Ah, não! – disse Dorothy. – Estivemos lá e sabemos como é.

– O Vale de Voe é certamente um lugar encantador – resumiu o Mágico –, mas não podemos nos contentar em viver em qualquer outra terra que não seja a nossa por muito tempo. Mesmo que tenhamos de nos deparar com lugares desagradáveis em nosso caminho, é necessário chegarmos à superfície da Terra.

– Nesse caso – disse o homem –, será melhor se cruzarem nosso vale e montarem uma escada em espiral dentro da montanha piramidal. O topo dessa montanha está perdido nas nuvens, e quando chegarem lá, estarão na terrível Terra do Nada, onde vivem as gárgulas.

– O que são gárgulas? – perguntou Zeb.

– Não sei, meu jovem. Nosso maior campeão, chamado de Deus Anu, uma vez escalou a escada espiralada e lutou por nove dias com as gárgulas antes que pudesse escapar delas e retornar, mas ele nunca conseguiu descrever as terríveis criaturas, e logo depois, um urso o agarrou e o comeu.

O grupo de andarilhos ficou bastante desencorajado com esse relato sombrio, e então Dorothy disse com um suspiro:

– Se a única maneira de voltarmos para casa é encontrando as gárgulas, então temos de fazer isso. Eles não podem ser piores do que a Bruxa Má do

Oeste ou o Rei dos Nomos.

– Você tinha o Espantalho e o Homem de Lata para ajudá-la a derrotar esses inimigos – observou o Mágico –, mas desta vez, minha querida, não há um único guerreiro em sua companhia.

– Oh, acho que Zeb poderia lutar, se fosse necessário, não poderia, Zeb? – perguntou a menina.

– Possivelmente. Se fosse preciso, sim – respondeu Zeb, em dúvida.

– E você tem a espada articulada com a qual cortou o Feiticeiro vegetal em dois – disse a menina ao homenzinho.

– Verdade – respondeu ele. – E na minha bolsa há outras coisas úteis que posso usar para lutar.

– O que as gárgulas mais temem são ruídos – disse a voz do homem. – Nosso campeão me disse que quando ele gritou durante a batalha as criaturas estremeceram e recuaram, hesitando em terminar o confronto. Mas como elas estavam em grande número, o campeão não conseguiu gritar muito, porque tinha que economizar o fôlego para lutar.

– Muito bem – disse o Mágico. – Todos nós gritamos muito melhor do que lutamos. Vamos logo derrotar as gárgulas.

– Mas, diga-me – disse Dorothy. – Como é que um campeão tão corajoso permitiu que os ursos o devorassem? E se ele estava invisível, e os ursos também, como sabem que ele foi comido?

– O campeão matou onze ursos em seus tempos de glória – respondeu o homem invisível. – E sabemos que isso é verdade porque, quando qualquer criatura está morta, o encanto invisível da fruta dama torna-se inativo, e o corpo pode ser visto por todos os olhos. Quando o campeão matou um urso, todos puderam ver, e quando os ursos mataram o campeão, todos pudemos ver vários pedaços dele espalhados, que naturalmente desapareceram quando os ursos os devoraram.

Eles se despediram das pessoas gentis, e depois que o homem sinalizou onde estava situada a grande montanha piramidal, no lado oposto do vale, e lhes disse como chegar lá, eles começaram novamente sua viagem.

O grupo seguiu o curso de um amplo riacho e passou por vários outros chalés bonitos, e, claro, não viram ninguém, nem ninguém falou com eles também. Frutas e flores cresciam abundantemente por toda parte, e havia muitas das deliciosas damas de que o povo de Voe tanto gostava.

Por volta de meio-dia, eles pararam para deixar que Jim descansasse à sombra de um belo pomar, e enquanto colhiam e comiam algumas das cerejas e ameixas que cresciam ali, uma voz suave de repente falou:

– Há ursos por perto. Tomem cuidado!

Imediatamente, o Mágico sacou sua espada, Zeb agarrou o chicote do cavalo e Dorothy subiu na charrete, embora Jim estivesse desamarrado agora e pastando a alguns metros de distância.

O dono da voz invisível deu uma leve risada e disse:

– Vocês não vão conseguir escapar dos ursos desse jeito.

– E como podemos escapar? – perguntou Dorothy, nervosa, pois um perigo invisível é sempre mais difícil de enfrentar.

– É preciso ir ao rio – foi a resposta. – Os ursos não se aventuram na água.

– Mas morreríamos afogados! – exclamou a garota.

– Oh, não há necessidade disso – disse a voz, que pelo seu tom suave parecia pertencer a uma jovem. – Vocês são estranhos no Vale de Voe e não parecem saber nossos caminhos. Então vou tentar ajudá-los.

No momento seguinte, uma planta de folhas largas foi arrancada do solo onde crescia e mantida suspensa no ar diante do Mágico.

– Senhor – disse a voz –, deve esfregar estas folhas nas solas de seus pés, e então será capaz de andar sobre a água sem afundar. Isso é um segredo que os ursos não sabem. Nós, o povo de Voe, geralmente andamos sobre a água quando viajamos, e assim conseguimos escapar de nossos inimigos.

– Obrigado! – gritou o Mágico, alegre, esfregando uma folha nas solas dos sapatos de Dorothy e depois nos seus. A menina pegou uma folha e esfregou nas patinhas da gatinha, e o resto da planta foi entregue a Zeb, que, após aplicá-la nos próprios pés, esfregou-a cuidadosamente nos quatro cascos de Jim e, em seguida, nos pneus das rodas da charrete.

Ele estava quase terminando esta última tarefa quando de repente ouviram um rosnado baixo, e o cavalo começou a pular e escoicear violentamente.

– Rápido! Corram para a água ou estarão perdidos! – gritou a amiga invisível. Sem hesitar, o Mágico puxou a charrete pela margem até o rio, pois Dorothy estava lá dentro com Eureka nos braços. Eles não afundaram, devido às propriedades da estranha planta, e quando a charrete já estava no meio do riacho, o Mágico voltou à margem para ajudar Zeb e Jim.

O cavalo estava correndo loucamente, tropeçando nas próprias patas, quando dois ou três cortes profundos apareceram em seus flancos, dos quais o sangue começou a fluir livremente.

– Corra para o rio! – gritou o Mágico, e Jim rapidamente se libertou de seus atormentadores invisíveis dando-lhes alguns coices violentos. Assim que o cavalo começou a trotar na superfície do rio, ele se viu a salvo das perseguições, com Zeb bem à frente correndo sobre a água em direção a

Dorothy.

Quando o pequeno Mágico se virou para segui-los, sentiu um hálito quente em sua bochecha e ouviu um rosnado baixo e feroz. Imediatamente, ele começou a golpear o ar com sua espada, e logo soube que havia atingido algo, porque, ao puxar a lâmina, ela estava pingando sangue. Na terceira vez em que ele usou sua espada, ouviu um rugido alto seguido de uma queda, e de repente, a seus pés, apareceu a forma de um grande urso vermelho, quase tão grande quanto o cavalo, mas muito mais forte e feroz. A besta estava quase morta pelas estocadas da espada, e depois de dar uma boa olhada em suas terríveis garras e nos dentes afiados, o homenzinho entrou em pânico e correu para a água, pois outros rosnados ameaçadores o advertiam de que outros ursos deviam estar por perto.

Na água, os aventureiros pareciam estar perfeitamente seguros. Dorothy e a charrete flutuavam lentamente rio abaixo com a correnteza da água, e os outros se apressaram para se juntar a ela. O Mágico abriu a bolsa e tirou um esparadrapo com o qual cobriu os cortes que Jim sofrera pelas garras dos ursos.

– Depois dessa, acho melhor continuarmos no rio – disse Dorothy. – Se nossa amiga desconhecida não tivesse nos avisado e dito o que fazer, estaríamos todos mortos a essa altura.

– Isso é verdade – concordou o Mágico. – E como o rio parece estar fluindo na direção da Montanha Piramidal, acredito que esta seja a maneira mais fácil de viajarmos.

Zeb prendeu Jim à charrete novamente, e o cavalo trotou, puxando-os rapidamente sobre a água lisa. A gatinha no início ficou apavorada com a ideia de se molhar, mas Dorothy a pôs no chão, e logo Eureka estava brincando ao lado do veículo, sem medo. Assim que um peixinho veio próximo à superfície, a gatinha pegou-o com a boca e o comeu num piscar de olhos. Mas Dorothy a advertiu novamente para ter cuidado com o que comia no vale encantado, e mais nenhum peixe descuidado nadou ao seu alcance.

Após uma viagem de várias horas, eles chegaram a um ponto onde o rio fazia uma curva e perceberam que teriam de andar cerca de dois quilômetros pelo vale até chegarem à Montanha Piramidal.

Havia poucas casas nessa parte e poucos pomares ou flores, e nossos amigos temeram a possibilidade de encontrar mais ursos selvagens, que temiam mais que tudo.

– Você terá que dar uma corrida, Jim – disse o Mágico. – Corra o mais rápido que puder.

– Tudo bem – respondeu o cavalo. – Farei o melhor possível, mas não se esqueça de que estou velho, e o meu vigor já se foi há muito tempo.

Os três entraram na charrete, e Zeb pegou as rédeas, embora Jim não precisasse de qualquer tipo de orientação. O cavalo ainda estava dolorido em razão das garras afiadas dos ursos invisíveis, e assim que chegou à margem em direção à montanha, o pensamento de que mais algumas daquelas criaturas terríveis pudessem surgir e atacá-los novamente funcionou como uma espora, fazendo-o galopar por todo o trajeto tão velozmente que Dorothy quase perdeu o fôlego.

Então Zeb, por travessura, soltou um rosnado como o dos ursos, e Jim eriçou-se até as orelhas, saindo em disparada. Suas pernas ossudas moviam-se tão rápido que mal podiam ser vistas, e o Mágico, agarrando-se fortemente ao assento, gritou com toda a força:

– Uau!

– E-eu... estou com m-medo de que ele esteja... fugindo! – Dorothy engasgou.

– Ele está mesmo – disse Zeb. – Mas nenhum urso pode pegá-lo se ele mantiver essa velocidade, e se os arreios ou a charrete não quebrarem.

Jim fez o percurso tão rápido que antes que pudessem perceber já estavam no pé da montanha. E parou tão repentinamente que Zeb e o Mágico foram arremessados do veículo e caíram na grama macia, onde rolaram várias vezes até parar. Dorothy quase foi com eles, mas ela estava segurando firmemente a grade de ferro do assento, o que a salvou. No entanto, ela apertou tanto a gatinha que a fez gritar. Então, o velho cavalo de carga fez vários sons curiosos que levaram a menina a suspeitar que ele estivesse rindo do que acabara que acontecer.



O HOMEM DE TRANÇAS DA MONTANHA PIRAMIDAL

A montanha tinha a forma de um cone e era tão alta, que o topo desaparecia em meio às nuvens. Em frente ao lugar onde Jim parou, havia uma abertura arqueada que dava para uma ampla escadaria. Os degraus cortados na rocha, dentro da montanha, eram largos e não muito íngremes. A escada era espiralada um saca-rolhas, e, na abertura em arco onde ela começava, o círculo era bastante grande. Ao pé da escada estava escrito:

AVISO

ESTES DEGRAUS LEVAM À TERRA DAS GÁRGULAS.

PERIGO! MANTENHA DISTÂNCIA.

– Estou pensando em como Jim vai fazer para puxar a charrete nas escadas – disse Dorothy, tensa.

– Sem problemas – declarou o cavalo, com um relincho de desdém. – Eu não me importaria de levá-los, mas neste caso vocês terão que andar.

– E se a escada ficar mais íngreme? – acrescentou Zeb, em dúvida.

– Então você terá que empurrar as rodas do veículo. Só isso – respondeu Jim.

– Vamos tentar, de qualquer maneira – disse o Mágico –, já que é o único jeito de sair do Vale de Voe.

Então eles começaram a subir as escadas, Dorothy e o Mágico primeiro, Jim em seguida, puxando a charrete, e depois Zeb, para ver se nada acontecia com

o arreio.

A luz estava fraca, e logo eles ficariam na escuridão total, de modo que o Mágico foi obrigado a sacar suas lamparinas para iluminar o caminho. Isso permitiu que eles prosseguissem de forma constante até chegarem a um ponto onde havia uma fenda na lateral da montanha que permitia a entrada de luz e ar. Olhando por essa abertura, eles puderam ver o Vale de Voe bem abaixo, e os chalés pareciam casas de brinquedo àquela distância.

Depois de descansarem alguns momentos, eles retomaram a subida, e as escadas ainda eram largas e baixas o suficiente para Jim puxar o cabriolé com facilidade. O velho cavalo ofegou um pouco e teve que parar mais de uma vez para recuperar o fôlego. Nessas ocasiões, todos ficavam contentes de esperar por ele, já que subir escadas continuamente fazia suas pernas doerem.

Eles continuaram a subir, sempre em movimento espiralado, por algum tempo. As chamas das lamparinas mostravam vagamente o caminho, mas o percurso ainda era obscuro, e eles ficaram satisfeitos quando um amplo raio de luz à frente assegurou-lhes que estavam chegando a um segundo patamar.

Ali, um dos lados da montanha tinha um grande buraco, como a boca de uma caverna, e os degraus acabavam perto do limite do chão e começavam a subir novamente no lado oposto.

Essa abertura na montanha ficava do lado oposto ao Vale de Voe, e dessa vez nossos viajantes se depararam com um cenário estranho. Abaixo deles havia um vasto espaço, cuja parte inferior era preenchida por um mar negro com grandes ondas que se quebravam, através das quais, constantemente, eram disparadas pequenas línguas de fogo. Logo acima deles, e quase no nível de sua plataforma, havia blocos de nuvens rolando e frequentemente mudando de posição e de cor. Os azuis e cinzentos eram muito bonitos, e Dorothy percebeu que no topo das nuvens era possível avistar silhuetas de belas criaturas cobertas de névoa. Os corpos assemelhavam-se à pelagem de ovelhas, e provavelmente aquelas seriam as Fadas das Nuvens. Os mortais que estão na terra e olham para o céu muitas vezes não conseguem distinguir essas formas, mas nossos amigos estavam agora tão perto das nuvens que podiam apreciar a delicadeza dessas fadas com naturalidade.

– Elas são reais? – perguntou Zeb, com uma voz admirada.

– É claro – respondeu Dorothy suavemente. – São as Fadas das Nuvens.

– Parecem ornamentos – observou o rapaz, olhando-as fixamente. – Se eu apertasse uma delas, não sobraria nada.

No espaço aberto entre as nuvens e o mar negro borbulhante lá embaixo, eles puderam ver um estranho pássaro voando pelos ares. Havia mais de um, e

eles eram de tamanho gigantesco, fazendo Zeb se lembrar dos pássaros roca, que ele havia lido no livro *As mil e uma noites*. Eles tinham olhos ferozes e garras e bicos afiados, e as crianças ficaram torcendo para que nenhum deles tivesse a ideia de se aventurar dentro da caverna.

– Minha nossa! – de repente exclamou o pequeno Mágico. – Que diabo é isso?

Eles se viraram e deram de cara com um homem parado no centro da caverna, que se curvou educadamente ao ver que havia atraído a atenção dos viajantes. Ele era muito velho e tinha o corpo envergado, mas o que havia de mais estranho nele eram seus cabelos e barba brancos, tão longos que chegavam a seus pés. Tanto o cabelo quanto a barba eram cuidadosamente dispostos em várias pequenas tranças, amarradas com fitas coloridas.

– De onde você veio? – perguntou Dorothy, maravilhada.

– De lugar nenhum – respondeu o Homem de Tranças. – Quer dizer, pelo menos recentemente. Uma vez eu vivi na superfície da Terra, mas por muitos anos minha fábrica funcionava aqui neste local – a Montanha Piramidal.

– Ainda estamos no meio do caminho para a superfície da Terra? – indagou o menino, em tom desanimado.

– Acredito que sim, meu rapaz – respondeu o Homem de Tranças. – Mas como nunca estive em outra direção, nem abaixo nem acima, desde que cheguei, não posso dizer com certeza se estamos na metade ou não.

– Você tem uma fábrica neste lugar? – perguntou o Mágico, examinando o estranho personagem com cuidado.

– Com certeza – disse o outro. – Sou um grande inventor, e fabrico meus produtos neste local solitário.

– Quais são os seus produtos? – perguntou o Mágico.

– Bem, eu faço agitadores sortidos para bandeiras e bandeirolas, e farfalhadores de alta qualidade para vestidos de seda femininos.

– Foi o que pensei – disse o Mágico, com um suspiro. – Podemos examinar alguns desses artigos?

– Sim, claro. Venham até minha loja, por favor – e o Homem de Tranças se virou, abrindo o caminho para uma caverna menor, onde ele morava. Ali, em uma ampla prateleira, estavam várias caixas de papelão de vários tamanhos, cada uma amarrada com barbante.

– Aqui – disse o homem, pegando uma caixa e manuseando-a com delicadeza – há doze dúzias de farfalhadores, o suficiente para durar por um ano com qualquer dama. Você vai querer comprar, minha querida? – ele perguntou, dirigindo-se a Dorothy.

– Meu vestido não é de seda – disse ela, sorrindo.

– Sem problemas. Quando você abrir a caixa, o farfalhador vai acabar escapando mesmo, esteja você vestindo seda ou não – disse o homem, sério. Então ele pegou outra caixa. – Nesta – ele continuou –, há muitas vibrações variadas. Os agitadores são imprescindíveis para fazer as bandeiras tremularem em dias que não há vento. O senhor – voltando-se para o Mágico – deveria ter esta variedade. Depois de experimentar meus produtos, tenho certeza de que nunca ficará sem eles.

– Não tenho dinheiro comigo – disse o Mágico, evasivamente.

– Não quero dinheiro – respondeu o Homem de Tranças –, pois não poderia gastá-lo neste lugar deserto, mesmo que o tivesse, mas eu gostaria muito de uma fita de cabelo azul. Como podem perceber, minhas tranças estão amarradas com laços amarelos, marrons, vermelhos, verdes, brancos, pretos e até cor-de-rosa, mas eu não tenho nenhum azul.

– Vou buscar um para você! – gritou Dorothy, com pena do pobre homem.

Então ela correu de volta para a charrete e tirou de sua mala uma linda fita azul, e ficou contente ao ver como os olhos do Homem de Tranças brilharam quando ele recebeu aquele tesouro.

– Você me deixou muito, muito feliz, minha querida! – ele exclamou. E então insistiu para que o Mágico pegasse a caixa de agitadores e que a garotinha aceitasse a caixa de farfalhadores.

– Pode ser que você precise deles alguma hora – disse ele –, e não há utilidade para essas coisas em minha fábrica, a menos que alguém as use.

– Por que você decidiu sair da superfície da Terra? – perguntou o Mágico.

– Não pude evitar. É uma história triste, mas se vocês conseguirem conter as lágrimas, eu contarei o que aconteceu. Na Terra eu era um fabricante de furos importados para queijo suíço americano, um fornecedor de renome, pois meu produto era superior aos outros e muito procurado. Eu também fazia poros para emplastros e orifícios de alta qualidade para *donuts* e botões. Finalmente, eu inventei uma nova forma de fazer buracos no solo para colocação de postes. Eles seriam ajustáveis, e imaginei que faria fortunas com isso. Produzi uma grande quantidade desses orifícios e, não tendo espaço para armazená-los, reuni todos e os empilhei no chão. Isso fez um buraco gigantesco no solo, que, como podem imaginar, podia alcançar o centro da Terra. Quando me inclinei sobre ele para tentar ver o fundo, perdi o equilíbrio e caí. Infelizmente, o buraco levava ao vasto espaço que vocês viram fora desta montanha, mas eu consegui me segurar na ponta de uma rocha que se projetava desta caverna e assim pude me salvar de cair de cabeça nas ondas

negras abaixo, onde as línguas de fogo certamente teriam me consumido. Aqui, então, fiz minha casa. Embora seja um lugar solitário, eu me divirto fazendo farfalhadores e agitadores, e dessa forma me sinto bem.

Quando o Homem de Traças terminou de contar essa estranha história, Dorothy quase riu, pois tudo aquilo era muito absurdo, mas o Mágico bateu na testa com os dedos, indicando que o pobre homem devia estar louco. Então, eles educadamente lhe desejaram um bom dia e voltaram para a outra parte da caverna para retomarem sua jornada.



O ENCONTRO COM AS GÁRGULAS DE MADEIRA

Outra escalada sem fôlego levou nossos aventureiros a um terceiro patamar, onde havia uma fenda na montanha. Ao espiarem, tudo o que podiam ver eram blocos de nuvens rolando, tão densos que obscureciam completamente o local. Com isso, os viajantes foram obrigados a descansar, e, enquanto estavam sentados no chão rochoso, o Mágico enfiou a mão no bolso e tirou os nove pequenos leitões. Para seu deleite, eles estavam agora claramente visíveis, o que provava que o efeito da fruta mágica do Vale de Voe havia passado.

– Ora, podemos nos ver de novo! – gritou um, alegremente.

– Sim! – suspirou Eureka. – Eu também posso vê-los, e essa visão me deixou com muita fome. Por favor, sr. Mágico, posso comer apenas um dos porquinhos gordinhos? Um ou dois não irão lhe fazer falta.

– Que besta horrível e selvagem! – exclamou um leitão. – Depois de termos sido tão bons amigos e brincarmos uns com os outros!

– Quando não estou com fome, adoro brincar com todos vocês – disse a gatinha, recatadamente –, mas quando meu estômago está vazio, parece que nada o encheria tão bem como um leitãozinho gordo.

– Nós confiávamos em você! – disse outro dos nove leitões, em tom de censura.

– E pensávamos que era alguém de respeito! – disse outro.

– Parece que nos enganamos – declarou um terceiro, olhando timidamente para a gatinha. – Ninguém com tais desejos assassinos deve pertencer ao nosso grupo, tenho certeza.

– Viu só, Eureka? – observou Dorothy, em tom de reprovação. – Está

fazendo com que não gostem de você. Existem coisas próprias para um gatinho comer, mas nunca ouvi falar de um gato comendo um porco, sob circunstância alguma.

– Você já viu porquinhos assim antes? – perguntou a gatinha. – Eles não são maiores que ratos, e tenho certeza de que ratos são adequados para eu comer.

– Não é o tamanho, é a espécie – respondeu a garota. – Estes são os animais de estimação do sr. Mágico, assim como você é o meu animal de estimação, e você comê-los seria tão inaceitável quanto Jim fazer o mesmo com você.

– E isso é o que eu farei se você não deixar essas bolinhas fofinhas em paz – disse Jim, olhando para a gatinha com seus olhos grandes e redondos. – Se você machucar algum deles, eu a mastigarei imediatamente.

A gatinha ficou olhando para o cavalo, pensativa, como se tentasse descobrir se ele falava sério ou não.

– Nesse caso – disse ela –, vou deixá-los em paz. Não lhe restam muitos dentes, Jim, mas os poucos que você tem são afiados o suficiente para me fazer estremecer. Assim, os leitões estarão perfeitamente seguros, daqui em diante, no que me diz respeito.

– Isso mesmo, Eureka – comentou o Mágico com seriedade. – Sejam todos uma família feliz, amando uns aos outros.

Eureka bocejou e espreguiçou-se.

– Sempre gostei dos leitões – disse ela. – Eles é que não me amam.

– Não se pode amar alguém que receamos – afirmou Dorothy. – Se você se comportar e não assustar os porquinhos, tenho certeza de que eles irão gostar de você novamente.

O Mágico então colocou os nove minúsculos porquinhos de volta em seu bolso, e a jornada foi retomada.

– Devemos estar bem perto do topo, agora – disse o menino, enquanto eles subiam exaustos a escada escura e sinuosa.

– O País das Gárgulas não pode ser tão longe da superfície da Terra – comentou Dorothy.

– Isto não é muito bonito, me dá vontade de voltar logo para casa.

Ninguém respondeu a isso, porque eles perceberam que precisariam de todo o fôlego para continuar subindo.

As escadas ficaram mais estreitas, e Zeb e o Mágico mais de uma vez tiveram de ajudar Jim a puxar a charrete em um degrau ou outro e evitar que ela encostasse nas paredes rochosas.

Por fim, uma luz fraca apareceu à frente deles, ficando mais clara e mais

forte à medida que avançavam.

– Graças a Deus, estamos quase lá! – disse o pequeno Mágico, ofegante.

Jim, que estava na frente, viu o último degrau e prendeu a cabeça no alto das laterais rochosas da escada. Então ele parou, abaixou-se e começou a recuar, quase caindo com o veículo sobre os outros.

– Vamos descer! – ele disse com em sua voz rouca.

– Mas que ideia absurda! – retrucou o Mágico, cansado. – O que aconteceu, meu velho?

– Tudo! – resmungou o cavalo. – Eu dei uma olhada neste lugar, e não é um país adequado para criaturas reais. Tudo está morto lá em cima, sem carne ou sangue ou coisas crescendo em qualquer lugar.

– Não importa! Não podemos voltar – disse Dorothy. – E não pretendemos ficar aí, de qualquer maneira.

– Mas é perigoso – rosnou Jim, em um tom teimoso.

– Veja aqui, meu bom corcel – interrompeu o Mágico. – A pequena Dorothy e eu estivemos em muitas terras estranhas em nossas viagens, e sempre escapamos ilesos. Nós até estivemos na maravilhosa Terra de Oz, não é, Dorothy? Por isso não nos intimidamos muito com o País das Gárgulas, como vocês. Vá em frente, Jim, e aconteça o que acontecer, faremos o melhor que pudermos.

– Tudo bem – respondeu o cavalo. – Esta excursão é sua e não minha, então, se você criar problemas, não me culpe.

Com esse discurso, ele se curvou para a frente e arrastou a charrete pelos degraus restantes. Os outros o seguiram, e logo todos estavam sobre uma ampla plataforma, olhando para a visão mais curiosa e surpreendente que seus olhos já tinham visto.

– O País das Gárgulas é todo de madeira! – exclamou Zeb.

O solo era feito de serragem, e os seixos espalhados em volta eram nós de árvores, formados delicadamente ao longo do tempo. Havia estranhas casas de madeira, com flores de madeira esculpidas nos jardins. Os troncos das árvores eram de madeira áspera, mas as folhas das árvores eram de aparas. Os gramados eram de lascas de madeira, e onde não tinha grama ou serragem, havia um piso de madeira sólida. Pássaros de madeira voavam entre as árvores e vacas pastavam na grama de madeira, mas o mais incrível de tudo era o povo de madeira, mais conhecido como gárgulas.

Elas eram em grande número, pois o lugar era densamente habitado. Um grande grupo dessa população estranha aglomerou-se para examinar fixamente os estranhos que emergiam da longa escada em espiral.

As gárgulas eram de estatura muito baixa, com menos de um metro de altura. Os corpos eram roliços, as pernas, curtas e grossas, e os braços, extraordinariamente longos e robustos. As cabeças eram grandes demais para os corpos, e os rostos eram decididamente feios. Algumas tinham o nariz e o queixo longos e curvos, olhos pequenos e boca grande e sorridente. Outras tinham nariz achatado, olhos protuberantes e orelhas com o formato de orelhas de elefante.

Havia muitos tipos, de fato, dificilmente duas iguais, mas todas eram igualmente desagradáveis. No topo da cabeça não tinham cabelos, mas uma variedade fantástica de formas: algumas tinham uma fileira de pontas ou bolas na parte superior, outras, desenhos semelhantes a flores ou vegetais, e ainda havia outras com quadrados que pareciam panquecas cortadas em cruz na cabeça. Todas elas tinham asas curtas de madeira presas ao corpo por meio de dobradiças de madeira com parafusos de madeira, e com essas asas elas voavam de forma veloz e silenciosa por todos os cantos, de forma que suas pernas tinham pouca utilidade.

O deslocamento silencioso era uma das coisas mais peculiares das gárgulas. Elas não faziam som algum, voando ou falando, e se comunicavam principalmente por meio de sinais rápidos feitos com os dedos de madeira ou com os lábios. Nem havia nenhum som para ser ouvido em qualquer lugar em todo o país de madeira. Os pássaros não cantavam, as vacas não mugiam. No entanto, havia muito mais desses elementos incomuns para ver em toda a cidade.

O grupo dessas criaturas estranhas que estava reunido perto da escada permaneceu imóvel, encarando com olhos malignos os intrusos que haviam aparecido de repente em sua terra. Por sua vez, o Mágico, as crianças, o cavalo e a gatinha encararam as gárgulas de volta com a mesma atenção silenciosa.

– Vamos ter problemas. Tenho certeza – comentou o cavalo. – Desprenda-me desses rebocadores, Zeb, e me liberte da charrete para que eu possa lutar confortavelmente.

– Jim está certo! – suspirou o Mágico. – Vamos ter problemas, e a minha espada não é forte o suficiente para cortar aqueles corpos de madeira, então terei que pegar meus revólveres.

Ele pegou sua bolsa no veículo e, abrindo-a, tirou duas pistolas com aparência tão mortal que fez as crianças se encolherem de medo só de olhar para elas.

– Que mal as gárgulas poderiam nos fazer? – perguntou Dorothy. – Elas não têm armas para nos ferir.

– Cada um de seus braços é uma clava – respondeu o homenzinho. – E tenho certeza de que essas criaturas são traiçoeiras, pelo jeito com que nos olharam. Talvez esses revólveres consigam danificar alguns corpos de madeira, mas depois disso estaremos à sua mercê.

– Mas para que lutar, então? – perguntou a garota.

– Para que eu possa morrer com a consciência limpa – respondeu o Mágico. – É dever de todo homem fazer o melhor que pode. E é isso que vou fazer.

– Como eu queria ter um machado agora! – disse Zeb, que já tinha desamarrado o cavalo.

– Se soubéssemos que viríamos, poderíamos ter trazido várias outras coisas que seriam úteis aqui – respondeu o Mágico. – Mas caímos nesta aventura de forma bastante inesperada.

As gárgulas recuaram um pouco quando ouviram o som de conversas, e, embora nossos amigos tenham falado em voz baixa, suas palavras soavam alto no silêncio que as cercava. Mas assim que a conversa cessou, as criaturas sorridentes e feias voaram rapidamente em direção aos estranhos, com os longos braços estendidos diante deles como os gurupés de uma frota de barcos a vela. O cavalo atraiu especialmente a atenção delas, porque era a maior e mais estranha criatura que já tinham visto. Então ele foi o primeiro alvo do ataque.

Mas Jim estava pronto para elas e, quando as viu chegando, virou-se de costas e começou a escoicear o mais forte que podia. *Pou! Bum! Vap!*, soavam as ferraduras contra os corpos de madeira das gárgulas. E elas foram golpeadas por todos os lados com tanta força que se espalharam como palha ao vento, mas o barulho era tão terrível para elas quanto os calcanhares de Jim, pois aquelas que ainda estavam de pé rapidamente se viraram e voaram para bem longe. As outras levantaram-se do chão uma a uma e logo se reuniram às companheiras. E então, por um momento, o cavalo pensou que tinha vencido a luta com facilidade, mas o Mágico não estava tão convencido disso.

– Essas coisas de madeira são impossíveis de ferir – disse ele. – E o máximo que Jim fez foi arrancar algumas farpas do nariz e das orelhas delas. Isso certamente não as tornará mais feias, e acredito que elas logo voltarão para um novo ataque.

– O que as fez voar para longe? – perguntou Dorothy.

– O barulho, claro. Você não lembra como o campeão escapou delas dando seu grito de guerra?

– E se nós descêssemos de volta pela escada em espiral? – sugeriu o

menino. – Temos tempo, e prefiro enfrentar os ursos invisíveis àqueles diabinhos de madeira.

– Não – respondeu Dorothy, com firmeza. – Não adianta retroceder, dessa forma nunca voltaríamos para casa. Vamos lutar.

– Concordo – disse o Mágico. – Eles não nos derrotaram ainda, e Jim vale por um exército inteiro.

Mas as gárgulas foram espertas o suficiente para não atacarem o cavalo novamente. Elas avançaram em um grande enxame, juntando-se a outros inúmeros indivíduos de sua espécie, e voaram direto sobre a cabeça de Jim, onde os outros estavam.

O Mágico ergueu um de seus revólveres e atirou na multidão de seus inimigos, e o tiro ressoou como um trovão naquele lugar silencioso.

Alguns dos seres de madeira caíram no chão, onde estremeceram e tremeram dos pés à cabeça, mas a maioria conseguiu girar e escapar novamente para longe. Zeb correu e pegou uma das gárgulas que estava mais próxima a ele. O topo de sua cabeça era esculpido em formato de coroa, e a bala do Mágico atingira de forma certa seu olho esquerdo, que era um nó de árvore. Metade da bala tinha ficado presa na madeira, e a outra metade estava visível; então, o balanço repentino e o barulho é que haviam derrubado a criatura, mais do que o fato de ela estar machucada. Antes que aquela gárgula coroada se recuperasse, Zeb passou uma fita ao redor de seus braços e asas para que a criatura não pudesse se mover.

Então, tendo amarrado a gárgula de madeira com segurança, o menino afivelou a correia e jogou sua prisioneira na charrete. A essa altura, todas as outras já haviam se retirado.



UMA FUGA MARAVILHOSA

Por um momento, o inimigo hesitou em retomar o ataque. Então, algumas delas avançaram, até que outro tiro do revólver do Mágico as fizesse recuar.

– Tudo bem – disse Zeb. – Agora eles estão na nossa mira, com certeza.

– Mas só por enquanto – respondeu o Mágico, abanando a cabeça com tristeza. – Esses revólveres são bons para seis tiros cada, mas quando as balas acabarem, ficaremos desamparados.

As gárgulas pareciam perceber isso, pois estavam enviando algumas do bando vez ou outra para atacar os estranhos e fazer o Mágico abrir fogo contra elas. Dessa forma, nenhuma delas era atingida pelo ruído mais de uma vez, pois o bando principal mantinha distância cada vez que um novo grupo era enviado para a batalha. Quando o Mágico terminou de disparar as suas doze balas, ele não havia causado grandes danos ao inimigo, exceto atordoá-los por alguns instantes com o barulho, por isso eles estavam mais perto do início da batalha do que da vitória.

– O que faremos agora? – perguntou Dorothy, ansiosa.

– Vamos gritar, todos juntos – disse Zeb.

– E lutar ao mesmo tempo – acrescentou o Mágico. – Vamos chegar perto de Jim, para que ele possa nos ajudar. Cada um deve pegar uma arma e fazer o máximo que puder. Vou usar minha espada, embora ela não tenha muita utilidade neste caso. Dorothy deve pegar sua sombrinha e abri-la de uma vez, quando o povo de madeira a atacar. Não tenho nada para você, Zeb.

– Vou usar o rei – disse o rapaz, tirando o prisioneiro da charrete.

Os braços da gárgula se estendiam além de sua cabeça, então, agarrando

seus pulsos, Zeb fez do corpo do rei um ótimo bastão. O menino tinha força nos braços, porque por muitos anos trabalhara em uma fazenda, portanto, era mais provável que o garoto conseguisse intimidar mais as criaturas do que o Mágico.

Quando a próxima leva de gárgulas avançou, nossos aventureiros começaram a gritar como se estivessem todos loucos. Até a gatinha deu um grito terrivelmente estridente, enquanto o cavalo relinchava alto. Isso assustou o inimigo por um tempo, mas os viajantes logo ficaram sem fôlego. Percebendo isso, bem como o fato de que não havia mais o terrível estrondo vindos dos revólveres, as gárgulas avançaram em grupo, tão denso quanto um enxame de abelhas, e o céu ficou repleto delas.

Dorothy agachou-se no chão e abriu sua sombrinha, que quase a cobriu por completo, provando ser uma boa proteção. A lâmina da espada do Mágico quebrou-se em uma dúzia de pedaços no primeiro golpe que ele desferiu contra o povo de madeira. Zeb bateu com a gárgula que ele estava usando como clava, até derrubar dezenas de inimigos, mas, quando ele chegou ao último adversário, as bestas agruparam-se pesadamente ao seu redor, fazendo com que ele não tivesse mais espaço para balançar ou mexer os braços da gárgula.

O cavalo executou alguns chutes espetaculares, e até mesmo Eureka ajudou, saltando sobre as gárgulas, arranhando-as e mordendo-as como um felino selvagem. Mas toda essa bravura não serviu para nada. As feras de madeira colocaram seus longos braços ao redor de Zeb e do Mágico e os seguraram. Dorothy foi capturada da mesma forma, e várias gárgulas agarraram-se às pernas de Jim, fazendo peso para que o pobre animal ficasse indefeso. Eureka correu desesperadamente para tentar escapar, mas uma gárgula sorridente voou atrás dela, agarrando-a antes que ela pudesse ir muito longe.

Todos eles esperavam nada menos do que morte instantânea, mas, para sua surpresa, as criaturas de madeira voaram com eles pelo céu, carregando-os para longe, ao longo de milhas e milhas, até que eles chegaram a uma cidade de madeira. As casas dessa cidade tinham muitos cantos e eram estruturadas em formato de hexágonos e octógonos. Tinham a aparência de torres velhas e gastas pelo tempo, no entanto, todas eram fortes e sólidas.

Nenhuma dessas casas tinha portas ou janelas, somente uma ampla claraboia aberta por onde os prisioneiros foram deixados por seus captores. As gárgulas empurraram os invasores com força para que passassem pela abertura do teto que dava para uma plataforma, e depois foram embora voando. Como não tinham asas, os estranhos não podiam voar para longe, e se tentassem

pular de tal altura, certamente morreriam. As gárgulas eram inteligentes o suficiente para constatarem isso, e o único erro que cometeram foi supor que o povo da face da Terra era incapaz de superar essas dificuldades triviais.

Jim foi trazido em seguida, embora tenha sido necessário um bom número de gárgulas para carregar o grande equino pelo ar e deixá-lo na plataforma suspensa. A charrete foi empurrada para dentro logo depois, não só porque pertencia aos estranhos, mas também porque o povo de madeira não fazia ideia de para que aquilo servia e se estava vivo ou não. Quando o captor de Eureka jogou a gatinha após o outros, a última gárgula desapareceu silenciosamente, deixando nossos amigos respirarem livremente mais uma vez.

– Que luta horrível! – suspirou Dorothy, com a respiração entrecortada.

– Quanto a isso, não sei – ronronou Eureka, alisando o pelo despenteado com a pata. – Nós não conseguimos machucar ninguém, e ninguém conseguiu nos machucar.

– Graças a Deus estamos todos juntos, embora sejamos prisioneiros – suspirou a menina.

– Eu gostaria de descobrir por que eles não nos mataram no local – comentou Zeb, que havia perdido o rei durante a luta.

– Provavelmente estão nos mantendo vivos para alguma cerimônia – respondeu o Mágico, pensativo.

– Mas não há dúvida de que pretendem nos matar bem matados em breve.

– Matar bem matados significa fazer o serviço direito, sem margem de erro, não é? – perguntou Dorothy.

– Sim, minha querida, mas não precisamos nos preocupar com isso agora. Vamos examinar nossa prisão e ver como ela é por dentro.

O espaço sob o telhado, onde eles estavam, permitiu-lhes ver por todos os lados da habitação, e eles olharam com muita curiosidade para a cidade que se espalhava ao redor. Tudo o que avistaram era feito de madeira, e o cenário parecia enrijecido e extremamente antinatural.

Na plataforma em que estavam havia uma escada que descia para a casa, e as crianças e o Mágico decidiram explorá-la depois de acenderem uma lamparina para iluminar o caminho. Encontraram vários quartos vazios, o que recompensou sua busca, mas não havia nada mais para ver. Então, depois de um tempo, eles voltaram para a plataforma novamente. Se houvesse portas ou janelas nos cômodos inferiores, ou se as tábuas dos cômodos não fossem tão densas e robustas, a fuga poderia ter sido fácil. Mas permanecer na parte de baixo da casa era como estar em um porão, ou pior, no porão de um navio, onde só havia escuridão e cheiro de umidade.

Nesse país, como em todos os outros que tinham visitado sob a superfície da Terra, não havia noite, e uma luz constante e forte vinha de alguma fonte desconhecida. Olhando para fora, eles viram que algumas das casas próximas tinham janelas amplamente abertas, e, ao olharem através delas, puderam ver as silhuetas de algumas das gárgulas de madeira movendo-se em suas habitações.

– Parece que esta é a hora em que elas descansam – observou o Mágico. – Todo mundo precisa repor as energias, mesmo quando é feito de madeira, e como não há noite aqui, elas selecionam um determinado horário do dia para dormir ou cochilar.

– Também estou com sono – comentou Zeb, bocejando.

– Ora, cadê a Eureka? – gritou Dorothy, de repente.

Todos olharam em volta, mas a gatinha não estava em lugar nenhum.

– Ela saiu para dar um passeio – disse Jim, rispidamente.

– Onde? No telhado? – perguntou a garota.

– Não. Ela apenas cravou as garras na madeira e desceu para baixo pela lateral da casa, direto para o chão.

– Não tem como ela descer para cima, Jim – disse Dorothy. – Se ela desceu, só pode ser para baixo.

– Quem disse isso? – protestou o cavalo.

– Minha professora disse. E ela sabe das coisas, Jim.

– “Descer para baixo” às vezes é usado como figura de linguagem – comentou o Mágico.

– Bem, esta foi então uma figura de gato – disse Jim. – De qualquer forma, ela desceu, escalando ou escorregando.

– Minha nossa! Como Eureka é descuidada! – exclamou a jovem, muito angustiada. – As *grágulas* vão capturá-la, com certeza!

– Ha-ha-ha! – riu o velho cavalo de carga. – Não são “grágulas”, são gárgulas.

– Tanto faz. Elas vão pegar Eureka de qualquer forma, não importa como as chamemos.

– Não, não vão – disse a gatinha, rastejando sobre a plataforma e sentando-se calmamente no chão.

– Onde você estava, Eureka? – perguntou Dorothy, severamente.

– Observando o pessoal de madeira. Eles são engraçados demais ao fazer qualquer coisa, Dorothy. Agora estão todos indo para a cama, e, vejam só, para isso eles desprendem as dobradiças de suas asas e as colocam em um canto até acordarem novamente.

– O quê, as dobradiças?

– Não. As asas.

– Mas é claro! – disse Zeb. – Isso explica por que esta casa é usada por eles como prisão. Se alguma das gárgulas agir mal, ela é trazida aqui para a prisão, e suas asas são desprendidas e retiradas até elas prometam se redimir.

O Mágico ouvira atentamente o que Eureka havia dito.

– Seria ótimo se conseguíssemos obter algumas dessas asas soltas – disse ele.

– Será que podemos voar com elas? – perguntou Dorothy.

– Acredito que sim. Se as gárgulas podem soltar as asas, então o poder de voar está nas asas em si, e não nos corpos de madeira. Então, se tivéssemos as asas, provavelmente poderíamos voar tão bem quanto elas, pelo menos enquanto estivermos em seu país, sob o feitiço de sua magia.

– Mas como é que voar nos ajudaria nesse caso? – questionou a garota.

– Venha cá – disse o homenzinho, levando-a para um dos cantos da casa. – Conseguir ver aquela grande rocha erguida na encosta lá longe? – ele continuou, apontando com o dedo.

– Sim. É bem distante daqui, mas consigo vê-la – ela respondeu.

– Bem, dentro daquela rocha, que se estende até as nuvens, há uma abertura arqueada muito parecida com aquela em que entramos quando subimos a escada em espiral do Vale de Voe. Vou pegar minha luneta para que você veja melhor o que estou dizendo.

Ele pegou o pequeno mas poderoso objeto dentro de sua mochila, e com a ajuda dele a menina pôde ver claramente a abertura.

– Para onde será que ela leva? – ela perguntou.

– Isso eu não sei dizer – falou o Mágico. – Mas acredito que não estamos muito longe da superfície da Terra, e essa entrada pode dar em outra escada que nos levará ao topo de nosso mundo novamente. Então, se tivéssemos as asas, poderíamos escapar das gárgulas voando para aquela rocha. Fazendo isso ficaríamos a salvo.

– Vou pegar as asas para você – disse Zeb, que ouvira tudo isso com atenção. – Isto é, se a gatinha me mostrar onde elas estão.

– Mas como pretende descer? – perguntou a garota, maravilhada.

Como resposta, Zeb começou a soltar o arreio de Jim, correia por correia, e a afivelar uma peça na outra até formar uma longa tira de couro que chegaria ao chão.

– Eu posso escalar para baixo com isso. Tudo pronto! – disse ele.

– Não, você não pode – comentou Jim, com um brilho nos olhos redondos.

– Só se pode escalar para cima.

– Bem, vou escalar quando voltar, então – disse o rapaz, rindo. – Agora, Eureka, você terá que me mostrar o caminho até essas asas.

– É preciso fazer silêncio – alertou a gata –, porque se você fizer o mínimo ruído, as gárgulas vão acordar. Elas conseguem ouvir um alfinete caindo.

– Não vou deixar cair um alfinete – disse Zeb.

Ele prendeu uma extremidade da correia a uma roda da charrete e deixou a tira balançar pela parede externa da casa.

– Tenha cuidado! – advertiu Dorothy, seriamente.

– Terei! – disse o menino, deslizando até a beira.

A garota e o Mágico inclinaram-se e observaram Zeb descer com cuidado até finalmente chegar ao chão. Ficando as garras na madeira da casa, Eureka desceu com facilidade. Juntos, eles se moveram silenciosamente em direção a uma porta baixa de uma casa vizinha.

Os espectadores aguardaram em suspense, prendendo o fôlego, até que o menino apareceu novamente, com os braços agora repletos de asas de madeira.

Quando ele chegou aonde a correia estava pendurada, amarrou todas as asas juntas ao final da tira, e o Mágico as puxou. Em seguida, ele desceu a tira novamente para que Zeb pudesse subir. Eureka rapidamente o seguiu, e logo todos estavam juntos na plataforma, com oito das valiosas asas de madeira ao lado.

O menino não estava mais com sono, mas cheio de energia e entusiasmo. Ele montou o arreio novamente e atrelou Jim à charrete. Então, com a ajuda do Mágico, tentou prender algumas das asas ao velho cavalo de carga.

Não foi uma tarefa simples, pois estavam faltando metade das dobradiças das asas, que haviam ficado presas ao corpo das gárgulas. No entanto, o Mágico foi mais uma vez procurar na bolsa, que parecia conter uma variedade surpreendente de quinquilharias, e trouxe um carretel de arame forte, por meio do qual eles conseguiram prender quatro das asas ao arreio de Jim, duas perto de sua cabeça e duas perto do rabo. Embora elas estivessem totalmente desordenadas no corpo do cavalo, estavam seguras o suficiente para se manterem bem presas ao arreio.

As outras quatro asas foram então fixadas ao veículo, duas de cada lado, para que a charrete pudesse suportar o peso das crianças e do Mágico enquanto voava pelos ares.

Esses preparativos não tinham consumido muito tempo, mas as gárgulas adormecidas estavam começando a despertar e se mover, e logo algumas delas estariam procurando suas asas perdidas. Então, os prisioneiros resolveram

deixar a prisão imediatamente.

Eles subiram na charrete. Dorothy sentou-se bem no meio do assento, segurando Eureka com cuidado no colo, e Zeb e o Mágico sentaram-se cada um de um lado. Quando tudo estava pronto, o menino balançou as rédeas e disse:

– Voe para longe, Jim!

– Que asas devo bater primeiro? – perguntou o cavalo de carga, indeciso.

– Bata todas juntas – sugeriu o Mágico.

– Algumas estão tortas – objetou o cavalo.

– Deixe para lá. Vamos guiar com as asas da charrete – disse Zeb. – Basta você se apressar e ir logo para aquela rocha, Jim. Não perca mais tempo.

Então o cavalo deu um gemido, bateu as quatro asas juntas e voou para longe da plataforma. Dorothy estava um pouco preocupada com o sucesso da viagem. A forma como Jim arqueava o pescoço comprido e estendia as pernas ossudas, agitando-se e debatendo-se no ar, bastava para deixar qualquer um nervoso. Ele gemeu também porque estava assustado, e as asas rangiam terrivelmente, porque o Mágico se esquecera de lubrificá-las. Mas eles se mantiveram um bom tempo no ar com as asas da charrete, fazendo um excelente progresso desde o início. A única coisa que qualquer um poderia certamente reclamar era o fato de eles oscilarem, indo para cima e para baixo, como se a estrada fosse rochosa em vez de lisa por causa do ar.

A questão, no entanto, foi que eles voaram, e o fizeram rapidamente, embora de uma maneira um pouco irregular, em direção à rocha para a qual se dirigiam.

Algumas gárgulas acabaram vendo-os e não perderam tempo em reunir um grupo para perseguir os prisioneiros em fuga. Quando Dorothy olhou para trás, viu que elas se aproximavam em uma grande nuvem, a ponto de quase escurecer o céu.



A TOCA DOS DRAGONETES

O povo de madeira seguiu o grupo de fugitivos por todo o trajeto até a grande rocha, mas nossos amigos, tendo tido um bom começo, conseguiram manter o ritmo, pois com suas oito asas poderiam voar tão rápido quanto as gárgulas. Quando Jim finalmente pousou na boca da caverna, os perseguidores estavam ainda a alguma distância.

– Receio que ainda consigam nos alcançar – disse Dorothy, preocupada.

– Não. Nós vamos detê-las – declarou o Mágico. – Rápido, Zeb, ajude-me a tirar estas asas de madeira!

Eles arrancaram as asas, agora sem serventia, e o Mágico as empilhou do lado de fora da entrada da caverna. Ele então derramou sobre elas todo o óleo de querosene que restava em sua lata e acendeu um fósforo, ateando fogo na pilha.

As chamas se espalharam de uma vez, e a fogueira começou a soltar fumaça, fazer barulho e estalar quando o grande exército de gárgulas de madeira chegou. As criaturas recuaram de uma vez, cheias de medo e horrorizadas com algo tão terrível como um incêndio, coisa que elas nunca tinham visto antes em toda a história da terra de madeira.

Dentro da abertura arqueada havia várias portas que levavam a diferentes salas construídas na montanha. Zeb e o Mágico ergueram essas portas de madeira, soltando-as das dobradiças e jogando-as nas chamas.

– Isso vai servir como barreira por algum tempo – disse o homenzinho de rosto enrugado, sorrindo de contentamento, admirado com o sucesso de sua estratégia. – Talvez as chamas incendeiem todo aquele país miserável de madeira, e se isso acontecer, a perda será muito pequena, pois as gárgulas

nunca farão falta. Mas venham, crianças, vamos explorar a montanha e descobrir que caminho devemos seguir para escapar desta caverna, que está quase tão quente quanto um forno aceso.

Para decepção dos viajantes, não havia na montanha nenhum lance regular de degraus que eles pudessem usar para subir à superfície da Terra. Em vez disso, havia somente uma espécie de túnel inclinado, cujo caminho conduzia para cima. O chão era áspero e íngreme. Então, uma curva repentina os levou a uma galeria estreita, onde a charrete não poderia passar. Isso os atrasou e incomodou por um tempo, porque não queriam deixar o cabriolé para trás, já que ele facilitava o transporte das bagagens e era útil para se locomoverem qualquer que fosse o tipo de estrada. Uma vez que o veículo viera de tão longe e os acompanhara em toda a viagem, todos sentiram que era um dever preservá-lo.

Então Zeb e o Mágico começaram a trabalhar para tirar as rodas e o toldo, colocando a charrete de lado para que ocupasse o menor espaço possível. Nessa posição, eles conseguiram, com a ajuda do paciente cavalo de carga, arrastar o veículo pela parte estreita da passagem. Felizmente, não foi um longo trajeto, e quando o caminho ficou mais largo, eles colocaram as peças de volta e prosseguiram mais confortavelmente. Mas a estrada era um conjunto de fendas e rachaduras na montanha, que ziguezagueava em todas as direções, inclinando-se primeiro para cima e depois para baixo, de tal modo que ficaram em dúvida se estavam realmente mais perto do topo da Terra do que quando haviam começado, horas antes.

– Pelo menos – disse Dorothy – nós escapamos daquelas gárgulas horríveis, e isso já é um conforto!

– Provavelmente as gárgulas ainda estão ocupadas tentando apagar o fogo – respondeu o Mágico. – Mas mesmo que conseguissem fazer isso, para elas seria muito difícil voar entre essas rochas. Portanto, tenho certeza de que não precisamos mais temê-las.

De vez em quando, eles encontravam algumas rachaduras profundas no chão, o que tornava o caminho bastante perigoso, mas ainda havia óleo suficiente nas lamparinas para iluminá-las, e isso facilitava a passagem por cima delas, já que não eram tão largas. Às vezes eles tinham que escalar sobre montes de pedras soltas, onde Jim mal conseguia arrastar a charrete. Nessas horas, Dorothy, Zeb e o Mágico a empurravam por trás e levantavam as rodas nos lugares mais difíceis. Assim, com muito trabalho, eles conseguiam continuar.

O grupo de peregrinos já estava ficando cansado e desanimado quando,

finalmente, ao virarem em um corredor, depararam-se com uma vasta caverna com um enorme arco no alto e um chão liso e nivelado.

A caverna era circular, e ao redor dela, perto do solo, havia várias luzes amarelas opacas, enfileiradas em grupos de duas. Elas estavam imóveis no início, mas logo começaram a piscar com mais intensidade e balançar lentamente de um lado para outro, e depois para cima e para baixo.

– Que lugar é este? – perguntou o menino, tentando ver mais claramente através da penumbra.

– Nem consigo imaginar – respondeu o Mágico, também olhando em volta.

– Wooff! – rosnou Eureka, arqueando as costas até os pelos ficarem em pé.

– Isto é um covil de crocodilos, jacarés ou outras criaturas medonhas! Não estão vendo os olhos terríveis?

– Eureka enxerga melhor no escuro do que nós – sussurrou Dorothy. – Diga-nos, com que essas criaturas se parecem? – ela perguntou, dirigindo-se ao seu animal de estimação.

– Simplesmente não consigo descrevê-los – respondeu a gatinha, estremecendo. – Seus olhos são como travessas de torta, e as bocas como baldes de carvão, mas os corpos não parecem muito grandes.

– Onde eles estão? – perguntou a garota.

– Eles estão em pequenos bolsões nas laterais desta caverna. Oh, Dorothy, você não pode imaginar como são horríveis! Eles são mais feios do que as gárgulas.

– Psiu! Tenha cuidado com a forma como critica seus vizinhos – disse uma voz áspera por perto. – Na verdade, vocês mesmos são criaturas de aparência bastante feia, e tenho certeza de que, como mamãe sempre nos disse, somos as coisas mais lindas e adoráveis do mundo.

Ao ouvir essas palavras, nossos amigos se viraram na direção do som, e o Mágico segurou as lamparinas de modo que a luz inundasse um dos pequenos orifícios na rocha.

– Ora, é um dragão! – ele exclamou.

– Não – respondeu o dono dos grandes olhos amarelos que piscavam para eles constantemente. – Você está errado sobre isso. Esperamos crescer e ser dragões algum dia, mas agora somos apenas dragonetes.

– O que é isso? – perguntou Dorothy, olhando com medo para a grande cabeça escamosa, de boca e olhos enormes.

– Jovens dragões, é claro; mas não podemos nos chamar de dragões de verdade até crescermos por completo – foi a resposta. – Os grandes dragões são muito orgulhosos, e não acham que os filhotes significam muita coisa, mas

mamãe diz que um dia seremos todos muito poderosos e importantes.

– Onde está sua mãe? – perguntou o Mágico, olhando em volta ansiosamente.

– Ela subiu à superfície da Terra para caçar o nosso jantar. Se tivermos sorte, ela nos trará um elefante, ou um par de rinocerontes, ou talvez algumas dezenas de pessoas para saciarem nossa fome.

– Oh, estão com fome? – perguntou Dorothy, recuando.

– Muito – disse o dragonete, estalando as mandíbulas.

– E... e... vocês comem pessoas?

– Só quando conseguimos pegá-las. Mas nos últimos anos elas têm sido muito escassas, e geralmente temos que nos contentar com elefantes ou búfalos – respondeu a criatura, em um tom pesaroso.

– Quantos anos você tem? – perguntou Zeb, olhando para os olhos amarelos como se estivesse fascinado.

– Sou muito jovem, lamento dizer, e todos os meus irmãos e irmãs que você vê aqui são praticamente da minha idade. Se bem me lembro, tínhamos sessenta e seis anos anteontem.

– Mas isso não é ser jovem! – exclamou Dorothy, espantada.

– Não? – disse o dragonete com ironia. – Para mim é idade de bebês.

– Quantos anos tem a sua mãe? – perguntou a garota.

– Mamãe tem cerca de dois mil anos, mas ela descuidadamente perdeu a noção de sua idade alguns séculos atrás e saltou várias centenas. Ela é um pouco exigente, sabe, e tem medo de envelhecer ou ficar viúva ainda na flor da idade.

– Ela não está errada – concordou Dorothy.

Então, depois de pensar um momento, ela perguntou:

– Somos amigos ou inimigos? Quero dizer, vocês serão gentis conosco ou pretendem nos comer?

– Quanto a isso, nós, dragonetes, adorávamos devorar todos vocês, minha jovem, mas infelizmente mamãe amarrou nossas caudas em torno das rochas ao fundo de nossas cavernas individuais, por isso não podemos rastejar para fora para pegá-los. Contudo, se decidirem chegar mais perto, colocaremos vocês na boca em um piscar de olhos. Então, a menos que o façam, permanecerão bastante seguros.

Ele disse isso em tom pesaroso, enquanto os outros dragonetes suspiravam tristemente.

Dorothy sentiu-se aliviada e logo perguntou:

– Por que sua mãe amarrou as caudas de vocês?

– Oh, às vezes ela sai por várias semanas em suas viagens de caça, e se não estivéssemos amarrados, rastejariamos por toda a montanha, lutaríamos uns contra os outros e faríamos um monte de travessuras. Mamãe geralmente tem tudo sob controle, mas desta vez ela cometeu um erro, pois vocês certamente escaparão, a menos que se aproximem de nós. Mas provavelmente não farão isso.

– Não mesmo! – disse a menina. – Não queremos ser comidos por feras tão horríveis.

– Permita-me dizer – devolveu o dragonete – que é muito indelicado nos chamar de tais nomes, sabendo que não podemos responder à altura a seus insultos. Nós nos consideramos muito bonitos, pois mamãe sempre nos diz isso, e ela sabe das coisas. Somos de uma excelente família, cujo *pedigree* desafia qualquer ser humano a tentar igualar, já que remonta a cerca de vinte mil anos atrás, no tempo do famoso Dragão Verde de Atlântida, que viveu em uma época em que os seres humanos ainda não haviam sido criados. Você acha que consegue se comparar a essa estirpe, garotinha?

– Bem – disse Dorothy –, eu nasci em uma quinta-feira no Kansas, e acho que isso é tão espetacular e importante quanto viver em uma caverna com o rabo amarrado a uma rocha. E é tudo o que tenho a dizer.

– Nossos gostos diferem – murmurou o dragonete, abaixando lentamente as pálpebras escamosas sobre os olhos amarelos, até que parecessem meias-luas.

Sentindo-se tranquilizados pelo fato de as criaturas não poderem rastejar para fora de seus bolsões na rocha, as crianças e o Mágico então pararam para examiná-las mais de perto. A cabeça dos dragonetes, grande como um barril, era coberta por escamas duras e esverdeadas que brilhavam esplendidamente sob a luz das lamparinas. Suas patas dianteiras cresciam logo atrás da cabeça e também eram fortes e grandes, mas o corpo era menor do que a cabeça, e diminuía, afunilando-se em uma longa linha, até a cauda ficar fina como um cordão de sapato. Dorothy pensou que se as criaturas tinham levado sessenta e seis anos para atingir esse tamanho, seria preciso mais cem anos antes que pudessem se chamar de dragões – o que era um tempo considerável.

– Ocorre-me – disse o Mágico – que devemos sair deste lugar antes que a mãe dragão retorne.

– Não se apressem – falou um dos dragonetes. – Mamãe ficará feliz em conhecê-los, certamente.

– Você pode estar certo – respondeu o Mágico –, mas somos um pouco exigentes quanto a sermos apresentados a estranhos. Pode nos dizer que

caminho sua mãe fez para chegar a superfície da Terra?

– Essa não é uma pergunta apropriada para nos fazer – declarou outro dragonete –, pois, se disséssemos a verdade, vocês todos escapariam, e se disséssemos uma mentira estaríamos sendo malcriados e seríamos punidos.

– Então – decidiu Dorothy –, teremos de fazer o melhor possível para encontrar a saída sozinhos.

Eles circularam por toda a caverna, mantendo uma boa distância dos olhos amarelos dos dragonetes, e descobriram que havia dois caminhos na parede oposta ao local por onde haviam entrado. Escolheram um desses para se aventurar e começaram a correr o mais rápido que podiam, pois não tinham ideia de quando a mãe dragão estaria de volta, e não estavam nem um pouco ansiosos para conhecê-la.



OZMA USA OCINTO MÁGICO

Por uma distância considerável, o caminho os levou direto a uma suave inclinação para cima, e fizeram tanto progresso que ficaram esperançosos e ansiosos pensando que poderiam ver a luz do sol a qualquer minuto. Mais à frente, porém, encontraram uma enorme rocha que bloqueava a passagem e os impedia de dar um único passo adiante.

Essa pedra ficava separada do resto da montanha e estava em constante movimento, girando lentamente como se estivesse em um pivô. Chegando mais perto, eles perceberam que se tratava de uma parede sólida que girava até expor um caminho largo e plano para o outro lado. Tudo aconteceu de forma tão inesperada que o grupo não teve tempo de se preparar para tirar vantagem da situação, e com isso a parede rochosa balançou, retornando ao ponto inicial antes que pudessem passar. Mas eles sabiam agora que havia um meio de escapar, e então esperaram pacientemente até o caminho surgir pela segunda vez.

As crianças e o Mágico correram para atravessar a rocha em movimento e pularam pela passagem que se abria, chegando ao outro lado com segurança, embora um pouco sem fôlego. Jim, o cavalo de carga, veio por último, e a parede rochosa quase o pegou, pois assim que ele saltou e alcançou o chão, o impacto do seu peso soltou uma pedra contra a qual as rodas do carrinho bateram. A pedra caiu na fenda estreita onde a rocha girava e ficou presa lá.

Eles ouviram um som de trituração e um estalo alto, e a rocha giratória parou de modo que a parte mais ampla de sua superfície bloqueasse o caminho por onde tinham vindo.

– Não se preocupe – disse Zeb –, não queríamos voltar mesmo.

– Não tenho tanta certeza disso – respondeu Dorothy. – A mãe dragão pode descer e nos pegar aqui.

– É possível – concordou o Mágico –, se esse for o caminho que ela habitualmente segue. Mas eu examinei este túnel, e não vi nenhum sinal de que uma besta tão grande tenha passado por ele.

– Então estamos bem – disse a garota –, pois se o dragão foi para o outro lado, agora ele não tem como chegar até nós.

– Certamente, minha querida. Mas há outra coisa a considerar. A mãe dragão conhece o caminho para a superfície da Terra, e se ela foi para o outro lado, então provavelmente viemos pelo caminho errado – disse o Mágico, pensativo.

– Meu Deus! – exclamou Dorothy. – Isso seria muito azar, não é?

– Sim, seria. A menos que essa passagem também leve à superfície da Terra – disse Zeb. – Digo por mim. Se nós conseguirmos sair daqui, vou ficar feliz por não ser o caminho que o dragão costuma fazer.

– Também ficarei feliz – respondeu Dorothy. – Se aqueles dragonetes presunçosos já jogaram seu *pedigree* na nossa cara, nem imagino o que a mãe pode fazer.

Eles avançaram novamente, agora mais lentos, por outro declive íngreme. As lamparinas começavam a apagar, e o Mágico derramou o óleo restante de uma na outra, para que a iluminação durasse mais tempo, embora sua jornada estivesse quase acabando, pois em pouco tempo chegariam a uma pequena caverna sem saída.

Eles não perceberam sua má sorte a princípio, pois o coração estava tomado de alegria com a visão de um raio de sol que passava por uma pequena fenda no teto da caverna, bem acima deles. Isso significava que o mundo deles, o mundo real, não estava tão longe, e que a sucessão de aventuras perigosas finalmente os havia trazido para perto da superfície da Terra – ou seja, de volta ao lar. Mas quando os aventureiros olharam com mais cuidado ao redor, descobriram que estavam em uma sólida prisão, da qual não havia esperança de escapar.

– Mas estamos quase na superfície outra vez – exclamou Dorothy –, pois ali está o sol, o mais belo de todos a brilhar! – apontando ansiosamente para a rachadura no teto distante.

– Quase na superfície não é estar lá – disse a gatinha, em tom descontente. – Nem eu mesma seria capaz de chegar a uma fenda tão alta, ou de atravessá-la caso chegasse lá.

– Parece que o caminho termina aqui – anunciou o Mágico, melancólico.

– E não há como voltar – acrescentou Zeb, com um assobio baixo de perplexidade.

– Eu sabia que isso tudo acabaria assim – comentou o velho cavalo de carga. – As pessoas não caem no meio da Terra e depois voltam para contar suas aventuras, não na vida real. E a coisa toda não foi natural porque aquela gata e eu somos capazes de falar seu idioma e entender as palavras que você diz.

– E os nove pequenos leitões também podem – acrescentou Eureka. – Não se esqueça deles, pois no fim das contas posso ter que comê-los.

– Já ouvi animais falando antes – disse Dorothy –, e não houve mal algum.

– Você já esteve trancada em uma caverna, bem abaixo da superfície da Terra, sem ter como sair? – perguntou o cavalo, sério.

– Não – respondeu Dorothy. – Mas não desanime, Jim, pois tenho certeza de que este não é o fim da nossa história, de qualquer forma.

A menção aos leitões lembrou ao Mágico que seus animais de estimação não tinham feito muito exercício ultimamente, e que deviam estar cansados de sua prisão no bolso. Então ele se sentou no chão da caverna, tirou os porquinhos um por um e permitiu que eles corressem tanto quanto quisessem.

– Meus queridos – disse ele –, acho que meti vocês em um enorme problema e que nunca mais poderemos deixar esta caverna sombria.

– Qual o problema? – perguntou um leitão. – Estamos no escuro há um bom tempo. Você pode nos explicar o que aconteceu?

O Mágico contou a eles sobre a desgraça que se abatera sobre o grupo.

– Bem... – disse outro leitão. – Você é um mágico, não é?

– Sou – respondeu o homenzinho.

– Então você poderia fazer alguns truques para nos tirar deste buraco – declarou o pequenino, com muita confiança.

– Eu poderia se fosse um verdadeiro mágico – respondeu o mestre com tristeza. – Mas eu não sou, meus porquinhos, sou um farsante.

– Que absurdo! – gritaram vários dos leitões juntos.

– Pode perguntar a Dorothy – disse o homenzinho, em tom magoado.

– É verdade – respondeu a menina com seriedade. – Nosso amigo Oz é apenas um farsante, uma vez ele me deu provas disso. Ele pode fazer várias coisas maravilhosas, se souber como, mas não pode fazer nada se não tiver as ferramentas e instrumentos para trabalhar.

– Obrigado, minha querida, por me fazer justiça – respondeu o Mágico, agradecido. – Ser acusado de ser um mágico de verdade, quando não sou, é

uma calúnia a que não me submeterei docilmente. Mas eu sou um dos maiores mágicos farsantes que já existiu, e você vai perceber isso quando nós todos morrermos de fome juntos e nossos ossos forem espalhados pelo chão desta caverna solitária.

– Eu não quero perceber nada relacionado a esse assunto – comentou Dorothy, que tinha estado imersa em pensamentos. – Só sei que eu não vou espalhar meus ossos ainda, porque preciso deles, e provavelmente você também precisa dos seus.

– Estamos impotentes para escapar – suspirou o Mágico.

– Podemos estar desamparados – respondeu Dorothy, sorrindo para ele –, mas há outros que podem fazer mais do que nós. Animem-se, amigos. Tenho certeza de que Ozma nos ajudará.

– Ozma? – exclamou o Mágico. – Quem é Ozma?

– A garota que governa a maravilhosa Terra de Oz – foi a resposta. – Ela é uma amiga minha. Eu a conheci na Terra de Ev, não faz muito tempo, e fui para Oz com ela.

– Pela segunda vez? – perguntou o Mágico, com grande interesse.

– Sim. A primeira vez que fui a Oz, encontrei você lá, governando a Cidade das Esmeraldas. Depois que você subiu no balão e escapou de lá, eu voltei para o Kansas através da magia de um par de sapatos prateados.

– Lembro-me desses sapatos – disse o homenzinho, acenando com a cabeça. – Eles já pertenceram à Bruxa Má. Você os trouxe consigo?

– Não. Eu os perdi em algum lugar, no ar – explicou a criança. – Mas a segunda vez em que fui para a Terra de Oz, eu tinha o cinto mágico do rei dos nomos, que é muito mais poderoso do que os sapatos de prata.

– Onde está esse cinto mágico? – perguntou o Mágico, ouvindo com grande interesse.

– Ozma o tem, pois seus poderes não funcionam em um país comum como os Estados Unidos, mas qualquer pessoa que esteja em um país de fadas como a Terra de Oz pode fazer o que quiser com ele. Então eu o deixei com minha amiga, a princesa Ozma, que o usou para desejar que eu fosse para a Austrália com o tio Henry.

– E você foi? – perguntou Zeb, surpreso com o que ouvira.

– Claro! Chegamos lá em apenas um instante. E Ozma tem uma foto encantada pendurada em seu quarto que mostra o cenário exato de onde qualquer um de seus amigos pode estar, a qualquer hora que ela escolher. Tudo que ela precisa fazer é dizer: “Gostaria de saber o que fulano está fazendo”, e imediatamente a fotografia revelará onde a pessoa estiver e o que está fazendo

naquele momento. Isso sim é magia de verdade, não é, sr. Mágico? Bem, todos os dias às quatro horas Ozma prometeu olhar para mim naquela foto, e se eu estiver precisando de ajuda devo fazer um sinal específico para que ela coloque o cinto mágico do rei dos nomos e deseje que eu esteja com ela em Oz.

– Quer dizer que a princesa Ozma verá esta caverna em sua imagem encantada, e verá todos nós aqui, e o que estamos fazendo? – perguntou Zeb.

– Exato. Quando der quatro horas – ela respondeu, rindo da expressão assustada do garoto.

– E quando você fizer o sinal, a princesa a levará até ela na Terra de Oz? – continuou o rapaz.

– É isso mesmo, por meio do cinto mágico.

– Então – disse o Mágico – você será salva, pequena Dorothy, e estou muito feliz por isso. O resto de nós morrerá com muito mais alegria quando soubermos que você escapou de nosso triste destino.

– Não vou morrer de bom grado! – protestou a gatinha. – Não há nada de alegre em morrer, pelo que pude perceber, e como dizem que um gato tem nove vidas, então terei de morrer nove vezes.

– Você já morreu alguma vez? – perguntou o menino.

– Não, e não estou ansiosa para começar – disse Eureka.

– Não se preocupe – exclamou Dorothy. – Eu a pegarei no colo e a levarei comigo.

– Leve-nos também! – gritaram os nove pequenos leitões, todos de uma vez.

– Talvez eu consiga – respondeu Dorothy. – Vou tentar.

– Você não conseguiria me segurar em seus braços também? – perguntou o cavalo de carga.

Dorothy riu.

– Farei melhor do que isso – ela prometeu –, pois posso facilmente salvar todos vocês, uma vez que eu mesma estarei na Terra de Oz.

– Como? – eles perguntaram.

– Usando o cinto mágico. Tudo que eu preciso fazer é desejar ter vocês comigo, e vocês estarão seguros no palácio real!

– Boa! – gritou Zeb.

– Eu construí aquele palácio, e a Cidade das Esmeraldas também – comentou o Mágico, em um tom pensativo –, e gostaria de visitar esses lugares novamente, pois fui muito feliz entre os munchkins, winkies, quadlings e gillikins.

– Quem são eles? – perguntou o menino.

– São as quatro nações que habitam a Terra de Oz – foi a resposta. – Estou pensando se eles me tratariam bem caso eu aparecesse lá de novo.

– Mas é claro que sim! – declarou Dorothy. – Eles ainda têm muito orgulho de seu antigo Mágico, e quando falam sobre você são muito gentis.

– Por acaso você sabe o que aconteceu com o Homem de Lata e o Espantalho? – ele perguntou.

– Eles ainda moram em Oz – disse a garota –, e são pessoas muito importantes.

– E o Leão Covarde?

– Oh, ele também mora lá com seu amigo, o Tigre Faminto. E Billina está lá porque ela gostou muito mais do lugar do que do Kansas, e não iria comigo para a Austrália de forma alguma.

– Acho que não conheço o Tigre Faminto e a Billina – disse o Mágico, sacudindo a cabeça. – Billina é uma garota?

– Não. Ela é uma galinha amarela e uma grande amiga minha. Com certeza você vai gostar de Billina quando a conhecer – afirmou Dorothy.

– Suas amigas parecem um zoológico – comentou Zeb, inquieto. – Você não poderia desejar para mim algum lugar mais seguro do que Oz?

– Não se preocupe – respondeu a menina. – Você vai adorar o pessoal de Oz, quando se familiarizar com eles. Que horas são, sr. Mágico?

O homenzinho foi olhar as horas em um grande relógio de prata que carregava no bolso do colete.

– Três e meia – disse ele.

– Então temos que esperar meia hora – continuou ela. – Mas não vai demorar muito, depois disso, para irmos todos à Cidade das Esmeraldas.

Eles ficaram sentados em silêncio, pensando por um tempo. Então Jim perguntou de repente:

– Há algum cavalo em Oz?

– Apenas um – respondeu Dorothy –, e ele é um cavalete.

– Um o quê?

– Um cavalete. A princesa Ozma certa vez o trouxe à vida com um pó de bruxa, quando era um menino.

– Ozma já foi um menino? – perguntou Zeb, surpreso.

– Sim. Uma bruxa malvada a encantou para que não pudesse governar seu reino. Mas ela é uma menina agora, e é a garota mais doce e adorável de todo o mundo.

– Um cavalete é uma coisa onde se serram tábuas – comentou Jim, com uma fungada.

– Isso era quando ele não estava vivo – reconheceu Dorothy. – Mas esse cavalete pode trotar tão rápido quanto você, Jim; e ele também é muito sábio.

– Pah! Vou correr contra o burro de madeira miserável em qualquer dia da semana! – exclamou o cavalo de carga.

Dorothy não respondeu a isso. Tinha certeza de que Jim acabaria encontrando o Cavalete.

O tempo passava arrastado o suficiente para deixar nossos amigos ansiosos, mas finalmente o Mágico anunciou que haviam soado quatro horas, e Dorothy pegou a gatinha e começou a fazer o sinal que havia sido combinado com a distante e invisível Ozma.

– Nada parece estar acontecendo – disse Zeb, em dúvida.

– Oh, temos de dar tempo a Ozma para colocar o cinto mágico – respondeu a garota.

Ela mal havia terminado de falar, e de repente desapareceu da caverna, junto com a gatinha. Não houve nenhum tipo de som ou aviso. Em um momento Dorothy estava sentada ao lado deles com Eureka no colo, e logo em seguida restavam apenas o cavalo, os leitões, o Mágico e o menino na prisão subterrânea.

– Creio que a seguiremos em breve – anunciou o Mágico, em tom de grande alívio –, pois conheço muito bem a magia do país das fadas chamado Terra de Oz. Deixem tudo pronto. Podemos ser enviados a qualquer minuto.

Colocou os leitões em segurança no bolso novamente e então ele e Zeb entraram na charrete, sentando-se ansiosamente no assento.

– Vai doer? – perguntou o menino, com a voz um pouco trêmula.

– Nem um pouco – respondeu o Mágico. – Tudo vai acontecer num piscar de olhos.

E assim foi.

O cavalo de carga teve um sobressalto nervoso, e Zeb começou a esfregar os olhos para se certificar de que não estava dormindo. Eles estavam nas ruas de uma bela cidade verde-esmeralda, banhada por uma luz verde que era particularmente agradável aos olhos, rodeados por rostos alegres de pessoas em lindos trajes verdes e dourados.

Diante deles, cravejados de joias, os portões de um palácio magnífico se abriram lentamente, como se os convidassem a entrar no pátio onde flores esplêndidas floresciam e graciosas fontes lançavam jatos prateados no ar.

Zeb sacudiu as rédeas para tirar o cavalo de carga de seu estupor de incredulidade, pois as pessoas estavam começando a se reunir para olhar os estranhos.

– Upa! – gritou o menino, e com a palavra Jim trotou lentamente para o pátio, puxando a charrete ao longo do caminho de pedras preciosas até a grande entrada do palácio real.



OS VELHOS AMIGOS SÃO REUNIDOS

Muitos servos vestidos com uniformes bonitos estavam prontos para receber os recém-chegados, e quando o Mágico saiu da carruagem, uma linda garota em um vestido verde gritou de surpresa:

– Ora, é Oz, o Mágico Maravilhoso! Está de volta!

O homenzinho olhou para ela de perto e então pegou as mãos da donzela e as apertou cordialmente.

– Minha nossa! – exclamou. – É a pequena Jellia Jamb, tão atrevida e bonita como sempre!

– Mas é claro! – exclamou Jellia, fazendo uma reverência. – Mas temo que você não possa governar a Cidade das Esmeraldas, como costumava fazer, porque agora temos uma linda princesa a quem todos amam.

– E o povo não vai se separar dela voluntariamente – acrescentou um homem alto trajando a farda de capitão-general.

O Mágico se virou para olhar para ele.

– Você não costumava usar bigodes verdes? – ele perguntou.

– Sim – disse o homem das Forças Armadas –, mas eu os raspei há muito tempo, e desde então subi de patente de soldado para comandante-chefe dos Exércitos Reais.

– Que ótimo! – disse o homenzinho. – Mas posso lhe garantir, caro cidadão, que não desejo governar a Cidade das Esmeraldas novamente – acrescentou ele, seriamente.

– Nesse caso, o senhor é muito bem-vindo! – gritaram todos os servos, e agradeceu ao Mágico observar o respeito com que os lacaios reais se curvavam diante dele. Sua fama, afinal de contas, não tinha sido esquecida na Terra de

Oz.

– Onde está Dorothy? – perguntou Zeb, ansioso, ao deixar o veículo e ficar ao lado de seu amigo, o pequeno Mágico.

– Ela está com a princesa Ozma, nas salas privadas do palácio – respondeu Jellia Jamb.

– Mas ela me mandou dar-lhes as boas-vindas e mostrar-lhes os respectivos apartamentos.

O menino olhou em volta com olhos curiosos. Tanta magnificência e riqueza exibidas nesse palácio eram mais do que ele jamais sonhara, e ele mal conseguia acreditar que ali todo aquele brilho suntuoso era real em vez de ornamentação.

– O que vai ser de mim? – perguntou o cavalo, inquieto. Ele já tinha visto o suficiente da vida nas cidades durante sua juventude, e sabia que aquele palácio real não era lugar para ele.

Até Jellia Jamb ficou ligeiramente perplexa, pensando no que poderia fazer com o animal. A donzela verde ficou muito surpresa com a visão de uma criatura tão incomum, pois os cavalos eram desconhecidos naquela terra, mas aqueles que viviam na Cidade das Esmeraldas eram propensos a serem surpreendidos pelos mais estranhos visitantes. Então, após inspecionar o cavalo de carga e notar o olhar terno por trás de seus grandes olhos, a garota sentiu que não teria medo dele.

– Não há estábulos aqui – disse o Mágico. – A menos que alguns tenham sido construídos desde que parti.

– Nunca necessitamos construí-los antes – respondeu Jellia –, pois o Cavalete vive em uma sala do palácio, e ele é muito menor, e sua aparência é mais natural que a dessa grande besta que veio com você.

– Você quer dizer que sou uma aberração? – perguntou Jim, com raiva.

– Oh, não – ela apressou-se em dizer. – Pode haver muitos mais como você no lugar de onde veio, mas em Oz qualquer cavalo, exceto o Cavalete, é incomum.

Isso acalmou Jim um pouco, e depois de pensar por um instante, a senhorita verde achou melhor dar ao cavalo de carga um quarto no palácio, pois uma construção tão grande raramente tinha todas as dependências ocupadas.

Então Zeb desatrelou Jim, e vários servos conduziram o cavalo pelos fundos, onde puderam escolher um apartamento grande que ele pudesse ter só para si.

Então Jellia disse ao Mágico:

– Seu quarto, que ficava atrás da grande Sala do Trono, está vazio desde que você nos deixou. Você gostaria de ficar nele novamente?

– Sim, claro! – respondeu o homenzinho. – Vou sentir que estou em casa de novo, pois eu vivi naquele quarto por muitos, muitos anos.

Ele sabia o caminho até lá, e um criado o seguiu, carregando sua bolsa. Zeb também foi acompanhado até seu quarto, tão grande e bonito que até teve medo de sentar-se nas cadeiras ou deitar sobre a cama, para não obscurecer seu esplendor. Nos armários, ele descobriu vários trajes de veludos e brocados, e um dos serviçais disse-lhe para vestir qualquer uma das roupas que lhe agradasse e se preparar para jantar com a princesa e Dorothy em uma hora.

Em um dos aposentos havia um belo banheiro em cuja banheira de mármore havia água aromatizada. Então o menino, ainda atordoado com a novidade do ambiente, deu-se ao luxo de tomar um bom banho, e em seguida escolheu um traje de veludo marrom com botões de prata para substituir suas roupas sujas e usadas. Havia meias de seda e chinelos de couro macio com fivelas de diamantes para acompanhar seu novo traje, e quando Zeb finalmente terminou de se vestir, parecia muito mais digno e imponente do que nunca.

Ele já estava pronto quando um criado veio escoltá-lo até a presença da princesa.

O menino o seguiu timidamente e foi conduzido a uma sala tão elegante e atraente quanto esplêndida. Lá, ele encontrou Dorothy sentada ao lado de uma jovem tão maravilhosamente bela que fez o menino parar de repente com um suspiro de admiração.

Mas Dorothy deu um salto e correu para agarrar a mão do amigo, puxando-o impulsivamente para a adorável princesa, que sorriu muito graciosamente para seu convidado. Então o Mágico entrou, e sua presença aliviou o constrangimento do menino. O homenzinho estava vestido de veludo preto, com muitos ornamentos de esmeraldas cintilantes decorando-lhe o peito, mas a cabeça careca e suas rugas o faziam parecer mais divertido do que impressionante.

Ozma ficou bastante curiosa para conhecer o famoso homem que construíra a Cidade das Esmeraldas e unira os munchkins, gillikins, quadlings e winkies em um só povo. Então, quando os quatro estavam sentados à mesa de jantar, a princesa disse:

– Por favor, diga-me, sr. Mágico, se o senhor se intitulou Oz em homenagem a este grande país, ou se acredita que meu país se chama Oz em sua homenagem. É uma questão que há muito tempo desejo fazer, porque o senhor é de uma raça estranha, e meu nome é Ozma. Ninguém é mais capaz de

explicar este mistério do que o senhor.

– É verdade – respondeu o pequeno Mágico. – Assim sendo, terei prazer em explicar minha conexão com seu país. Em primeiro lugar, devo dizer-lhe que nasci em Omaha, e meu pai, que era político, me chamou de Oscar Zoroaster Phadrig Isaac Norman Henkle Emmannuel Ambroise Diggs. O último nome ficou sendo Diggs porque ele não conseguiu pensar em mais nada depois disso. Tomado em conjunto, era um nome terrivelmente longo para uma pobre criança inocente, e uma das lições mais difíceis que aprendi foi lembrar meu próprio nome. Quando eu cresci, chamei-me apenas de O. Z., porque as outras iniciais eram P – I – N – H – E – A – D, que, quando soletradas, significam “cabeça de alfinete” e também uma gíria para alguém com pouca inteligência.

– Certamente ninguém poderia culpá-lo por abreviar o seu nome – disse Ozma, simpaticamente. – Mas o senhor não o abreviou demais?

– Talvez – respondeu o Mágico. – Quando jovem, fugi de casa e me juntei a um circo. Eu costumava me intitular Mágico e fazer truques de ventriloquismo.

– O que isso significa? – perguntou a princesa.

– Eu colocava minha voz em qualquer coisa que quisesse, para fazer parecer que o objeto estava falando, e não eu. Também comecei a fazer voos de balão. Nele, e em todos os outros artigos que usei no circo, pintei as duas iniciais “O. Z.” para mostrar que aquelas coisas me pertenciam. Um dia meu balão disparou comigo e trouxe-me através dos desertos até este belo país. Quando as pessoas me viram vindo do céu, naturalmente pensaram que eu era alguma criatura superior e se curvaram diante de mim. Eu disse a eles que era um mágico e mostrei alguns truques fáceis que os surpreenderam, e quando eles viram as iniciais pintadas no balão, me chamaram de Oz.

– Agora começo a compreender – disse a princesa, sorrindo.

– Naquele tempo – continuou o Mágico, tomando a sopa enquanto falava –, havia quatro países separados nesta terra, cada um governado por uma bruxa. Mas as pessoas pensavam que meu poder era maior do que o delas, e talvez as bruxas pensassem assim também, pois elas nunca ousaram se opor a mim. Eu ordenei que a Cidade das Esmeraldas fosse construída bem onde os quatro países se uniam, e quando foi concluída, eu me anunciei o Governante da Terra de Oz, o que incluía todos os quatro países: os Munchkins, Gillikins, Winkies e Quadlings. Governei esta terra em paz por muitos anos, até envelhecer e desejar ver minha cidade natal novamente. Então, quando Dorothy foi trazida para este lugar por um ciclone, eu decidi ir embora com

ela em um balão, mas ele levantou voo muito cedo e me carregou de volta sozinho. Depois de muitas aventuras, cheguei a Omaha, apenas para descobrir que todos os meus velhos amigos estavam mortos ou tinham se mudado. Então, não tendo mais nada para fazer, eu entrei novamente em um circo e fiz minhas ascensões de balão, até que o terremoto me pegou.

– É uma história e tanto – disse Ozma. – Mas há um pouco mais da história da Terra de Oz que você parece não conhecer, talvez porque ninguém nunca tenha lhe contado. Muitos anos antes de você chegar aqui, esta terra foi unida sob um governante, como é agora, e o nome do governante sempre foi “Oz”, que significa em nossa língua “Grande e Bom”. Se o governante fosse uma mulher, seu nome sempre era “Ozma”. Mas, certa vez, quatro bruxas uniram-se para depor o rei e governar as quatro partes do reino. Naquela época, o governante era meu avô, e, quando ele estava caçando, uma bruxa má, chamada Mombi, roubou-o e levou-o embora, mantendo-o prisioneiro. Assim, as bruxas dividiram o reino e o governaram até você aparecer aqui. Então, as pessoas ficaram tão felizes em vê-lo, que, por causa de suas iniciais, pensaram ser você o legítimo governante.

– Mas, naquela época – disse o Mágico, pensativo –, havia duas bruxas boas e duas bruxas más governando esta terra.

– Sim – respondeu Ozma –, porque uma bruxa boa venceu Mombi, no Norte, e Glinda, a boa, venceu a bruxa má do Sul. Mas Mombi ainda mantinha meu avô encarcerado, e depois aprisionou meu pai também. Quando eu nasci, ela me transformou em um menino, esperando que ninguém jamais me reconhecesse e soubesse que eu era a princesa da Terra de Oz, mas eu escapei dela e agora sou a governante do meu povo.

– Estou muito contente por isso – disse o Mágico –, e espero que me considere um de seus súditos mais fiéis e devotados.

– Devemos muito ao Maravilhoso Mágico – continuou a princesa –, pois foi o senhor quem construiu esta esplêndida Cidade das Esmeraldas.

– A cidade foi construída pelo seu povo – respondeu ele. – Eu só dava as ordens, como costumamos dizer em Omaha.

– Mas o senhor governou sabiamente e muito bem durante muitos anos – disse ela –, e fez o povo ter orgulho de sua arte mágica. Então, como agora está muito velho para vagar pelo exterior e trabalhar em um circo, ofereço-lhe uma casa aqui enquanto viver. O senhor será o mágico oficial do meu reino, e será tratado com todo o respeito e consideração.

– Aceito a sua amável oferta com gratidão, graciosa princesa – disse o homenzinho, de forma suave, e todos puderam ver que algumas lágrimas

caíam de seus olhos velhos e penetrantes. Era um bom negócio para ele garantir uma casa como aquela.

– Mas ele é apenas um mágico farsante – disse Dorothy, sorrindo para ele.

– E esse é o tipo mais seguro de mágico que pode haver – respondeu Ozma prontamente.

– Oz pode fazer alguns bons truques, com ou sem farsa – anunciou Zeb, agora sentindo-se mais à vontade.

– Amanhã ele vai nos divertir com alguns de seus truques – disse a princesa. – Enviei mensageiros para convocar todos os velhos amigos de Dorothy para encontrá-la e dar-lhes as boas-vindas. Eles devem chegar muito em breve.

Na realidade, o jantar mal tinha acabado, quando o Espantalho correu para abraçar Dorothy com seus braços acolchoados e dizer a ela como estava feliz por vê-la novamente. O Mágico também foi muito bem recebido pelo homem de palha, personagem importante na Terra de Oz.

– Como está seu cérebro? – perguntou o pequeno trapaceiro, enquanto pagava nas mãos macias e recheadas de seu velho amigo.

– Funcionando bem – respondeu o Espantalho. – Estou muito certo de que Oz me deu o melhor cérebro do mundo, pois posso pensar com ele dia e noite, enquanto todos os outros cérebros estão dormindo profundamente.

– Quanto tempo você governou a Cidade das Esmeraldas, depois que saí daqui? – foi a próxima pergunta.

– Por muito tempo, até que fui conquistado por uma garota chamada Jinjur. Mas Ozma logo a conquistou, com a ajuda de Glinda, a Boa, e depois fui morar com Nick Lenhador, o Homem de Lata.

Só então se ouviu um cacarejo alto do lado de fora, e, quando um servo abriu a porta com uma reverência, uma galinha amarela apareceu. Dorothy saltou para a frente e pegou a ave fofa em seus braços, soltando ao mesmo tempo um grito de alegria.

– Oh, Billina! – disse ela. – Como você cresceu, está gorda e elegante!

– E estou errada? – perguntou a galinha, com uma voz aguda e clara. – Vivo da gordura da terra, não é, Ozma?

– Você tem tudo o que deseja – disse a Princesa.

Em volta do pescoço de Billina havia um colar de lindas pérolas, e nas pernas havia pulseiras de esmeraldas. Ela se aninhou confortavelmente no colo de Dorothy até a gatinha rosnar de raiva, com ciúmes, e saltar com garras afiadas e ferozes para acertar Billina, mas a menina lhe deu uma bronca tão severa que ela pulou de volta sem ousar arranhar.

– Que horrível da sua parte, Eureka! – gritou Dorothy. – É assim que trata os meus amigos?

– Você tem amigos esquisitos, na minha opinião – respondeu a gatinha num tom rude.

– Concordo – disse Billina, com desdém. – E essa gata selvagem é um deles.

– Olhem aqui! – disse Dorothy, severamente. – Eu não aceitarei qualquer disputa na Terra de Oz, garanto a vocês. Todos vivem em paz aqui e amam uns aos outros, e a menos que vocês duas, Billina e Eureka, façam as pazes e sejam amigas, posso pegar meu cinto mágico e desejar que as duas voltem para casa imediatamente. Então, chega!

Ambas ficaram muito assustadas com a ameaça e humildemente prometeram ser boas. Mas nem por isso chegaram a ser amigas calorosas.

O Homem de Lata acabara de chegar. Seu corpo lindamente banhado a níquel brilhava esplendidamente na luz brilhante da sala. O lenhador era quem amava Dorothy mais ternamente, e recebeu com alegria o retorno do pequeno e velho Mágico.

– Senhor – disse ele a este último –, nunca poderei agradecer-lhe o suficiente pelo excelente coração que me deu. Ele me fez ter muitos amigos e hoje bate com a mesma bondade e amor, como sempre fez.

– Fico feliz em ouvir isso – disse o Mágico. – Tive medo que ficasse bolorento nesse seu corpo de lata.

– Nem um pouco – respondeu Nick Lenhador. – Ele está em ótimo estado, e é muito bem preservado em meu peito hermético.

Zeb estava um pouco tímido quando fora apresentado a essas pessoas estranhas, mas eles eram tão amigáveis e sinceros que logo passou a admirá-los, encontrando boas qualidades até na galinha amarela. Mas logo ele voltou a ficar nervoso quando o próximo visitante foi anunciado.

– Este – disse a princesa Ozma – é meu amigo, o sr. M. A. Besourão, I. I., que me ajudou uma vez quando eu estava em grande perigo, e agora é o reitor da Faculdade Real de Atletismo Científico.

– Ah! – disse o Mágico. – Tenho muito prazer em conhecer um personagem tão ilustre.

– M. A. – disse o Besourão, pomposamente – significa MUITÍSSIMO Aumentado, e I. I. significa Inteiramente Instruído. Eu sou, na verdade, um besouro muito grande e, sem dúvida, o ser mais inteligente de todo este amplo domínio.

– Como você é modesto! – disse o Mágico. – Mas eu não duvido de suas palavras.

– Ninguém duvida, senhor – respondeu Besourão, tirando um livro do bolso e dando as costas para o grupo para sentar-se em um canto para ler.

Ninguém se importou com tamanha grosseria, que estava mais para indelicadeza do que para falta de educação. Então eles imediatamente o esqueceram e se juntaram a uma conversa alegre que os manteve bem entretidos até a hora de dormir.



JIM, O CAVALO DE CARGA

Jim, o cavalo de carga, viu-se dono de uma grande sala com piso de mármore verde e lambris de mármore esculpido tão imponentes que impressionariam qualquer outra pessoa, mas Jim viu isso como um mero detalhe. Sob sua ordem, os serviçais deram uma boa esfregada em seu casaco, pentearam sua crina e seu rabo, e lavaram seus cascos e ferraduras.

Então lhe avisaram que o jantar seria servido no quarto. Jim respondeu que eles não poderiam servir muito rapidamente, pois ele precisaria de tempo para se adequar às circunstâncias. Primeiro, eles trouxeram uma tigela fumegante de sopa, que o cavalo olhou com desânimo.

– Levem essas coisas embora! – ele ordenou. – Vocês acham que eu sou uma salamandra?

Eles obedeceram imediatamente e, em seguida, serviram um refinado e grande peixe coberto de molho em uma bandeja de prata.

– Peixe! – gritou Jim, com uma fungada. – Vocês acham que eu sou um gato? Fora daqui com isso!

Os servos ficaram um pouco desanimados, mas logo trouxeram uma grande bandeja com duas dúzias de codornizes com torradas.

– Ora, ora! – disse o cavalo, agora bastante irritado. – Agora acham que sou uma doninha? Vocês são estúpidos e ignorantes, e se alimentam de coisas horríveis! Não há nada decente para comer neste palácio?

Trêmulos, os servos mandaram chamar o regente real, que veio apressado e perguntou:

– O que Vossa Alteza gostaria de jantar?

– Alteza? – repetiu Jim, que não estava acostumado a tais títulos.

– Vossa Alteza tem pelo menos um metro e oitenta de altura, e é mais alto do que qualquer outro animal neste país – disse o regente.

– Bem, minha Alteza gostaria de um pouco de aveia – declarou o cavalo.

– Aveia? Não temos grãos de aveia – respondeu o regente, com muita deferência. – Mas temos certa quantidade de farinha de aveia, que costumamos preparar no café da manhã. Mingau de aveia é um prato típico de café da manhã – acrescentou ele, humildemente.

– Vou torná-lo um prato típico do jantar – disse Jim. – Pode trazer, mas nem ouse cozinhá-la, se é que você dá valor a sua vida.

O velho cavalo de carga maltratado estava se comportando de um modo arrogante. Ele tinha esquecido que era um convidado, pois nunca fora tratado de outra forma senão como um servo desde o dia em que nascera até sua chegada à Terra de Oz. Mas os atendentes reais não deram atenção ao mau humor do animal e logo misturaram um pote de mingau de aveia com um pouco de água, que Jim comeu com muito prazer. Em seguida, os criados amontoaram vários tapetes no chão, e o velho cavalo dormiu na cama mais macia que já experimentara na vida.

Assim que amanheceu, ele resolveu dar um passeio no intuito de encontrar um pouco de grama para o café da manhã. Caminhando calmamente, passou por uma bela porta arqueada, virou na quina do palácio, onde todos pareciam adormecidos, e deu de cara com o Cavalete.

Jim parou abruptamente, assustado e surpreso. O Cavalete parou ao mesmo tempo e olhou para o outro com seus olhos estranhos e protuberantes, que eram meros nós do tronco de árvore que formava seu corpo. As pernas do Cavalete eram quatro varetas cravadas em buracos perfurados na tora, seu rabo era um pequeno galho que havia sido deixado por acidente, e sua boca era um corte em uma das pontas do corpo que se projetava um pouco mais do que o outro lado e servia como cabeça. O final das pernas de madeira havia sido calçado com placas de ouro maciço, e a sela da princesa Ozma, de couro vermelho cravejado com diamantes cintilantes, estava presa ao corpo desajeitado.

Com os olhos tão sobressaltados quando os do Cavalete, as orelhas eretas e a cabeça erguida, Jim observou a criatura.

Nessa posição cômica, os dois cavalos circularam lentamente em torno um do outro por algum tempo, incapazes de perceber o que poderia ser a coisa singular que estavam vendo pela primeira vez. Então Jim exclamou:

– Pelo amor de Deus, que espécie de ser é você?

– Sou um Cavalete – respondeu o outro.

– Oh, acho que já ouvi falar de você – disse o cavalo de carga. – Mas você é diferente de tudo o que eu havia imaginado.

– Eu não duvido – observou o Cavalete, em tom de orgulho. – Sou considerado bastante incomum.

– Incomum, realmente... Mas uma coisa frágil de madeira como você não tem o direito de estar viva.

– Não pude evitar – respondeu o outro, cabisbaixo. Ozma borrifou-me com um pó mágico, e eu simplesmente comecei a viver. Eu sei que não sou grande coisa, mas sou o único cavalo em toda a Terra de Oz, então eles me tratam com muito respeito.

– Você, um cavalo?

– Oh, não de verdade, claro. Não há cavalos de verdade aqui. Mas eu sou uma esplêndida imitação de um.

Jim deu um relincho indignado.

– Olhe para mim! – ele gritou. – Eis um verdadeiro cavalo!

O animal de madeira estremeceu e então examinou o outro com atenção.

– É possível que seja um cavalo de verdade? – ele murmurou.

– Não é apenas possível, como de fato sou – respondeu Jim, satisfeito com a impressão que acabara de criar. – Observe meus ótimos atributos. Por exemplo, posso espantar as moscas com a longa crina da minha cauda.

– As moscas nunca me incomodaram – disse o Cavalete.

– E repare nos meus dentes grandes e fortes, com os quais consigo morder a relva.

– Não preciso comer – observou o Cavalete.

– Examine também meu peito largo, que me permite respirar fundo e profundamente – disse Jim, orgulhosamente.

– Não tenho necessidade de respirar – devolveu o outro.

– Você não tem acesso a muitos prazeres – comentou o cavalo de carga, com pena. – Não conhece o alívio de espantar uma mosca que o picou, o prazer de comer uma comida deliciosa, ou a satisfação de inspirar profundamente o ar fresco e puro. Você pode até ser uma imitação de um cavalo, mas uma versão bem pobre.

– Oh, não posso esperar ser como você – suspirou o Cavalete. – Mas estou feliz por pelo menos poder conhecer um cavalo de verdade. Você é certamente a criatura mais linda que já vi.

Esse elogio conquistou Jim completamente. Ser chamado de lindo era uma novidade para ele. Então ele disse:

– Seu principal defeito, meu amigo, é ser feito de madeira, e suponho que

você não possa ser de grande serventia. Cavalos de verdade, como eu, são feitos de carne, sangue e ossos.

– Posso ver bem os ossos – respondeu o Cavalete –, e são admiráveis e distintos. Também posso ver a carne. Mas o sangue suponho que esteja escondido aí dentro.

– Exatamente – disse Jim.

– Para que serve então? – perguntou o Cavalete.

Jim não sabia a resposta, mas ele não diria isso ao Cavalete.

– Se alguma coisa me corta – respondeu ele –, o sangue escorre para mostrar onde fui cortado. Já você, pobre coisa, não pode nem sangrar quando está ferido.

– Mas eu nunca me machuco – disse o Cavalete. De vez em quando me separo um pouco, mas sou facilmente reparado e colocado em boas condições novamente. E nunca fui quebrado ou lascado.

Jim quase ficou com inveja do cavalo de madeira por não sentir dor; mas a criatura era tão absurdamente antinatural, que ele jamais trocaria de lugar com o Cavalete, sob quaisquer circunstâncias.

– Como você foi calçado com ouro? – ele perguntou.

– A princesa Ozma fez isso – foi a resposta. – O ouro evita o desgaste das minhas pernas. Nós vivemos muitas aventuras juntos, Ozma e eu, e ela gosta de mim.

O cavalo de carga estava prestes a responder quando de repente, sobressaltado, relinchou de terror, tremendo como uma folha. Virando a rua, vinham duas enormes bestas selvagens, pisando tão levemente que Jim só percebeu a presença delas quando já estavam bem perto. O cavalo estava prestes a correr para escapar, quando o Cavalete gritou:

– Pare, irmão! Pare, cavalo de verdade! Eles são amigos e não farão mal a você.

Jim hesitou, olhando as feras com medo. Um era um enorme leão com um olhar perspicaz, uma juba amarelo-acastanhada, espessa e bem-cuidada, e um corpo robusto, amarelo. O outro era um grande tigre com listras roxas ao redor do corpo ágil, membros poderosos e olhos que podiam ser vistos através das pálpebras semicerradas como brasas incandescentes. As enormes formas desses monarcas da floresta e da selva eram suficientes para aterrorizar o mais forte, e não era de admirar que Jim estivesse com medo de enfrentá-los.

Mas o Cavalete apresentou os estranhos em um tom calmo, dizendo:

– Este, nobre cavalo, é o meu amigo Leão Covarde, valente rei da floresta e fiel vassalo da princesa Ozma. E este é o Tigre Faminto, o terror da selva, que

gostaria de devorar bebês rechonchudos, mas não o faz porque sua consciência o impede. Estas feras reais são amigas calorosas da pequena Dorothy e vieram à Cidade das Esmeraldas esta manhã para recebê-la em nosso país das fadas.

Ao ouvir essas palavras, Jim acalmou-se. Ele curvou a cabeça com tanta dignidade para demonstrar respeito em relação às feras de aparência selvagem, que em troca elas também acenaram com a cabeça de forma amigável.

– O cavalo de verdade não é um belo animal? – perguntou o Cavalete, admirado.

– Isso é sem dúvida uma questão de gosto – respondeu o Leão. – Na floresta ele seria visto como uma criatura desajeitada: seu rosto é esticado, e seu pescoço, inutilmente comprido. Suas juntas estão inchadas e crescidas, ele é velho e descarnado.

– E terrivelmente rígido – acrescentou o Tigre Faminto, com voz triste. – Minha consciência jamais me permitiria comer um pedaço de carne tão dura como a de um cavalo de verdade.

– Fico feliz por isso – disse Jim. – Pois eu também tenho consciência, e ela me diz que não devo esmagar seu crânio com um golpe do meu poderoso casco.

Se ele pensou que poderia assustar a fera listrada com tal linguagem, enganou-se. O Tigre pareceu sorrir e piscou um olho lentamente.

– Você tem uma boa consciência, amigo cavalo – disse o tigre. – E se prestar atenção aos seus ensinamentos, ela o protegerá de vários perigos. Algum dia eu o deixarei tentar esmagar meu crânio, e então você ficará sabendo mais sobre os tigres do que sabe agora.

– Qualquer amigo de Dorothy – observou o Leão Covarde – deve ser nosso amigo também. Vamos então parar com esse papo de esmagamento de crânios e conversar sobre assuntos mais agradáveis. Você já comeu, amigo cavalo?

– Ainda não, respondeu Jim. – Mas aqui há muitos trevos excelentes, por isso, se me derem licença, vou comer agora.

– Ele é vegetariano – comentou o Tigre, enquanto o cavalo começava a mastigar o trevo. – Se eu comesse grama, não precisaria de consciência, pois nada poderia me tentar a devorar bebês e cordeiros.

Nesse momento, Dorothy, que havia se levantado cedo e ouvira as vozes dos animais, correu para cumprimentar seus velhos amigos. Ela abraçou o leão e o tigre com entusiasmo, mas parecia amar muito mais o rei das feras do que seu amigo faminto, por ter convivido com ele por mais tempo.

Eles conversaram, e Dorothy contou tudo sobre o terrível terremoto e suas recentes aventuras. O sino do café da manhã tocou no palácio, e a garotinha foi

se juntar a seus camaradas humanos. Quando ela entrou no grande salão, uma voz gritou, em um tom bastante áspero:

– O quê! Você aqui de novo?

– Pois é – respondeu ela, olhando ao redor para ver de onde vinha a voz.

– O que a trouxe de volta? – foi a próxima pergunta, e os olhos de Dorothy pousaram em um cabeça com chifres pendurada na parede logo acima da lareira, deixando-a sem reação.

– Meu Deus! – ela exclamou. – Achei que você fosse empalhado.

– E sou – respondeu a cabeça. – Mas certa vez fiz parte de Cervilho, que Ozma borrifou com o Pó da Vida. Fui então por algum tempo a cabeça da melhor Máquina Voadora que já existiu, e nós fizemos muitas coisas maravilhosas. Depois o Cervilho foi desmontado, e eu fui colocado de volta nesta parede, mas ainda posso falar quando estou de bom humor, o que raramente acontece.

– É muito estranho – disse a menina. – O que você era quando estava vivo?

– Não me lembro – respondeu a cabeça de Cervilho –, mas não acho que isso seja relevante. Aí vem Ozma, então é melhor eu me calar, pois a princesa não gosta que eu tagarele desde que mudou seu nome de Tip para Ozma.

Nesse momento, a jovem governante de Oz abriu a porta e cumprimentou Dorothy com um beijo de bom-dia. A pequena princesa parecia renovada, corada e de bom humor.

– O café da manhã está servido – disse ela –, e estou com fome. Portanto, não vamos deixá-lo esfriar nem mais um minuto.



OS NOVE LEITÕEZINHOS

Depois do café da manhã, Ozma anunciou que havia decretado um feriado a ser desfrutado por toda a Cidade das Esmeraldas, em homenagem aos visitantes. As pessoas ficaram sabendo que seu antigo Mágico havia voltado, e todos estavam ansiosos para vê-lo novamente, pois o amavam muito.

Foi então decidido que haveria um grande desfile pelas ruas, e após o evento o homenzinho iria realizar algumas de suas feitiçarias na grande Sala do Trono do palácio, a convite de Ozma. E na parte da tarde haveria jogos e corridas.

O desfile foi majestoso. Primeiro veio a Banda Imperial de Cornetas de Oz, vestindo uniformes de veludo esmeralda, com recortes de cetim verde-ervilha e botões de esmeraldas. Eles tocaram a canção nacional chamada “O estandarte cintilante de Oz”, e atrás deles vieram os porta-bandeiras com o estandarte real. A bandeira fora dividida em quatro quartos, um azul-celeste, outro cor-de-rosa, o terceiro lilás e o quarto branco. No centro via-se uma grande estrela verde-esmeralda, e nos quatro quartos havia lantejoulas costuradas que cintilavam lindamente à luz do sol. As cores representavam os quatro países de Oz, e a estrela verde, a Cidade das Esmeraldas.

Logo atrás dos porta-bandeiras reais vinha a princesa Ozma na carruagem real, de ouro incrustado com esmeraldas, diamantes e desenhos requintados. A carruagem era puxada pelo Leão Covarde e pelo Tigre Faminto, que na ocasião usavam imensos laços cor-de-rosa e azuis. Ozma vestia trajes esplêndidos e usava sua tiara real, enquanto a menina do Kansas, sentada a seu lado no veículo, usava ao redor da cintura o cinto mágico que ela havia capturado do

rei dos Nomos.

Logo atrás da carruagem seguia o Espantalho, montado no Cavalete, e as pessoas o aplaudiram quase tão ruidosamente quanto à sua adorável governante. Atrás dele, em passos regulares e espasmódicos, vinha o famoso Homem-Máquina chamado Tic-Tac, convocado por Dorothy para a ocasião. Tic-Tac era feito de cobre polido e movido por um mecanismo de relógio. Ele realmente pertencia à garota do Kansas, que tinha muito respeito por seus pensamentos depois de eles terem sido reorganizados. Como o homem de cobre seria inútil em qualquer lugar que não fosse um país de fadas, Dorothy o deixara sob os cuidados de Ozma, que concordara em tomar conta dele.

Em seguida veio a Banda da Corte Real, assim chamada porque todos os seus membros viviam no palácio. Eles usavam uniformes brancos com botões de diamantes reais e tocaram “O que é Oz sem Ozma”, muito docemente.

Então veio o professor Besourão, com um grupo de alunos da Faculdade Real de Atletismo Científico. Os meninos, que tinham cabelos longos e usavam suéteres listrados, gritavam o nome de sua faculdade a cada passo, para grande satisfação da população, feliz ao verificar que seus pulmões estavam em boas condições.

O Homem de Lata brilhante marchou em seguida, à frente do Exército Real de Oz, que consistia em vinte e oito oficiais, de generais a capitães. Não havia nenhum soldado no exército, porque todos eram tão corajosos e habilidosos que tinham sido promovidos um a um, até que não houvesse mais soldados. Jim e a charrete os seguiram, conduzidos por Zeb, enquanto o Mágico se levantava no assento e curvava a cabeça calva para a direita e para a esquerda em resposta aos aplausos do povo, que se aglomerava em torno dele.

O desfile foi um grande sucesso, e quando voltaram ao palácio, os cidadãos se aglomeraram na grande Sala do Trono para ver o Mágico realizar seus truques. A primeira coisa que o pequeno farsante fez foi pegar um minúsculo leitão branco de dentro do chapéu e fingir separá-lo, fazendo dois. Ele repetiu esse ato até que os nove minúsculos leitões estivessem visíveis, e eles ficaram tão contentes de sair de seu bolso que correram de uma maneira muito animada. As lindas criaturinhas seriam uma novidade em qualquer lugar que aparecessem, e as pessoas ficaram maravilhadas e encantadas, exatamente como o Mágico havia previsto. Quando ele fez todos desaparecerem novamente, Ozma lamentou que eles tivessem sumido, queria um deles para acariciar e brincar. Então o Mágico fingiu pegar um dos leitões do cabelo da princesa (quando na verdade ele astutamente o havia tirado de dentro do bolso), e Ozma sorriu alegremente quando a criaturinha se aninhou em seus braços,

prometendo fazer um colar de esmeraldas e colocá-lo no pescoço gordo do porquinho, para manter o pequenino sempre por perto a diverti-la.

Posteriormente, percebeu-se que o Mágico sempre executava seu famoso truque com apenas oito leitões, mas parecia agradar ao povo tão bem como se houvesse nove deles.

Em sua salinha nos fundos da Sala do Trono, o Mágico encontrou muitas coisas que tinha deixado para trás quando fora embora no balão, pois ninguém ocupara o apartamento desde sua ausência. Havia material suficiente para capacitá-lo a preparar vários truques novos que ele havia aprendido com alguns dos malabaristas do circo, e ele então passou a noite deixando tudo pronto.

No dia seguinte, ele fez o truque dos nove pequenos leitões, seguido de vários outros feitos maravilhosos que encantaram seu público. As pessoas pareciam não se importar se o homenzinho era um farsante ou não, desde que ele conseguisse diverti-los. O povo aplaudiu todos os seus truques, e no final da apresentação implorou para que ele não fosse embora novamente.

– Nesse caso – disse o homenzinho, sério –, cancelarei todos os meus compromissos com as cabeças coroadas da Europa e da América e me dedicarei ao povo de Oz, pois amo tanto vocês que não me sinto no direito de lhes negar nada.

Depois que o povo se despediu com essa promessa, nossos amigos juntaram-se à princesa Ozma em um almoço preparado no palácio, onde até o Tigre e o Leão foram suntuosamente alimentados, e Jim, o cavalo de carga, comeu mingau de aveia em uma tigela de ouro com sete fileiras de rubis, safiras e diamantes presos nas bordas.

À tarde, todos foram para um grande campo fora dos limites da cidade, onde os jogos deveriam ser realizados. Havia um belo dossel sob o qual Ozma e seus convidados se sentaram para observar as pessoas correrem, pularem e lutarem. O povo de Oz se esmerou, pois havia um grupo tão distinto observando-os, e finalmente Zeb se ofereceu para lutar com um pequeno munchkin que parecia ser o campeão. Pela aparência, ele tinha o dobro da idade de Zeb, pois tinha bigodes longos e usava um chapéu pontudo com pequenos sinos ao redor da aba, que tilintavam alegremente enquanto ele se movia. Mas embora o munchkin não fosse alto o suficiente para chegar ao ombro de Zeb, ele era tão forte e inteligente que colocou o menino três vezes nas costas com aparente facilidade.

Zeb ficou muito surpreso com a derrota, e quando a linda princesa se juntou a seu povo rindo dele, propôs uma luta de boxe com o munchkin, com

a qual o pequeno ozita prontamente concordou. Mas a primeira vez que Zeb conseguiu dar-lhe um soco de direita na orelha, o munchkin sentou-se no chão e chorou até que as lágrimas escorressem por seus bigodes, porque havia sido ferido. Isso fez Zeb rir, e o menino sentiu-se consolado ao descobrir que Ozma ria tão alegremente de seu choroso cidadão quanto dele. Nesse momento, o Espantalho propôs uma corrida entre o Cavalete e o cavalo de carga, e embora todos os outros tenham ficado encantados com a sugestão, o Cavalete recuou, dizendo:

– Tal corrida não seria justa.

– Claro que não – acrescentou Jim em tom de desprezo. – Essas suas perninhas de madeira não têm metade do comprimento das minhas.

– Não é isso – disse o Cavalete, modestamente. – É que eu nunca me canso, e você se cansa.

– Bah! – exclamou Jim, olhando com grande desdém para o outro. – Por um instante você pensou que uma imitação miserável de cavalo como você poderia correr tão rápido quanto eu?

– Não apenas sei como tenho certeza – respondeu o Cavalete.

– É isso que estamos tentando descobrir – comentou o Espantalho. – O objetivo de uma corrida é saber quem vai ganhar, ou pelo menos é o que meu excelente cérebro pensa.

– Na juventude – disse Jim – eu era um cavalo de corrida, e derrotei todos os que ousavam correr contra mim. Eu nasci em Kentucky, de onde são originários os melhores e mais aristocráticos cavalos.

– Mas agora você está velho, Jim – comentou Zeb.

– Velho! Ora, hoje estou me sentindo um potro – respondeu Jim. – Gostaria que houvesse um cavalo de verdade aqui para correr comigo. Eu daria ao povo um belo espetáculo, garanto.

– Então por que não corre com o Cavalete? – perguntou o Espantalho.

– Ele está com medo – disse Jim.

– Oh, não – respondeu o Cavalete. – Disse apenas que não era justo, mas se meu amigo, o cavalo de verdade, estiver disposto a entrar na corrida, estou pronto.

Então, eles desatrelaram Jim e tiraram a sela do Cavalete, e a combinação estranha dos dois animais foi colocada lado a lado para o início.

– Quando eu dizer “Vão!” – Zeb gritou para eles –, vocês devem disparar e correr até alcançarem aquelas três árvores que vocês veem ali. Em seguida, devem rodeá-las e voltar novamente. O primeiro que passar pelo local onde está sentada a princesa será o vencedor. Vocês estão prontos?

– Acho que vou dar uma pequena vantagem de tempo para a réplica de madeira – rosnou Jim.

– Não há necessidade – disse o Cavalete. – Farei o melhor que puder.

– Vão! – gritou Zeb. E com a palavra os dois cavalos saltaram para a frente e a corrida começou.

Os cascos grandes de Jim batiam com força, e embora ele não estivesse correndo de uma forma muito graciosa, sua velocidade dava credibilidade ao que ele acabara de contar sobre sua criação no Kentucky. Mas o Cavalete era mais rápido que o vento. Suas pernas de madeira moviam-se tão rápido que ele mal podia ser visto, e embora fosse muito menor que o cavalo de carga, seu corpo cobria o solo com muito mais impacto. Antes de eles chegarem às árvores, o Cavalete já estava muito à frente, e logo chegou ao ponto de partida para ser animado pelos oizitas, enquanto aguardava Jim chegar ofegante ao ponto onde a princesa e seus amigos estavam sentados.

Infelizmente, Jim não só teve vergonha de sua derrota, mas por um momento perdeu o controle. Quando olhou para o rosto cômico do Cavalete, imaginou que a criatura estivesse rindo dele, então, em um acesso de raiva irracional, virou-se de costas e deu um coice violento, que fez seu rival cair de cabeça no chão e quebrar uma das pernas e a orelha esquerda.

Na mesma hora, o Tigre agachou-se e lançou o enorme corpo pelos ares, velozmente, como uma bala de canhão. A besta atingiu Jim em cheio no ombro, fazendo o cavalo de carga, espantado, sair rolando, em meio aos gritos de alegria dos espectadores, que haviam ficado horrorizados com a situação indelicada que ele acabara de provocar.

Quando Jim voltou a si e sentou-se sobre as pernas, viu o Leão Covarde agachado de um lado e o Tigre Faminto do outro, com os olhos brilhando como bolas de fogo.

– Eu imploro seu perdão – disse Jim, humildemente. – Errei feio ao chutar o Cavalete, lamento ter ficado com raiva dele. Ele ganhou a corrida, e o fez de forma justa. Mas o que poderia um cavalo de carne fazer contra um animal incansável de madeira?

Ouvindo esse pedido de desculpas, o Tigre e o Leão pararam de agitar a cauda e recuaram com passos dignos, postando-se ao lado da princesa.

– Ninguém deve ferir um de nossos amigos na nossa presença – rosnou o Leão. Zeb correu para Jim e sussurrou que, a menos que controlasse seu temperamento no futuro, ele provavelmente seria despedaçado.

Então, o Homem de Lata cortou um galho reto e forte de uma árvore com seu machado reluzente e fez uma nova perna e uma nova orelha para o

Cavalete. Quando elas estavam devidamente presas no lugar, a princesa Ozma tirou a tiara da própria cabeça e a colocou sobre a cabeça do vencedor da corrida, dizendo:

– Meu amigo, eu o recompenso por sua rapidez e o proclamo Príncipe dos Cavalos, seja de madeira ou de carne. Doravante, todos os outros cavalos, na Terra de Oz pelo menos, devem ser considerados imitações, e você o verdadeiro campeão de sua raça.

Houve mais aplausos, e então Ozma colocou novamente a sela de joias no Cavalete e cavalgou o vencedor de volta para a cidade, onde o grande desfile havia começado.

– Devo ser uma fada – resmungou Jim, enquanto conduzia lentamente a charrete para casa –, já que ser um cavalo comum em um país das fadas não tem qualquer importância. Este lugar não é para nós, Zeb.

– É uma sorte termos chegado aqui – disse o rapaz, e, pensando na caverna escura, Jim concordou com ele.



O JULGAMENTO DE EUREKA, A GATINHA

Vários dias de festa e folia se passaram, pois esses velhos amigos não costumavam encontrar-se, e havia muito a ser dito e conversado entre eles, e muitos divertimentos a serem apreciados naquele país maravilhoso.

Ozma estava feliz por ter Dorothy a seu lado, porque as meninas de sua idade, com quem era apropriado a princesa conviver, eram muito poucas, e muitas vezes a jovem governante de Oz sentia-se solitária por falta de companhia.

Na terceira manhã após a chegada de Dorothy, ela estava sentada com Ozma e seus amigos em uma sala de recepção, conversando sobre os velhos tempos, quando a princesa disse à criada:

– Por favor, vá ao meu quarto, Jellia, e pegue o leitão branco que deixei na penteadeira. Quero brincar com ele.

Jellia imediatamente saiu do recinto para cumprir a ordem, e ficou fora por tanto tempo, que quase esqueceu o que tinha de fazer. Quando retornou, seu rosto tinha uma expressão perturbada.

– O leitão não está lá, Alteza – disse ela.

– Não está lá? – indagou Ozma. – Você tem certeza?

– Já olhei em todas as partes do quarto – respondeu a criada.

– A porta não estava fechada? – perguntou a princesa.

– Sim, Alteza. Tenho certeza que sim, mas quando eu abri a porta, a gatinha branca de Dorothy rastejou para fora e subiu as escadas correndo.

Ao ouvir isso, Dorothy e o Mágico trocaram olhares assustados, pois se lembraram das inúmeras vezes em que Eureka manifestara o desejo de comer

um leitão. A menina deu um pulo imediatamente.

– Venha, Ozma – disse ela, ansiosa. – Vamos nós mesmas procurar o leitão.

Então as duas foram ao quarto da princesa e procuraram cuidadosamente em cada vaso, cesto e enfeite que decorava o lindo toucador, mas não encontraram nenhum vestígio da minúscula criatura que procuravam.

Dorothy estava quase chorando, a essa altura, enquanto Ozma estava furiosa e indignada. Quando elas voltaram para a sala, a princesa disse:

– Restam poucas dúvidas de que o meu lindo leitão foi comido por aquela gata horrível, e se for verdade, exijo que ela seja punida.

– Não acredito que Eureka faria uma coisa tão horrível! – chorou Dorothy, muito angustiada. – Vá buscar minha gatinha, por favor, Jellia, e ouviremos o que ela tem a dizer sobre isso.

A donzela de verde saiu apressada, mas logo voltou e disse:

– A gatinha não virá. Ela ameaçou arrancar meus olhos se eu a tocasse.

– Onde ela está? – perguntou Dorothy.

– Debaixo da cama do seu quarto – foi a resposta.

Dorothy correu para o quarto e encontrou a gatinha debaixo da cama.

– Venha cá, Eureka! – disse.

– Não vou – respondeu a gatinha, de mau humor.

– Oh, Eureka! Por que você está se comportando tão mal?

A gatinha não respondeu.

– Se não vier até mim já – continuou Dorothy, provocando-a –, vou pegar meu cinto mágico e pedir para você voltar ao País das “Grágulas”.

– O que você quer? – perguntou Eureka, perturbada com a ameaça.

– Você deve ir ver a princesa Ozma. Ela quer falar com você.

– Tudo bem – respondeu Eureka, assustando-se. – Não tenho medo de Ozma nem de mais ninguém.

Dorothy a carregou nos braços para a sala onde os outros estavam sentados, tristes e pensativos.

– Diga-me, Eureka – disse a princesa, delicadamente. – Você comeu o meu leitão?

– Não vou responder a uma pergunta tão tola – afirmou Eureka, com um grunhido.

– Oh, você vai sim – declarou Dorothy. – O leitão se foi, e você saiu correndo do quarto quando Jellia abriu a porta. Então, se você for inocente, Eureka, deve dizer à princesa como foi parar no quarto dela e o que aconteceu com o leitão.

– Quem me acusa? – perguntou a gatinha, desafiadoramente.

– Ninguém – respondeu Ozma. – Suas ações a acusam. O fato é que deixei meu bichinho de estimação em meu quarto, dormindo sobre a mesa, e você deve tê-lo roubado sem eu saber. Quando a porta foi aberta em seguida, você correu para fora e se escondeu, e o leitão havia desaparecido.

– Isso não é da minha conta – rosnou o animal.

– Não seja atrevida, Eureka – advertiu Dorothy.

– Você é que é atrevida – disse Eureka – por me acusar de tal crime sem provas, baseada em suposições.

Ozma ficou muito indignada com a conduta da gata e convocou o capitão-general para o recinto. Quando o oficial magro e comprido apareceu, ela disse:

– Leve esta gata para a prisão e a mantenha em confinamento até que seja julgada por lei pelo crime de homicídio.

Então o capitão-general tirou Eureka dos braços de Dorothy, agora chorosa, e, apesar dos rosnados e arranhões da gatinha, levou-a para a prisão.

– O que é que devemos fazer agora? – perguntou o Espantalho, com um suspiro, pois tal crime havia deixado todos os presentes entristecidos.

– Vou convocar a corte para reunir-se na Sala do Trono às três horas – respondeu Ozma. – Eu mesma serei a juíza, e o animal terá um julgamento justo.

– O que vai acontecer se ela for culpada? – perguntou Dorothy.

– Ela deve morrer – respondeu a princesa.

– Nove vezes? – perguntou o Espantalho.

– Quantas vezes forem necessárias – foi a resposta. – Vou pedir ao Homem de Lata que defenda a prisioneira. Por ter um coração tão bom, tenho certeza de que fará o possível para salvá-la. E pedirei ao Besourão para ser o promotor de justiça, porque ele é tão culto que ninguém poderá enganá-lo.

– Quem fará parte do júri? – perguntou o Homem de Lata.

– Deveria haver vários animais no júri – disse Ozma –, porque os animais compreendem melhor uns aos outros do que nós. Portanto, o júri deve consistir no Leão Covarde, o Tigre Faminto, Jim, o cavalo de carga, Billina, a galinha amarela, o Espantalho, o Mágico, Tic-Tac, o Homem-Máquina, o Cavalete e Zeb, do rancho de Hugson. Assim teremos os nove que a lei exige, e todo o meu povo será admitido para ouvir o testemunho.

Eles então se separaram para preparar-se para a triste cerimônia, pois sempre que um apelo era feito à lei, a tristeza era quase certa, mesmo em um país de fadas como o de Oz. Mas deve-se deixar claro que o povo daquela terra era geralmente tão bem-comportado, que não havia um único advogado entre eles, e fazia anos desde que um governante julgara um infrator da lei. O crime

de homicídio é o mais terrível de todos, por isso o clima de ansiedade prevaleceu na Cidade das Esmeraldas quando a notícia da prisão e do julgamento de Eureka se tornou conhecida.

O Mágico, quando voltou para o seu quarto, ficou extremamente pensativo. Ele não tinha dúvida de que Eureka tinha comido seu leitão, mas também sabia que não se podia esperar que um gatinho agisse corretamente em todas as ocasiões, já que sua natureza é destruir pequenos animais e até pássaros para se alimentar, e o gato domesticado que mantemos em nossa casa hoje é descendente do gato selvagem, uma criatura muito feroz, de fato. O Mágico sabia que, se o animal de estimação de Dorothy fosse considerado culpado, ele seria condenado à morte, e a menina ficaria muito infeliz. Então, embora estivesse tão aflito com o triste destino de seu pequeno leitão quanto os outros, o homenzinho decidiu salvar a vida de Eureka.

Mandando buscar o Homem de Lata, o Mágico o levou até um canto e sussurrou:

– Meu amigo, é seu dever defender a gatinha branca e tentar salvá-la, mas tenho medo de que possa falhar em sua missão, porque Eureka há muito tempo deseja comer um leitão. E, na minha opinião, ela seria incapaz de resistir à tentação. Ainda assim, sua desgraça e morte não trariam de volta o leitão, apenas serviriam para deixar Dorothy infeliz. Então eu pretendo provar a inocência da gatinha com um truque.

Ele tirou de seu bolso interno um dos oito pequenos leitões que restavam e continuou:

– Você deve esconder essa criatura em algum lugar seguro, e se o júri decidir que Eureka é culpada, você pode mostrar este leitão alegando ser aquele que se perdeu. Todos os leitões são exatamente iguais, então ninguém poderá contestar sua palavra. Esse engano salvará a vida de Eureka, e então todos seremos felizes novamente.

– Não gosto de enganar os meus amigos – respondeu o Homem de Lata. – Porém, meu bom coração me exorta a salvar a vida de Eureka, e geralmente sigo os seus ditames para fazer a coisa certa. Por isso vou fazer o que você diz, meu amigo Mágico.

Depois de pensar um pouco, ele colocou o porquinho dentro de seu chapéu afunilado, colocou-o na cabeça e, em seguida, voltou ao quarto para pensar no discurso que faria ao júri.



O MÁGICO REALIZA OUTRO TRUQUE

Às três horas, a Sala do Trono estava lotada de cidadãos, homens, mulheres e crianças, ansiosos para testemunhar o grande julgamento. A princesa Ozma, vestida com seus trajes mais esplêndidos de governante, sentou-se no magnífico trono de esmeralda, com o cetro cravejado de joias na mão e a tiara brilhante na testa. Atrás do trono estavam os vinte e oito oficiais de seu exército e muitos oficiais da Casa Real. À sua direita, estava o júri estranhamente diversificado, com animais, pessoas e réplicas animadas, todos seriamente preparados para ouvir o que seria dito. A gatinha foi colocada em uma grande gaiola em frente do trono, olhando através das barras a multidão a seu redor com aparente descaso.

Então, ao sinal de Ozma, o promotor sr. Besourão levantou-se e dirigiu-se ao júri. Seu tom era pomposo, e ele se pavoneava para cima e para baixo em uma tentativa absurda de parecer digno.

– Alteza Real e caros cidadãos – começou. – A gata que vocês veem aqui é uma prisioneira acusada de um crime: primeiro de assassinar e depois comer o estimado leitão gordo de nossa governante, ou primeiro comer e depois assassinar. De qualquer forma, um crime grave foi cometido e merece uma pena grave.

– Quer dizer que minha gatinha deve ser enterrada? – perguntou Dorothy.

– Não me interrompa, menina – disse Besourão. – Quando eu estou organizando meus pensamentos, não gosto que nada os perturbe ou os deixe confusos.

– Se os seus pensamentos fossem bons, não se confundiriam – comentou o

Espantalho, sinceramente. – Meus pensamentos são sempre...

– Isto é um julgamento de pensamentos ou de gatos? – questionou Besourão.

– É o julgamento de um gato – respondeu o Espantalho. – Mas seus modos são um julgamento para todos nós.

– Deixe o promotor de justiça continuar – falou Ozma de seu trono. – E espero que não o interrompam mais.

– A criminosa que agora está perante o tribunal lambendo as patas – retomou Besourão – há muito tempo deseja comer ilegalmente o leitão gordo, que não era maior do que um rato. E finalmente ela bolou um plano perverso para satisfazer seu apetite depravado por carne de porco. Eu consigo visualizá-la em minha mente.

– Como assim? – perguntou o Espantalho.

– Eu disse que posso vê-la em minha mente.

– A mente não tem olho – declarou o Espantalho. – É cega.

– Alteza – exclamou Besourão, apelando para Ozma –, existe o olho da mente, certo?

– Se sim, é invisível – disse a princesa.

– É verdade – respondeu Besourão, curvando-se. – Vejo a criminosa com meu olho da mente rastejando furtivamente, quando ninguém estava olhando, até o quarto de nossa Ozma, e escondendo-se até que a princesa saísse de lá e a porta fosse fechada. Então a assassina foi sozinha até sua vítima indefesa, o leitão gordo, e consigo vê-la atacando e devorando a criatura inocente.

– Você ainda está vendo com os olhos da mente? – perguntou o Espantalho.

– Claro! De que outra forma eu poderia ver isso? E sabemos que isso é verdade porque desde que nos reunimos, não vimos leitões em lugar nenhum.

– Suponho que, se a gata tivesse partido, em vez do leitão, a sua mente veria o leitão comendo o gato – sugeriu o Espantalho.

– É provável – reconheceu Besourão. – E agora, cidadãos e criaturas do júri, afirmo que este crime tão terrível merece a morte, e no caso da criminosa feroz diante de vocês, que agora está lavando o rosto, a pena de morte deveria ser aplicada nove vezes.

Houve muitos aplausos quando o orador se sentou. Então a princesa falou com severidade:

– Prisioneira, o que tem a dizer em sua defesa? Você é culpada ou inocente?

– Ora, isso Vossa Alteza é que deve descobrir – respondeu Eureka. – Se puder provar que sou culpada, estou disposta a morrer nove vezes, mas o olho da mente não é prova, porque Besourão não tem mente para ver.

– Não importa, querida – disse Dorothy.

Então o Homem de Lata levantou-se e disse:

– Respeitável júri e nossa amada Ozma, rogo-lhes para que não julguem este felino prisioneiro insensivelmente. Eu não acho que a gatinha inocente seja culpada, e certamente é indelicado acusar uma refeição de ser um assassinato. Eureka é o doce animal de estimação de uma adorável menina a quem todos nós admiramos, e gentileza e inocência são suas principais virtudes. Olhem para estes olhos astutos (nesse ponto, Eureka fechou os olhos sonolentemente). Olhem para este belo sorriso (Eureka rosnou e mostrou os dentes). Observem a posição terna de suas patinhas macias e acolchoadas (nesse momento, Eureka mostrou as garras afiadas e arranhou as barras da gaiola). Um animal tão gentil seria culpado de comer um semelhante? Não. Mil vezes, não!

– Ah, chega dessa conversa mole – disse Eureka. – Você já falou o bastante.

– Estou tentando defendê-la – protestou o lenhador.

– Então diga algo sensato – retorquiu a gata. – Diga-lhes que seria uma tolice se eu comesse o leitão, porque tive o bom senso de perceber que, se o fizesse, provocaria uma briga. Mas não tente fingir que sou inocente demais para comer um leitão gordo. Se eu pudesse fazer isso, certamente não seria descoberta. Posso até imaginar o gosto que teria.

– Talvez sim, para aqueles que comem – observou o Homem de Lata. – Eu mesmo, como não fui feito para me alimentar, não tenho experiência pessoal em tais assuntos. Mas me lembro que nosso grande poeta uma vez disse: “Comer é doce quando a sede da fome exige um deleite de carne salgada”. Levem isso em consideração, amigos do júri, e vocês decidirão prontamente que a gatinha está sendo acusada injustamente e a ela deve ser dada a liberdade.

Quando o lenhador se sentou, ninguém o aplaudiu, pois seus argumentos não tinham sido muito convincentes, e poucos acreditaram que ele havia provado a inocência de Eureka. Quanto ao júri, os membros sussurraram uns para os outros por alguns minutos e então nomearam o Tigre Faminto seu porta-voz. A enorme besta lentamente levantou-se e disse:

– Os gatinhos não têm consciência, por isso comem o que lhes agrada. O júri acredita que a gatinha branca conhecida como Eureka é culpada de ter comido o leitão da princesa Ozma e recomenda que ela seja condenada à morte como punição pelo crime.

O julgamento do júri foi recebido com muitos aplausos, embora Dorothy tenha solucionado miseravelmente com o destino de seu animal de estimação. A

princesa estava prestes a ordenar que cortassem a cabeça de Eureka com o machado do Homem de Lata, quando ele mais uma vez se levantou e se dirigiu a ela.

– Alteza – disse ele –, veja como é fácil para um júri enganar-se. A gatinha não poderia ter comido o seu leitão, pois aqui está ele!

Ele tirou seu chapéu de funil, embaixo do qual estava um minúsculo leitão branco, que ele ergueu para que todos pudessem ver claramente.

Encatada, Ozma exclamou, ansiosa:

– Dê-me o meu animal de estimação, Nick Lenhador!

E todas as pessoas aplaudiram, alegrando-se de a ré ter escapado da morte provando sua inocência.

Segurando o leitão branco nos braços e acariciando seu pelo macio, a princesa disse:

– Tirem Eureka da gaiola, pois ela não é mais uma prisioneira, e sim nossa boa amiga. Onde você encontrou meu animal de estimação perdido, Nick Lenhador?

– Numa sala do palácio – respondeu ele.

– A justiça – observou o Espantalho, com um suspiro – pode ser enganosa. E se você não tivesse encontrado o leitão por acaso, Eureka certamente teria sido executada.

– Mas a justiça prevaleceu no final – disse Ozma –, pois aqui está meu mascote, e Eureka já foi libertada.

– Recuso-me a ser livre – exclamou a gata, com voz cortante –, a menos que o Mágico possa fazer o seu truque com oito leitões. Se ele o reproduzir com apenas sete, então este não é o leitão que foi perdido, e sim outro no lugar dele.

– Pssst, Eureka! – avisou o Mágico.

– Não seja tola! – aconselhou o Homem de Lata. – Você vai acabar se dando mal.

– O leitão que pertencia à princesa usava uma coleira de esmeralda – disse Eureka em voz alta o suficiente para todos ouvirem.

– É mesmo! – exclamou Ozma. – Então este não é o que o Mágico me deu.

– Claro que não. Ele tinha nove deles, ao todo – declarou Eureka. – E devo dizer que foi muito mesquinho da parte dele não me deixar comer apenas alguns. Mas agora que esta provação tola acabou, eu direi o que realmente aconteceu com seu leitão de estimação.

Com isso, todos na Sala do Trono de repente ficaram quietos, e a gatinha continuou, em um tom de voz calmo e zombeteiro:

– Confesso que pretendia comer o porquinho no almoço, então entrei no

quarto onde ele estava enquanto a princesa se vestia e me escondi debaixo de uma cadeira. Quando a princesa foi embora e fechou a porta, o bichinho estava em cima da mesa. Imediatamente eu pulei e disse ao leitão para não fazer barulho, pois ele estaria dentro de mim em poucos segundos, mas ninguém pode ensinar uma dessas criaturas a ser razoável. Em vez de ficar parado, para que eu pudesse comê-lo confortavelmente, ele tremia tanto de medo que caiu da mesa em um grande vaso que estava no chão. O vaso tinha um gargalo muito pequeno e estendia-se na parte superior como uma tigela. Inicialmente, o leitão ficou preso no gargalo do vaso, e achei que devia pegá-lo, mas ele se contorceu e acabou caindo na parte inferior. Suponho que ele ainda esteja lá.

Todos ficaram surpresos com a confissão, e Ozma imediatamente enviou um oficial ao seu quarto para pegar o vaso. Quando ele voltou, a princesa olhou para o pescoço estreito do grande ornamento e encontrou seu leitão perdido, exatamente onde Eureka disse que ele estaria.

Não havia como tirar a criatura sem quebrar o vaso, então o Homem de Lata o esmagou com seu machado e libertou o pequeno prisioneiro. Em seguida, a multidão aplaudiu vigorosamente. Dorothy abraçou a gatinha e lhe disse que estava encantada em saber que ela era inocente.

– Mas por que não nos contou isso antes? – ela perguntou.

– Teria estragado a diversão – respondeu a gatinha, bocejando.

Ozma devolveu ao Mágico o leitão que ele tão gentilmente permitira que Nick Lenhador substituísse pelo perdido, e então ela carregou o seu para os aposentos do palácio onde morava. Em seguida, com o julgamento tendo chegado ao fim, os bons cidadãos da Cidade das Esmeraldas foram para casa, satisfeitos com a diversão do dia.



ZEB RETORNA AO RANCHO

Eureka ficou muito surpresa ao saber que caíra em desgraça. Apesar de não ter comido o leitão, o povo de Oz sabia que a gatinha havia tentado cometer o crime, e que só fora impedida de fazê-lo devido a um acidente. Por esse motivo, até o Tigre Faminto preferiu não se juntar a ela. Eureka então foi proibida de vagar pelo palácio e obrigada a ficar confinada no quarto de Dorothy. Ela implorou à menina que a mandasse para outro lugar onde pudesse divertir-se, e como Dorothy estava ansiosa para voltar para casa, ela então prometeu a Eureka que não ficariam na Terra de Oz por muito mais tempo.

Na noite seguinte, após o julgamento, a menina pediu a Ozma para olhar a fotografia encantada, e a princesa prontamente consentiu. Ela levou a garota para seu quarto e disse:

– Faça o seu pedido, e a imagem mostrará a cena que deseja ver.

Então Dorothy descobriu, com a ajuda da foto encantada, que o tio Henry voltara para a fazenda em Kansas, e também pôde ver que ele e tia Em estavam de luto, porque pensavam que a sobrinha tinha morrido no terremoto.

– De fato – disse a menina, ansiosa –, devo voltar o mais depressa possível para minha família.

Zeb também queria ver sua casa, e, embora não tenha encontrado ninguém de luto por ele, a visão do Rancho Hugson na foto o fez desejar voltar para casa.

– Este é um excelente país, e gosto de todas as pessoas que nele vivem – disse ele a Dorothy. – Mas o fato é que Jim e eu parecemos não nos encaixar

em um país de fadas, e o velho cavalo tem me implorado para voltar para casa desde que perdeu a corrida. Então, se você puder encontrar uma maneira de irmos, nós ficaremos muito gratos.

– Ozma pode fazer isso facilmente – respondeu Dorothy. – Amanhã de manhã voltarei ao Kansas, e você pode ir para a Califórnia.

Aquela última noite foi tão deliciosa que o menino nunca a esqueceria enquanto vivesse. Eles estavam todos juntos (exceto Eureka) nos belos aposentos da princesa, e o Mágico fez alguns truques novos, o Espantalho contou histórias, o Homem de Lata cantou uma canção de amor com uma voz sonora e metálica, e todos riram e se divertiram. Então Dorothy deu corda no Tic-Tac, que começou a dançar para divertir o pessoal, após a galinha amarela contar algumas de suas aventuras com o rei dos Nomos na Terra de Ev.

A princesa serviu refrescos deliciosos para aqueles que tinham o hábito de comer e beber, e quando chegou a hora de Dorothy dormir, o grupo trocou sentimentos amistosos.

Na manhã seguinte, todos se reuniram para a separação final, e muitos oficiais e criados vieram assistir à impressionante despedida.

Dorothy segurou Eureka nos braços e despediu-se afetuosamente dos amigos.

– Você tem que voltar, algum dia – disse o pequeno Mágico. E ela prometeu que retornaria, se achasse uma forma de fazê-lo.

– Mas o tio Henry e a tia Em precisam de mim para ajudá-los – acrescentou ela. – Por isso não posso ir para muito longe da fazenda no Kansas.

Usando o cinto mágico Ozma deu um beijo de despedida em Dorothy e realizou seu desejo: a menina e sua gatinha desapareceram em um piscar de olhos.

– Onde ela está? – perguntou Zeb, bastante perplexo com a rapidez daquilo.

– A esta altura, cumprimentando o tio e a tia no Kansas – respondeu Ozma, com um sorriso.

Então Zeb trouxe Jim, atrelado ao cabriolé, e sentou-se.

– Estou muito agradecido por toda a sua gentileza – disse o rapaz. – E sou muito grato a você por ter salvado minha vida e por me mandar para casa novamente, depois de todos os bons momentos que tivemos. Acho que este é o país mais adorável do mundo, mas como não somos fadas, eu e Jim sentimos a necessidade de voltar para o lugar a que pertencemos, o rancho. Adeus a todos!

Ele se assustou e esfregou os olhos. Quando os abriu novamente, Jim estava trotando ao longo da estrada, sacudindo as orelhas e o rabo, satisfeito. Logo à

frente deles estavam os portões do Rancho Hugson, e o tio Hugson veio em sua direção, boquiaberto e com os braços erguidos, encarando-os com espanto.

– Graças a Deus! É Zeb, e Jim também! – ele exclamou. – Em que lugar do mundo você estava, meu rapaz?

– O senhor não acreditaria se eu contasse – respondeu Zeb, com uma gargalhada.